

**INICIAÇÃO DESPORTIVA DE RAPARIGAS NOS CLUBES DE
FUTEBOL**

ESTUDO DA PERSPETIVA DE JOVENS JOGADORAS, DA FAMÍLIA E DE
TREINADORES.

“DISSERTAÇÃO APRESENTADA COM
VISTA À OBTENÇÃO DO SEGUNDO CICLO
(DECRETO-LEI Nº74/2006 DE 24 DE
MARÇO) EM DESPORTO PARA CRIANÇAS
E JOVENS”

ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA PAULA BOTELHO GOMES

CO-ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA PAULA SILVA

RITA MATOS TEIXEIRA DE LIMA

PORTO, 2013

Lima, Rita, (2013) Iniciação desportiva de raparigas nos clubes de Futebol - Estudo da perspetiva de jovens jogadoras, da família e de treinadores no distrito do Porto. Dissertação de Mestrado em Desporto para crianças e jovens, apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS CHAVE: FUTEBOL FEMININO, INICIAÇÃO, DESPORTO.

AGRADECIMENTOS

À Professora Paula Botelho Gomes pela disponibilidade que sempre manifestou na realização desta dissertação, pela iniciativa pessoal que demonstrou ao longo da orientação deste trabalho e pela oportunidade concedida de lutar pelo que se acredita.

À Professora Paula Silva pelo apoio, pelos incentivos e pelos conselhos que nunca hesitou dar, por sempre ter demonstrado acreditar que os objetivos se cumpriram.

Aos entrevistados, às jogadoras, pais e treinadores que tornaram este estudo possível pela disponibilidade que apresentaram, aligeirando fases que se poderiam revelar morosas.

A todas as jogadoras, treinadoras/es e diretoras/es que comigo viveram anos de futebol, momentos únicos, treinos, jogos e conquistas, que me motivaram para este trabalho. Esta é a minha paixão, o futebol. Agradeço todos os que me ajudaram nesta “caminhada”...

A todos os meus Amigos, em especial à “Família Boavisteira” que faz parte da minha vida, cada uma/um de uma forma especial e única...

Aos meus pais e à minha irmã, obrigada por tudo o que me proporcionaram, pelo carinho, pela dedicação, pelo apoio, pelo amor!!!

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	II
ÍNDICE.....	III
ÍNDICE DE QUADROS.....	V
ÍNDICE DE TABELAS/FIGURAS/ILUSTRAÇÕES.....	VII
RESUMO.....	VIII
ABSTRACT.....	XV
RESUMÉ.....	X
1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DE LITERATURA	4
1. As Raparigas no Desporto	4
O papel da mulher no Desporto e as relações de género.....	4
2. Enquadramento Futebol Feminino em Portugal.....	17
Futebol Feminino no Distrito do Porto:	17
Condicionantes da formação:	19
Realidade do Futebol e Futsal em Portugal:	20
Realidade do Futebol Feminino em Portugal:.....	21
A Família e os Treinadores na Iniciação das Raparigas no Futebol.....	23
Os Primórdios do Futebol Feminino no Mundo.....	25
A História do Futebol Feminino em Portugal	29
A Realidade do Futebol Feminino em Portugal.....	34
Realidade Portuguesa – Dificuldades e Alegrias:	41
Desporto Escolar:	42
Problemas das raparigas na entrada no futebol:.....	45
Organizações:	46
Perspetivas	64
3. Iniciação Desportiva das Raparigas no Futebol.....	66
Contextualização da Iniciação e Formação:	66
Conceito de Formação:	67
Importância da formação:.....	68
Importância do Processo de Formação:.....	69

Aspetos Promotores e/ou Inibidores da Iniciação Desportiva:	72
A importância da família:	72
A importância dos meios de comunicação social:	73
Importância do professor de educação física:	76
Importância dada à formação como sustentabilidade económica:.....	77
3. METODOLOGIA.....	79
3.1. O conceito de Método	79
6. A primazia da experiência subjetiva como fonte do conhecimento	82
7. O estudo dos fenómenos a partir da perspectiva do outro ou respeitando os seus marcos de referência	82
8. O interesse em se conhecer a forma como as pessoas experienciam e interpretam o mundo social que também acabam por construir interactivamente	82
4. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS	89
Categoria A – O Futebol na vida das raparigas	89
Categoria B – Oferta Desportiva dos Clubes	96
Categoria C – Influência social (Pais; Amigos; Escola; Professores).....	102
Categoria D – Visibilidade Futebol Feminino	117
Categoria E – Motivos início tardio das Raparigas no Futebol.....	130
Categoria F – Perspetivas no Futebol Feminino.....	151
5. DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	160
6. CONCLUSÕES.....	170
7. BIBLIOGRAFIA.....	175
8. ANEXOS	179

Índice de Quadros

Quadro 1: Composição e funcionamento dos grupos entre meninos e meninas (Rodrigues, 2003:54)	13
Quadro 2: Reforço direto (Rodrigues, 2003:59)	14
Quadro 3: Consonância cognitiva (Rodrigues, 2003: 61)	15
Quadro 4: Compatibilidade comportamental (Rodrigues, 2003:62)	15
Quadro 5: Enquadramento Futebol Feminino em Portugal	17
Quadro 6: Enquadramento Equipas Futebol e Futsal Femininas no Distrito do Porto .	17
Quadro 7: Caracterização das Equipas do Distrito do Porto	18
Quadro 8: Atitudes da Criança (Wallon, 1979)	25
Quadro 9: Grelha Teórica - Formação	66
Quadro 10: Grelha Teórica - Aspetos relevantes da Formação Desportiva.....	72
Quadro 11: Frequência de resposta à questão "O teu clube é perto de casa?"	97
Quadro 12: Frequência de resposta à questão "O clube onde a sua filha joga é perto de casa?"	97
Quadro 13: Frequência de resposta à questão "Se o clube onde jogas fosse mais longe achas que os teus pais te levariam?"	98
Quadro 14: Frequência de resposta à questão "Se o clube onde ela joga fosse mais longe levá-la-ia para esse clube?"	99
Quadro 15: Frequência de resposta à questão "O teu clube apoia a tua equipa?" Apoia da mesma forma que as outras equipas no clube?"	99
Quadro 16: Frequência de resposta à questão "O clube apoia a equipa feminina de futebol? Apoia da mesma forma que outras equipas do clube?"	100
Quadro 17: Frequência de resposta à questão "Os teus pais incentivaram-te para começares a jogar futebol?"	103
Quadro 18: Frequência de resposta à questão "Incentivou a sua filha a jogar futebol?"	104
Quadro 19: Frequência de resposta à questão "Os teus pais apoiaram-te quando quiseste entrar no clube?"	106
Quadro 20: Frequência de resposta à questão "Apoiou a sua filha quando quis entrar no clube?"	106
Quadro 21: Frequência de resposta à questão "O/a teu professor/a de educação física mostra interesse e apoio no teu percurso como jogadora de futebol?"	107
Quadro 22: Frequência de resposta à questão "Na escola quando eras mais pequena jogavas futebol?"	109
Quadro 23: Frequência de resposta à questão "A escola foi importante para começares a jogar futebol?"	110
Quadro 24: Frequência de resposta à questão "Onde começaste a sentir o gosto por jogar futebol?"	111
Quadro 25: Frequência de resposta à questão "Ouves palavras negativas pelo fato de jogares futebol?"	114
Quadro 26: Frequência de resposta à questão "Ouve palavras negativas pelo fato da sua filha jogar futebol?"	115
Quadro 27: Frequência de resposta à questão "Tens algum ídolo para ti que é uma referência no futebol? Alguém que gostas de ver a jogar futebol?"	118

Quadro 28: Frequência de resposta à questão "No caso da resposta ser um jogador, questionar quanto a uma jogadora?"	118
Quadro 29: Frequência de resposta à questão "Acompanhas o Campeonato Nacional de futebol feminino sénior?"	119
Quadro 30: Frequência de resposta à questão "Se fossem transmitidos jogos de futebol feminino na TV, o que achas que aconteceria à modalidade?"	120
Quadro 31: Frequência de resposta à questão "Conheces o trabalho que tem sido feito pelas organizações para o crescimento e desenvolvimento do futebol feminino?"	128
Quadro 32: Frequência de resposta à questão "Conhece o trabalho que tem sido feito pelas organizações para o crescimento e desenvolvimento do futebol feminino?"	128
Quadro 33: Frequência de resposta à questão "Há quem ache, que se as raparigas iniciam a prática de futebol aos 14, 15 anos o futebol feminino não consegue evoluir. O que pensas disto?"	131
Quadro 34: Frequência de resposta à questão "O futebol é o desporto rei no nosso país. Achas que também o é quando falamos de futebol feminino?"	139
Quadro 35: Frequência de resposta à questão "O futebol é o desporto rei no nosso país. Acha que também o é quando falamos de futebol feminino?"	141
Quadro 36: Frequência de resposta à questão "Preferias jogar só contra raparigas?"	148
Quadro 37: Frequência de resposta à questão "Prefere que a sua filha jogue só contra raparigas?"	149
Quadro 38: Frequência de resposta à questão "Até quando queres jogar futebol?" ..	151

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Número de mulheres e homens inscritos/as na FPF/2010 (APMD, 2011) ..	35
Gráfico 2: Número de mulheres e homens inscritas/os nos escalões Até júnior e Júnior+Sénior na FPF 2010 (APMD, 2011).....	35
Gráfico 3: Percentagem de praticantes nos escalões femininos Até Júnior e Júnior+Sénior na FPF/2010 (APMD, 2011).....	36
Gráfico 4: Número de mulheres inscritas no escalão Júnior+Sénior nas 6 federações de desportos coletivos/2010 (APMD, 2011)	37
Gráfico 5: Evolução da taxa de feminização nos escalões Até júnior e Júnior+Sénior na FPF, entre 2001 e 2010 (APMD, 2011).....	37
Gráfico 6: Número de mulheres inscritas nos escalões Até júnior e Júnior+Sénior nas federações de 4 desportos coletivos entre 2001 e 2010 (APMD, 2011).....	38
Gráfico 7: Número de mulheres inscritas, por modalidade e escalão competitivo, nas Associações Distritais de Futebol, em 2010/2011 (APMD, 2011)	39
Gráfico 8: Número de equipas inscritas, por modalidade e escalão competitivo, nas Associações Distritais de Futebol, em 2010/2011 (APMD, 2011)	39
Gráfico 9: Número de equipas inscritas, por modalidade e escalão competitivo, nas 22 Associações Distritais de Futebol, em 2010/2011 (APMD, 2011)	40
Gráfico 10: Número de inscrições de alunas e alunos registadas pelo Desporto Escolar. Ano lectivo 2010/2011 (APMD, 2011)	43
Gráfico 11: Número de inscrições de alunas e alunos no Futsal registadas pelo Desporto Escolar. Ano lectivo 2010/2011 (APMD, 2011)	44
Gráfico 12: Número de inscrições de alunas e alunos em 4 modalidades coletivas registadas pelo Desporto Escolar. Ano lectivo 2010/2011 (APMD, 2011)	44

Índice de Tabelas

Tabela 1: Realidade Futebol e Futsal Feminino no Distrito do Porto (FPF/APMD, 2010)	19
Tabela 2: Indicadores de Pratica Portugal (FPF/APMD, 2010)	21

Índice de Ilustrações

Ilustração 1: Formar é.....	67
Ilustração 2: "Dificuldades suplantadas pelo nosso amor ao futebol" (Jornal Destak) .	75

RESUMO

O presente estudo tem como tema a iniciação desportiva das raparigas nos clubes/escolas de futebol. Pretendo obter perspetivas das jogadoras, da família e dos treinadores. Este é o momento das raparigas conquistarem o mundo do futebol. Há muito que o futebol deixou de ser só para homens, estando o futebol feminino em Portugal a ganhar adeptos. Hoje, pode-se dizer que está diferente, contudo ainda há um longo caminho a percorrer.

A amostra é constituída por dezoito raparigas jogadoras de futebol (entre os 10 e os 14 anos); cinco pais, cinco mães, um avô (entre os 35 e 66 anos); e quatro treinadores (entre os 22 e 24 anos). Foram realizadas entrevistas semi diretivas e feito o seu registo em vídeo. Depois da transcrição integral de todas as entrevistas, procedeu-se à análise dos dados. O estudo foi realizado em três clubes do distrito do Porto. As entrevistas centram-se nos seguintes temas: (1) o futebol na sua vida, (2) oferta desportiva, (3) influência dos pais; professor; amigos; escola (4) visibilidade futebol feminino (5) motivos para início tardio das raparigas no futebol (6) perspetivas no futebol feminino.

Concluí sobretudo que o futebol é o desporto rei em Portugal, mas não o é quando falamos de futebol feminino. A taxa de feminização no futebol é muito baixa, sobretudo nos escalões de formação. A oferta desportiva para as raparigas é escassa. A maior influência para as raparigas iniciarem o futebol é a escola. A comunicação social é fundamental para combater a invisibilidade do futebol feminino. Os motivos para o início tardio das raparigas no futebol são a falta de clubes, falta de escalões de formação, pouca divulgação, falta de investimento na formação, a distância dos clubes, o gosto das raparigas por outros desportos orientados pela sua educação, a impossibilidade de decisão enquanto menores e juniores, e a ausência da iniciação do futebol nas escolas desde crianças. Vão ser apresentadas no estudo as perspetivas das raparigas, pais e treinadores no futebol feminino.

PALAVRAS CHAVE: FUTEBOL FEMININO, INICIAÇÃO, DESPORTO.

ABSTRACT

The present study has as its theme the initiation of girls in sports clubs / football schools. I want to get perspectives of the players, coaches and family. This is the time girls conquer the world of football. There is much that football is no longer just for men, with women's football in Portugal to gain supporters. Today, we can say that is different, yet there is still a long way to go.

The sample consists of eighteen girl's soccer players (between 10 and 14 years), five parents, five mothers, a grandfather (between 35 and 66 years) and four coaches (between 22 and 24 years). Were interviewed directives and made his recording video. After the full transcript of all interviews, we proceeded to analyze the data. The study was conducted in three clubs in the district of Porto. The interviews focus on the following themes : (1) football in your life , (2) sports activities , (3) the influence of parents, teachers , friends , school (4) visibility of women's football (5) reasons for late onset of girls in football (6) perspectives on women's football .

I concluded above that football is the king sport in Portugal, not when we talk about women's football. The rate of feminization in Football is very low, especially at youth level. Sports activities for girls are scarce. The biggest influence for girls soccer is starting school. The media is key to combating the invisibility of women's football. The reasons for the late start of the girls in football are the lack of clubs , poor levels of training , lack of publicity , lack of investment in training , distance of clubs, like the other girls for their sports oriented education, the impossibility decision as minors and juniors , and the absence of the initiation school football since childhood . Will be presented in the study the prospects of girls, parents and coaches in women's football.

KEYWORDS: FEMALE FOOTBALL, INITIATION, SPORT.

RÉSUMÉ

La présente étude a pour thème l'initiation des filles dans les clubs de football / sport écoles. Je veux points de vue des joueurs, les entraîneurs et la famille. C'est le temps des filles conquérir le monde du football. Il est beaucoup plus que le football n'est plus seulement pour les hommes, avec le football féminin au Portugal pour gagner des partisans. Aujourd'hui, nous pouvons dire que c'est différent, mais il ya encore un long chemin à parcourir.

L'échantillon se compose de dix-huit filles footballeurs (entre 10 et 14 ans) , cinq parents, cinq mères, un grand-père (entre 35 et 66 ans) et quatre entraîneurs (entre 22 et 24 ans). Ont été interrogés directives et a fait son enregistrement video. Après la transcription complète de toutes les entrevues, nous avons procédé à l'analyse des données . L'étude a été menée dans trois clubs dans le district de Porto. Les entretiens portent sur les thèmes suivants: (1) le football dans votre vie, (2) des activités sportives, (3) l'influence des parents , les enseignants , les amis, l'école (4) la visibilité du football féminin (5) les raisons de l'apparition tardive de filles dans le football (6) points de vue sur le football féminin.

J'ai conclu précédemment que le football est le sport roi au Portugal, pas quand on parle du football feminine. Le taux de féminisation dans le football est très faible, surtout au niveau des jeunes. Les activités sportives pour les filles sont rares. La plus grande influence pour le football de filles commence l'école. Les médias sont essentiels pour la lutte contre l'invisibilité du football féminin. Les raisons du démarrage tardif des filles dans le football sont le manque de clubs, un faible niveau de formation, le manque de publicité, le manque d'investissement dans la formation, la distance de clubs, comme les autres filles pour leur éducation sportive axée sur l'impossibilité décision que les mineurs et juniors, et l'absence de l'école de football d'initiation depuis l'enfance. Seront présentés dans l'étude sur les perspectives des filles, des parents et des entraîneurs dans le football féminin.

MOTS-CLÉS: FOOTBALL FÉMININ, INITIATION, SPORT.

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge no âmbito da dissertação do curso de Mestrado “Desporto para Crianças e Jovens”. Esta pesquisa resulta de uma abordagem que considera que o futebol feminino em Portugal está pouco desenvolvido, a nível sénior, mas principalmente nos escalões de formação. O tema do estudo trata da iniciação desportiva das raparigas nos clubes/escolas de futebol, logo, pretende-se obter a perspetiva das jovens jogadoras, da família e dos treinadores. A escolha deste tema resulta da minha experiência pessoal enquanto jogadora de futebol, ao longo de oito anos, neste período o futebol feminino foi crescendo. A grande motivação para a escolha deste tema foi a minha grande paixão pelo futebol feminino, mas também por ser uma área pouco estudada em Portugal.

O futebol feminino tem tido uma existência instável e incerta (Williams, 2003). Apenas alguns países tratam o futebol feminino com a atenção merecida, daí que a luta pelo reconhecimento continua um pouco por todo o mundo. A educação foi definida por Wallon (1979) como a influência exercida pelos adultos sobre as crianças, no sentido de torná-las aptas à vida social numa sociedade. É fundamental estudar a influência exercida pelos adultos nas crianças, os pais e a família, bem como os treinadores e professores que influenciam a iniciação das raparigas no futebol. Conforme a sociedade em que vivem, as influências são adaptadas às pessoas da mesma, daí que essa influência vai ser estudada em Portugal mais especificamente na região do Porto.

O futuro do futebol só pode ser garantido se dermos atenção à formação. “Falar de futebol juvenil é fundamentalmente falar do futebol de amanhã” (Queiroz, 2000. cit por Gomes (2009). Ou seja, a formação é indispensável. Como podemos querer um futebol feminino de qualidade sem formação?

O problema do estudo prende-se com os aspetos promotores ou inibidores da iniciação no futebol para raparigas, em clubes e escolas de futebol. A formação de futebol feminino em Portugal é condicionada por diversos fatores, tais como, questões sociais e ausência de competitividade. Claramente, existe uma diferença abismal entre o número de jogadores e jogadoras, sobretudo na formação. Os dados do Instituto de Desporto de Portugal (IDP) referidos por Cruz, et al. (2011) indicam que, em 2010, estavam inscritas na Federação Portuguesa de Futebol apenas 6.160 mulheres que corresponde a uma taxa de feminização de 4,2%. Quando estes números são analisados por escalão competitivo a disparidade na formação é brutal. O número de raparigas nos escalões de formação, até júnior (formação), é de 655 face a 92.417 rapazes, o que dá uma chocante taxa de feminização de 0,4%. No escalão júnior e sénior, o número de mulheres já é bastante superior, com uma taxa de feminização de 10%, tal mostra que quando as raparigas atingem a maioria é quando mais praticam futebol, ao contrário dos rapazes que a tendência é os números diminuírem à medida que avançam de escalão.

A iniciação das raparigas no futebol é quase inexistente, logo não permite um desenvolvimento sustentado de uma forma continuada. A formação é crucial em qualquer atividade do ser humano. O Desporto é fundamental na vida e a formação desportiva tem um peso determinante para o futuro dos atletas. Há claramente uma concentração de jogadoras no escalão sénior, após atingirem a maioria, contrastando com o escalão júnior, e conforme Martins (2011) refere há uma chocante ausência de praticantes nos escalões de formação. O futebol feminino deve evoluir tendo a formação como base. Como podemos ter um futebol feminino de qualidade sem formação, sendo ela indispensável em qualquer atividade?

Os objetivos deste estudo consistem em: (1) Identificar aspetos promotores e inibidores para a iniciação desportiva das raparigas no futebol; (2) Referenciar a realidade das mulheres no desporto; (3) Caracterizar o estado em clubes e escolas de futebol feminino; (4) Analisar o estado da iniciação desportiva das raparigas no futebol em Portugal, especificamente no distrito do Porto; (5) Perceber as perspetivas das raparigas, dos pais ou familiares e

dos/das seus/suas treinadores/as em relação ao futebol feminino; (6) Estudar a oportunidade de acesso à formação a todas as raparigas.

Este é o momento das raparigas conquistarem o mundo do futebol. Há muito que o futebol deixou de ser só para homens, estando o futebol feminino em Portugal a ganhar adeptos. Hoje constatamos que sofreu uma evolução, contudo ainda há um longo caminho a percorrer.

2. REVISÃO DE LITERATURA

1. As Raparigas no Desporto

O papel da mulher no Desporto e as relações de género

A história da mulher tem por referência o corpo, e a socialização tende a impor-lhe limites (Botelho Gomes, Silva, & Queirós, 2000). O modelo de mulher foi variando com o tempo e as sociedades. Segundo Elias (1992), é no século XVIII que se dá o início do desenvolvimento do desporto moderno, com regras mais explícitas e rigorosas, abrindo caminhos para o desporto feminino. O desporto começa a valorizar novas capacidades, perdendo a força física algum valor, que tanto barrou a presença feminina, fazendo com que se abrissem novas portas para a mulher no desporto. Por outro lado, as diferenças biológicas e físicas que diferenciam mulheres e homens são fatores que contribuíram para a divisão do trabalho segundo o sexo, dado que tarefas desempenhadas por homens têm a representação do perigo e as tarefas exercidas pelas mulheres representam fragilidade (França & Schimanski, 2009). Esta visão acontece também no desporto.

Há uns anos, a sociedade atribuía à mulher o papel de dedicação ao seu marido, aos filhos e ao lar. Esse papel tem vindo a mudar ao longo dos tempos, no entanto há mudanças que ocorrem muito lentamente. A mulher é vista de acordo com padrões, sendo que todas as mulheres estão ligadas à dependência de um homem, primeiro o pai, depois o marido e ser mãe é o seu destino quando atinge a idade adulta. Na Idade Média, a mulher trabalhava no seu próprio lar ou em atividades artesanais, prevalecendo a mesma estrutura patriarcal. Nos finais do século XVIII, as definições de masculino e feminino extremam-se e estipula-se o que é apropriado à conduta feminina e masculina. O homem deve apresentar-se no âmbito público, como produtivo, por outro lado, a mulher apresenta-se no âmbito privado, o reprodutivo. Definem-se

qualidades para homens e mulheres, sendo as mulheres mais valorizadas mostrando fragilidade e delicadeza. Tal como se sabe, no desporto emergem outras qualidades que não sendo associadas ao sexo feminino, tal como a força física associada à brutalidade, diferenças que as separam do desporto. Por outro lado, o “puritanismo religioso traçou os normativos quanto ao tipo de roupa a vestir e a autoridade que podia assumir” (Garcia Bonafé, 2001, cit por França e Schimanski 2009). Estas questões remetem para a temática das relações de gênero, caracterizadas pelas relações de poder entre os homens e as mulheres.

Por outro lado, Desai (1994) cit. por Botelho Gomes, Silva e Queirós (2000) refere que “o baile era a única oportunidade de a mulher se exprimir corporalmente” exceptuando a equitação, que era apenas um privilégio para raparigas de classe social mais alta. A sua educação era a indispensável para acompanhar o marido na vida social, sendo a sua vida dedicada totalmente ao seio familiar.

As relações de género são uma construção social e cultural na medida que representam um processo contínuo da produção do poder de homens e mulheres nas diferentes culturas (França & Schimanski, 2009).

Não é por acaso que quando uma criança nasce e agora até é, em muitos casos, bem antes de nascer, a pergunta que é feita aos pais, é se é menina ou menino. Desde que nasce, fruto das características físicas, neste caso, o sexo da criança, os pais começam a moldar o género do bebé, não só através do nome, como do vestuário, brinquedos, o quarto, entre outros. Desde que nascem, quase tudo é em função do sexo, para além de ser um facto biológico, é também um fator social e cultural (Cardona, Nogueira, Vieira, Uva, & Tavares, 2010). Os mesmos autores definem esta caracterização como “automática” a partir do conhecimento do sexo do bebé. Contudo existe uma distinção entre sexo e género que foi proposta por Ann Oakley, em 1972, sendo que o sexo diz respeito às características anatómicas e fisiológicas que diferenciam, em termos biológicos, o masculino e o feminino, enquanto que o género envolve os atributos psicológicos e as aquisições culturais que as crianças têm ao longo do processo de formação da sua identidade. Deste

modo, o sexo é a condição biológica de ser-se homem ou mulher, enquanto que o género são processos sociais, culturas e psicológicos. Por um lado, o sexo é distinguido com base nas categorias biológicas, pertence ao domínio da biologia, já o género são significações ou construções de categorias sociais, que pertence ao domínio da cultura.

Por outro lado, os brinquedos que são oferecidos para meninas e para meninos são desde logo inibidores e discriminatórios das suas capacidades. “Acredita-se que os brinquedos oferecidos a meninas (conjuntos de painéis e tachos, bonecas e bonecos, eletrodomésticos em miniatura, estojos de cabeleireira, kits de maquilhagem, etc.) uma vez que têm a finalidade habitualmente prevista, fomentam nelas uma menor criatividade do que os brinquedos oferecidos aos rapazes (pistas de carros, legos, bolas, etc.). Os brinquedos oferecidos a rapazes, pelo fato de não terem uma utilidade tão pré-definida, tendem a ser mais fomentadores da criatividade. Esta desigualdade na estimulação cognitiva despoletada pelos brinquedos poderá refletir-se, mais tarde, de forma diferente em ambos os sexos, em aspetos tão diversos como a capacidade de resolução de problemas, a apetência para enfrentar desafios, autoconfiança para a exploração autónoma do espaço, etc.” (Jeanne Block, 1984 cit por Cardona, Nogueira, Vieira, Uva, and Tavares (2010).

É de realçar que as preferências por brinquedos tipificados por género têm sido notados em estudos sobre os jogos das crianças (Martin, Eisenbud & Rose, 1995, cit por Rodrigues (2003). Segundo Martin e Halverson (1981), as crianças usam o género para escolher o brinquedo, primeiro decidem se o brinquedo é «para meninos ou meninas» e depois comparam a sua resposta acerca de quem normalmente gosta do brinquedo ao seu conhecimento acerca do seu género. A partir deste momento, as crianças selecionam pares do mesmo género porque são crianças interessadas nos mesmos brinquedos. Para Maccoby (1988), é um fenómeno cognitivo-social, que acontece quando as crianças adquirem um entendimento do género e crescem de acordo com esses valores do seu próprio género.

Desde que a criança nasce que os brinquedos que a circundam, não só são inibidores das capacidades das crianças como constroem desde logo o

género do bebé. Enquanto que alguns brinquedos encaminham as crianças para a maternidade e tarefas domésticas, os brinquedos socialmente intitulados para rapazes exploram mais a tecnologia, a criatividade e maior estimulação cognitiva.

Daí, o género é uma das primeiras categorias que a criança aprende, tal exerce uma influência marcante na organização do seu mundo social e na forma como a criança se avalia a si mesma e como percebe as pessoas que a rodeiam (Cardona, Nogueira, Vieira, Uva, & Tavares, 2010). Na realidade, a criança vai aprender a comportar-se segundo os modelos dominantes, processo movido pela relação com o pai e a mãe, pelos amigos ou pelas amigas, através de professores ou professoras e outras pessoas importantes para a criança. Após a apropriação sobre o sexo pela criança, irá dar-se a consolidação da identidade de género.

Claramente, percebe-se que estas diferenças entre homens e mulheres se vão repercutir também no desporto. Os desportos considerados femininos estão associados à função de reprodução e feminilidade tal como a ginástica; por outro lado, desportos sociais mais violentos e de contacto são tidos como desportos com atribuição masculina como o boxe, futebol, etc. A análise das relações de género permite perceber que os papéis sexuais, que são socialmente construídos, condicionam a participação das mulheres e dos homens no desporto.

O género deve ser perspectivado como uma construção histórica das relações de poder entre homens e mulheres, e deve contemplar definições plurais de masculinidade e feminilidade (Silva, Botelho Gomes, & Goellner, 2008). Ao contrário do que acontecia há alguns anos, as relações de género têm vindo a mudar (Connell, 2008). Segundo o mesmo autor, as masculinidades estão a mudar devido às ideologias e atitudes dos homens, à divisão do trabalho nas casas e locais de trabalho, costumes sexuais, o direito da família, bem como as relações dos pais com filhos. Estes aspetos contribuem para que o entendimento popular mude ao longo dos tempos, e que as mulheres e os homens devam ter igualdade de direitos. As relações dos homens com as mulheres mudaram, a atitude do homem e o poder que ele

tinha sobre a vida da mulher, totalmente dedicada ao homem e aos filhos, tem-se vindo a equilibrar e os papéis divididos. Estes papéis estão-se a partilhar precisamente na divisão do trabalho entre o homem e a mulher quer nas tarefas domésticas, quer no local de trabalho e na educação dos filhos.

O desenvolvimento na elaboração de género dá-se na escola, é nesse meio social que as crianças e jovens criam configurações de masculinidades e feminilidades. É fundamental neste processo, o papel dos professores, dado que eles podem contribuir para essas configurações ou amenizar as mesmas. Dentro de uma aula de educação física, o professor deve não só ter cuidado com os termos que usa na abordagem a alunos e alunas, como deve intervir sobre essas construções e intervenções dos alunos sobre outros, que podem inibir os alunos e alunas a praticarem certos desportos, vistos como masculinos ou femininos, devido ao seu carácter mais violento. Tal como Connell (2008) refere que a divisão de géneros na educação física tem sido forte, as performances físicas e jogos foram culturalmente definidos como masculinos ou femininos. Sendo que, os desportos que envolvem algum nível de confronto físico são vistas como provas de masculinidade, como o futebol, o boxe, entre outros. E ao contrário, desportos que envolvam pouco confronto físico são vistos como desportos para mulheres e não para homens, como o a ginástica. Estes aspetos podem ser por outro lado, uma fonte de problemas educacionais, como do bullying. Daí que a interação entre o desporto e a construção das masculinidades na infância tem sido reconhecida.

Os meios de comunicação social são uma importante fonte de imagens para masculinidade e feminilidade. No desporto, vemos todos os dias imagens de homens fortes que representam padrões de masculinidade, vistos como modelos, tendo em conta a sua postura, estrutura muscular, habilidades específicas e interação interpessoal, enquanto que, para as mulheres, a postura suave e elegante transmitida pelos media influência as escolhas das meninas. Em suma, faz com que a sociedade crie aqueles padrões e os desenvolva consoante o que vê. A juventude absorve esses padrões o que faz com que a comunicação social tenha um papel fundamental neste processo.

A problemática das relações de género envolve os desequilíbrios de poder, as exclusões e desigualdade. As raparigas têm vindo a sofrer destas diferenças. Os desportos femininos são relegados para segundo, terceiro ou quarto plano, independentemente do nível desportivo em causa. As desigualdades de que as mulheres no desporto estão sujeitas envolvem não só a projeção, bem como a diferença nos prémios, troféus, reconhecimento social, entre outros. Por outro lado, quando os desportos são vistos como mais violentos e como desportos para homens, pela sociedade, faz com que a exclusão seja acentuada. Um caso que espelha esta realidade é o das treinadoras de futebol Alfredina Silva e Helena Costa, candidatas ao curso de nível IV (UEFA/PRO) em 2009 que não foram incluídas no curso apesar de preencherem todos os critérios que as colocariam nos eleitos da lista oficial, entrando no curso outros treinadores que não preenchiam tantos requisitos como elas; tal facto demonstra bem esta problemática da discriminação das mulheres no desporto.

Um aspeto relevante para as relações de género no desporto é sua forte relação com o meio social. Os estereótipos ligados ao género vão influenciar a prática só no grupo de atividades desportivas consideradas 'apropriadas ao género' (Coakley, 1994 cit por Silva, Botelho Gomes, and Queirós (2006), condicionando assim, a participação de raparigas e também de rapazes noutras atividades físicas e desportivas. Especificamente no tema em estudo, o futebol, as raparigas enfrentam preconceitos e pressões da sociedade que as inibem de o praticar. Contudo, as raparigas bem como as crianças sofrem ainda mais deste mal, dado que a sua maturidade para ultrapassar os preconceitos e o que ouvem é normalmente menor. Acima de tudo, estas são crianças que estão a crescer e a viver conforme a sociedade está estereotipada e qualquer desvio desses padrões culturais, vão fazer com que a rapariga sofra de discriminação por parte dos colegas, familiares, entre outros. O meio social onde vivem, pode ser fundamental nas suas escolhas, devido aos entraves maiores ou menores que podem ter.

Os papéis de género que a criança incorpora emergem através das brincadeiras que têm com os seus pares e a observação destas brincadeiras permite reconhecer desvios das tendências das raparigas ou rapazes nos

comportamentos de género. Assim, as crianças que apresentam brincadeiras típicas do sexo oposto são um motivo de preocupação para os adultos. Num recreio de uma escola, pode ser observado tanto a rapariga que joga futebol com os rapazes, como o rapaz que brinca com as raparigas, e esse estereótipo visto pelos adultos no desvio de comportamento esperado na criança vai fazer com que estas se sintam inibidas mais tarde ao perceber esses desvios. Na tipificação do género, à medida que o género se torna estável, as crianças aprendem estereótipos pela observação das ações de homens e mulheres que as rodeiam. Os estereótipos, segundo Rodrigues (2003), referem-se às expectativas e crenças acerca de comportamentos apropriados e características para homens e mulheres.

O problema é que as ideias que são transmitidas às crianças acerca das diferenças de género vão fazer com que elas formem as suas perceções acerca do mundo adulto. E o problema aparece quando as crianças e os pais são rígidos e causam a fixação de estereótipos ao reprimirem o desenvolvimento da criança. Deste modo, os conceitos de papéis de género das crianças, como a sua maneira de ser, agir, brincar, entre outros vai mudar. (Rodrigues, 2003)

Quando, por exemplo, uma menina tem comportamentos tradicionalmente reconhecidos pela sociedade como masculinos, como usar roupas vistas como masculinas, brincadeiras tidas como masculinas, afastamento de atividades com as raparigas em detrimento das atividades com os rapazes, entre outros, que leva à designação social de «maria-rapaz». Este tipo de comportamento é tipificado de comportamentos de género cruzados que estabelece uma experiência de aprendizagem no processo de socialização dos papéis de género (Maccoby e Jacklin, 1974 cit por Rodrigues, 2003)

O distúrbio de identidade de género da infância (DIG) inicia-se com atitudes acerca do corpo físico e o desenvolvimento da resposta erótica inicia-se na infância. Estes problemas sexuais nas crianças causam constrangimento e preocupação nos adultos normalmente nos pais, pelo que extravasam as expectativas da sociedade (Haroian, 1992 cit por Rodrigues, 2003). Este tipo de meninas, recusam usar roupas mais femininas, identificam-se com figuras

masculinas, preferem as brincadeiras com os meninos em detrimento das bonecas e das brincadeiras tipificadas como femininas, em suma, mostram uma acentuada identificação com o género oposto.

As crianças constroem a identidade de género, com base em algumas teorias diferentes que vão desenvolvendo na infância, e as pessoas próximas que têm, vai contribuir bastante no desenvolvimento desta construção. Os pais são quem transmite as influências mais importantes no desenvolvimento dos papéis de género nos seus filhos, os pais podem enfatizar ou não os papéis de género em casa, embora não sejam os únicos. A sociedade ensina às crianças os papéis tradicionais da sua cultura, através de várias atividades como jogos, que é através dos quais as crianças aprendem comportamentos apropriados de papéis de género e nessa interação irão exprimir as suas perceções dos comportamentos apropriados ao seu género.

Por outro lado, é tarefa do Estado Português a promoção da igualdade entre homens e mulheres. O princípio da igualdade é um princípio fundamental da *Constituição da República Portuguesa* de 1976 (CCIG, 2007)

A Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género com base no Instituto Nacional de Estatística (2007) refere que a população em Portugal é atualmente de 10 599 095 habitantes, onde o número de mulheres é um pouco superior ao dos homens, 5 469 158 mulheres (51,6%) e 5 129 937 homens (48,4%). É missão da Comissão garantir a execução das políticas públicas no âmbito da cidadania e promoção e defesa da igualdade de género.

Portugal assumiu, na área da igualdade de direitos e oportunidades entre mulheres e homens, compromissos internacionais:

- 1.1 Tratado de Amesterdão
- 1.2 Carta dos Direitos Fundamentais
- 1.3 Pacto Europeu para a Igualdade entre Mulheres e Homens
- 1.4 Regulamentos
- 1.5 Diretivas
- 1.6 Recomendações
- 1.7 Comunicações

A Igualdade de Género é um conceito que significa que todos os seres humanos são livres de desenvolver as suas capacidades pessoais e de fazer opções, independentes dos papéis atribuídos a homens e mulheres e que os diversos comportamentos, aspirações e necessidades de mulheres e homens são igualmente considerados e valorizados (CIG, 2007).

O Futebol é o desporto mais praticado a nível mundial e o seu impacto mediático reflete-se na sociedade, é um veículo privilegiado da promoção da igualdade, da inclusão social e dos valores do desportivismo (SJPF, 2012).

O sindicato refere que o Futebol Feminino, apesar da sua crescente afirmação no plano internacional necessita da mesma afirmação e importância dentro do nosso país. Por outro lado, a luta pela igualdade de género é uma preocupação das sociedades modernas e o futebol pode e deve ter um papel relevante nesta matéria.

Desde que a criança nasce que o acesso aos jogos e brincadeiras é estabelecido em função do género. A segregação do género no jogo infantil vai ser determinante na iniciação desportiva das raparigas no futebol.

No senso comum, é possível identificar claramente, desde que nascem, alguns exemplos de brincadeiras claramente incentivadas às raparigas ou aos rapazes, bem como outras brincadeiras que são reprimidas. Com o passar dos anos, a criança vai percebendo o que são brincadeiras das raparigas e dos rapazes em função do seu meio social, dos pais, família, professores entre outros.

Na pré-escola, nem todas as crianças se envolvem nos mesmos tipos de jogos, a participação social da criança nos jogos é influenciada pelos pares e professores no jogo tipificado.

Por outro lado, as crianças influenciam as suas escolhas através das reações. Estas reagem a reações do seu próprio género, não sendo, nestas idades, essencialmente afetadas pelas reações de crianças do género oposto. Contudo, há uma tendência para as crianças em atividades livres, brincarem com crianças do mesmo género.

Maccoby (1985) cit por Rodrigues (2003), elaborou estudos que permitiram apresentar as principais diferenças entre meninas e meninos no jogo:

Quadro 1: Composição e funcionamento dos grupos entre meninos e meninas (Rodrigues, 2003:54)

Categorias	Meninos	Meninas
Formação do grupo	Grupos de 3 ou mais	Grupos de 2
Espaço	Maior e mais afastado dos adultos	Maior proximidade dos adultos
Tipo de jogo	Mais violento, com maior contacto físico	Menos violento
Interação social	Um líder Liderança -> emissão de comandos	Liderança -> sugestões e iniciar e organizar atividades. Todas participam
Amizades	Menos intensas e orientadas em torno de atividades (ex. gostar do mesmo desporto)	Mais intensas e concordantes em características pessoais e valores
Discurso interativo	- Atrair e manter audiência; - Defender a sua posição de dominância; - Defender-se quando os outros dominam	- Criar e manter relações de proximidade e igualdade; - Criticar de um modo aceitável; - Interpretar com precisão o discurso das outras meninas

Deste modo, é evidente a segregação de género no jogo infantil, em que o “tipo de jogo, a tipificação, a participação social de cada criança, o modo de se manifestar no jogo, os estilos de interação, a influência do meio”, entre outros, contribuem para este fenómeno (Rodrigues, 2003)

O estudo das crianças no jogo demonstra claramente que se agrupam para o jogo em grupos do mesmo género, é uma observação que é facilmente perceptível, e denominada segregação de género.

(Rodrigues, 2003) refere estudos de alguns autores: Negrine (1993) refere que a maioria dos companheiros favoritos das crianças eram do mesmo género; Fagot e Leinbach (1993) salientam que segregação de género evolui

lentamente dos 18 meses aos 3 anos, a partir dos 30 meses, a maioria das crianças passa maior parte do tempo com pares do mesmo gênero; Maccoby e Jacklin (1987) indicam que aos 4 anos e meio a preferência de passar o tempo com pares do mesmo gênero torna-se aparente, grau de segregação de gênero depende do número de crianças disponíveis com idades similares, os adultos suportam a segregação pedindo por exemplo para meninas e meninos se alinharem em filas distintas ou tarefas diferenciadas, contudo também podem contribuir para que se envolvam em atividades mistas e diminuir esta tendência.

Os autores observam ocorrências, onde a ideia mais vincada pelos estudos é a tendência das crianças para se associarem em grupos do mesmo gênero desde as idades mais baixas. Contudo, as causas e razões para esta preferência não são tão bem entendidas, por isso e de forma a analisar diferentes perspectivas, passo a apresentar um quadro com base nas explicações de diversos autores referenciados por (Rodrigues, 2003) que divide as causas em tópicos, conforme o quadro seguinte:

- Reforço direto
- Consonância Cognitiva
- Compatibilidade comportamental

Quadro 2: Reforço direto (Rodrigues, 2003:59)

Reforço direto	
Maccoby e Jacklin (1987)	- A criança recebe aprovação ou desaprovação por parte dos seus pares por jogar com crianças do gênero oposto - Influência dos adultos através de modelos e formais diretas de pressão - Televisão fornece muitos exemplos - Quanto maior fosse o grau de tipificação de gênero ou pressão da socialização estereotipada por gênero dos pais, maior seria a tendência das crianças para brincarem só com grupos do mesmo gênero. - A tendência de escolher brinquedos ou atividades tipificadas para o seu gênero não se relaciona com a tendência de escolher companheiros de jogo do mesmo gênero - Grau de participação em jogos partilhados pelo mesmo gênero não estava relacionado com medidas de temperamento individual

Quadro 3: Consonância cognitiva (Rodrigues, 2003: 61)

Consonância cognitiva	
Kohlberg (1966)	- Quando as crianças são capazes de identificar o género, desde logo preferem companheiros de jogo do seu género devido aos julgamentos do tipo «o mesmo que eu» - Atração de similaridade de géneros é um fenómeno retardado mas depende da aquisição da constância de género, é pouco provável de aparecer antes dos 5, 6 anos
Thompson (1975)	- Habilidade para identificar o género está presente nas crianças aos 3 anos
Maccoby e Jacklin (1987)	- «O mero facto de saber que se é um menino ou menina pode conduzir uma criança a preferir outra sabendo que ela é similar a eu» - A iniciação da segregação de género dá-se quando a criança tem o conhecimento do seu grupo de género

Quadro 4: Compatibilidade comportamental (Rodrigues, 2003:62)

Compatibilidade comportamental	
Freedman (1980)	- A explicação biológica para a segregação de género está nas diferenças básicas temperamentais
Maccoby e Jacklin (1987)	- Incompatibilidade dos estilos de jogo podia ter impacto na produção da segregação de género - Não encontram relação entre o temperamento individual e diferenças comportamentais
Jacklin e Maccoby (1978)	- Meninas mostram algum controlo sobre aspetos aversivos enquanto brincam com outras meninas mas não quando brincam com outros meninos - Estilos de influência de meninas e meninos não são compatíveis - Crianças procuram situações em que possam conseguir algum controlo sobre as interações
Maccoby (1988)	- Se as meninas desenvolvem estilos de influência que não resultam tão bem com os meninos, torna-se um motivo para evitar interagir com eles

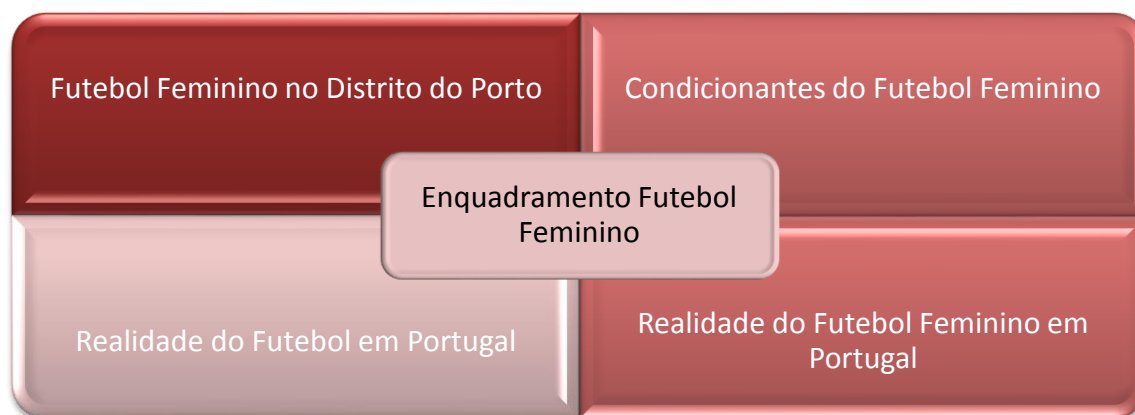
Com isto, pode-se explicar através de algumas teorias a preferência das crianças por companheiros do mesmo género embora nenhuma a possa explicar por si só. Não é apenas o facto de os meninos e meninas receberem brinquedos estereotipados de «brinquedos para meninos ou para meninas», nem o facto das crianças se juntarem em atividades «de meninos» mais violentas e criativas ou atividades «de meninas», que contribuem para a segregação de género, mas sim uma combinação de muitas influências. Rodrigues (2003) defende que o ambiente social que envolve a criança, contribui de uma maneira preponderante para sua aprendizagem como ser

social. Por outro lado, a mesma autora refere que o seu sexo biológico, o seu rótulo social de género e a identidade de género psicológica faz com que a criança se agrupe a crianças do mesmo género e se afaste de crianças do sexo oposto. Contudo quando a criança tem algum distúrbio biológico é esse fator que vai superar o social, brincando essa criança com crianças do sexo oposto. Curiosamente, crianças que tenham irmãos mais velhos do sexo oposto, como forma de competição, tendem a desenvolver estilos de interação parecidos com os do grupo de crianças do sexo oposto, utilizando esses estilos para brincar com outros grupos. Por outro lado, a familiaridade como processo normal do desenvolvimento psicosssexual é imprescindível para os pais e pessoas que trabalham e lidam com crianças, promovendo o contexto que permite diferenciar os ajustamentos ao desenvolvimento normal dos problemas específicos de género, sendo as escolhas sexuais o maior receio da família.

Em suma, o jogo está claramente marcado pela cultura, a criança brinca e joga influenciada pelos aspetos culturais, e por outro lado, quando a criança se envolve em brincadeiras do sexo oposto é motivo de preocupação. Daí, a família tem um papel fundamental na minimização destes problemas e para amenizar consequências e problemas para a criança. Contudo, não é isto que acontece, está enraizado na nossa cultura e não é comum, encorajar uma menina a jogar futebol. É por esta mudança de mentalidade que pretendo explorar estas questões.

2. Enquadramento Futebol Feminino em Portugal

Quadro 5: Enquadramento Futebol Feminino em Portugal



Futebol Feminino no Distrito do Porto:

A Associação de Futebol do Porto (AFP), segundo dados fornecidos pela Associação Portuguesa Mulheres e Desporto (APMD, 2010), tem um total de 40 equipas femininas inscritas (2009/2010), conforme caracterizado no quadro 8:

Quadro 6: Enquadramento Equipas Futebol e Futsal Femininas no Distrito do Porto

10 Equipas de futebol feminino:	30 Equipas de futsal feminino:
Campeonato Nacional 1 ^a Divisão: 2 Equipas	1 ^a Divisão Distrital/Sénior: 11 Equipas
Campeonato Promoção 2 ^a Divisão: 8 Equipas	2 ^a Divisão Distrital/Sénior: 13 Equipas
	Distrital/Juniores "A": 8 Equipas

A caracterização das equipas apresentadas no quadro 8, foi fornecida pela Associação Portuguesa Mulheres e Desporto (APMD, 2010). Contudo não

há dados oficiais em relação às equipas de formação (juniores) no futebol, dado que não há competição.

Quadro 7: Caracterização das Equipas do Distrito do Porto

Equipas de Futebol Sénior:	Equipas de Futsal Sénior	Equipas de Futsal Júnior:
AJ Zebreiros	AC Alfenense	AC Alfenense
AMCH Ringe	AD Baião	CD Aves
Boavista FC	AD Penafiel	CGRC Alto Avilhó
FC Cête	ADRC Sande	GCD Vila Caiz
Gatões FC	AR Rebordões	Rebordosa AC
GDC Incansáveis	CD Aves	ARC Restauradores Avintenses
Leixões FC	CD S. Salvador Campo	GD Baguim do Monte
Salgueiros 08	GD Covelas	Póvoa Futsal Clube
SC Freamunde	UD S. Mamede	
UD Sousense	ACD Mindelo	
	ADC Penamajor	
	ARC Restauradores Avintenses	
	CA Corim	
	CJ Malta	
	ARC Restauradores Avintenses	
	CA Corim	
	CJ Malta	
	CS Paroquial Carvalhosa	
	EDC Gondomar	
	GCD Leões Citania	
	GD Baguim do Monte	
	GDCR Escolas de Arreigada	
	Póvoa FC	
	SC Coimbrões	

Em relação às equipas de formação (juniores) no futebol, na época 2010/2011 não existiam dados oficiais dado que não havia competição oficial. Contudo, pela primeira vez, na época 2011/2012 foi criado um campeonato

distrital de Futebol de 7, sub-17 feminino, da Associação de Futebol do Porto (A.F.Porto) onde atuam 7 equipas de formação, compreendidas pelo Boavista, Leixões, Hernâni Gonçalves, Salgueiros 08, Leça do Balio, SC Nun'Alvares e Lavrense.

No distrito do Porto, o futebol de 11 feminino tem 277 atletas, 90 atletas de formação, o que dá uma taxa de feminização de 1,83%, e de formação de 0,75%. No futsal a diferença é menor, pois tem total de jogadoras de 434, de formação 129, portanto uma taxa de feminização de 8,92% e de formação feminina de 4,81%. Os dados foram fornecidos pela Associação Portuguesa Mulheres e Desporto (APMD,2010) são relativos à época de 2009/2010.

Tabela 1: Realidade Futebol e Futsal Feminino no Distrito do Porto (FPF/APMD, 2010)

	Futebol 11		Futsal	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Total por Modalidade/Sexo	14 888	277	4 430	434
Formação por Modalidade/Sexo	11842	90	2552	129
Total por Modalidade	15 165		4 864	
Formação por Modalidade	11 932		2 681	
Taxa de Feminização (%) - Total	1,83		8,92	
Taxa de Feminização (%) - Formação	0,75		4,81	

Condicionantes da formação:

A formação em Portugal é condicionada por diversos fatores, fundamentalmente por questões sociais e ausência de competitividade. Os pais e a sociedade têm um papel fundamental na educação das jovens e nas suas escolhas. Para as raparigas, a maior dificuldade é por vezes as relações conflituosas com os pais por o futebol ser ainda considerado um desporto para rapazes. São muitas as raparigas que adiaram o ingresso na modalidade por influência dos pais e muitas que conseguiram jogar embora tivessem um convívio difícil e conflituoso com o seio familiar. Por outro lado, a sociedade em geral, desde os amigos, primos, tios, a família mais afastada, colegas, entre

outros, é influenciada pela mesma mentalidade e prejudica as escolhas das raparigas. As opiniões, que as pessoas dão, podem ser comentários, embora por vezes inconscientes, depreciativos em relação à sua prática do futebol. As opiniões ou comentários na maior parte das vezes proferidos inconscientemente pela sociedade são depreciativos.

O facto de no futebol feminino só existirem 2 escalões, sénior e sub-17, especificamente no distrito do Porto, é prejudicial para a formação, empenho e motivação das jogadoras. Recentemente, a Associação Portuguesa de Mulheres e Desporto pelo excelente trabalho que realizou, conseguiu criar pela primeira vez no distrito do Porto, uma competição para as equipas sub-17, que se realizou, conforme já foi referido, na época 2011/2012. Por outro lado, o futsal tem competição com 8 equipas juniores, embora só tenha um escalão, portanto raparigas com 8 anos, jogam com outras de 16.

Realidade do Futebol e Futsal em Portugal:

Para dar a conhecer a realidade do Futebol, Futsal e Futebol de 7 em Portugal, é apresentada uma tabela da Federação Portuguesa de Futebol (30/06/10), fornecida pela Associação Portuguesa Mulheres e Desporto relativa à época de 2009/2010. Porém, estes dados são anteriores aos dados da época 2010/2011 que serão apresentados ao longo do trabalho, daí haver um significativo aumento na participação feminina/ taxa feminização.

Tabela 2: Indicadores de Prática Portugal (FPF/APMD, 2010)

Federação Portuguesa de Futebol										
Distritos	Futebol de Onze		Futsal		Futebol de Sete		Total H	Total M	Total	Taxa Feminização
	H	M	H	M	H	M				
Aveiro	6475	199	1753	278	4038	1	12266	478	12744	3,75%
Beja	1602	0	111	0	822	11	2535	11	2546	0,43%
Braga	9529	70	1213	249	3318	84	14060	403	14463	2,79%
Bragança	963	0	527	103	459	2	1949	105	2054	5,11%
Castelo Branco	1167	0	380	56	699	14	2246	70	2316	3,02%
Coimbra	3729	45	1357	182	1058	14	6144	241	6385	3,77%
Évora	1684	0	412	113	603	7	2699	120	2819	4,26%
Faro	3168	1	991	230	1687	32	5846	263	6109	4,31%
Guarda	1629	48	202	0	586	81	2417	129	2546	5,07%
Leiria	4351	81	2305	601	2549	65	9205	747	9952	7,51%
Lisboa	13087	82	5190	719	3770	13	22047	814	22861	3,56%
Portalegre	1160	0	237	12	762	98	2159	110	2269	4,85%
Porto	14888	277	4430	434	478	1	19796	712	20508	3,47%
Santarém	3479	48	556	251	1989	21	6024	320	6344	5,04%
Setúbal	4338	24	1260	200	2375	24	7973	248	8221	3,02%
Viana do Castelo	2240	0	316	98	1208	6	3764	104	3868	2,69%
Vila Real	1721	21	390	160	798	16	2909	197	3106	6,34%
Viseu	3084	35	872	170	1219	21	5175	226	5401	4,18%
Total por Modalidade/Sexo	78294	931	22502	3856	28418	511				
Total por Modalidade	79225		26358		28929					
Taxa Feminização	1,18%		14,63%		1,77%					
FONTE: Federação Portuguesa de Futebol Época Desportiva 2009/10							PORTUGAL			
							Total Masc	Total Fem	Total	Taxa Feminização
							129214	5298	134512	3,94%

Esta tabela permite-nos conhecer, por Distritos e por sexo, os jogadores e jogadoras de Futebol 11, Futsal e Futebol de 7 em Portugal. No nosso país temos um total de 79225 atletas de Futebol de 11, 26358 atletas de Futsal e 28929 atletas de Futebol de 7. Portanto, temos um total de 134512 atletas praticantes destas modalidades na Federação Portuguesa de Futebol.

Realidade do Futebol Feminino em Portugal:

A realidade do Futebol e do Futsal feminino é pouco conhecida. Os dados que são apresentados na Tabela 2 permitem perceber a diferença

abismal que existe de jogadores face a versus jogadoras, sobretudo na formação.

O total das jogadoras de futebol de 11, de futebol de 7 e futsal, são 5298 jogadoras, corresponde a uma taxa de feminização de 3,94%, face a um total de jogadores (as) de 134512.

O futebol feminino em Portugal é apresentado no recente projeto de futebol feminino do sindicato dos jogadores profissionais de futebol (2012) desta forma:

- “Apesar dos desenvolvimentos recentes, nomeadamente ao nível da organização das competições, da valorização dos recursos humanos e dos resultados desportivos, as jogadoras portuguesas **precisam de apoio adequado que garanta os seus direitos**. O Futebol Feminino é uma modalidade em expansão em Portugal mas carece de apoios para que possa atingir um patamar mais elevado, tanto ao nível da **participação**, como da **competitividade** e da **visibilidade**”.

Os dados mais recentes que se conhecem, apresentados pelo projeto de futebol feminino do sindicato de jogadores profissionais de futebol em 2012, apresentam os seguintes novos dados (SJPF, 2012):

- Em Portugal existem apenas 1700 praticantes de Futebol 11.
- Em Portugal existem 4000 praticantes femininos de Futsal.
- Em 2010 estavam inscritos na FPF 148.106 praticantes, mas apenas 4,2 por cento são mulheres.
- 85 por cento dos clubes filiados na FPF não enquadra qualquer equipa feminina.
- As raparigas representam apenas 0,7 dos jogadores inscritos nos escalões de formação.
- O Campeonato Nacional Feminino tem 10 equipas.
- O Campeonato Nacional da II Divisão Nacional tem 30 equipas divididas por três regiões.
- As Associações Distritais de Futebol estão a desenvolver campeonatos regionais de Futebol 7 por todo o país.

- Existem 15 jogadores portuguesas no estrangeiro, dez delas com presença frequente na Seleção Nacional AA.

Em suma, os números no futebol feminino demonstram nos últimos anos um crescimento de 2009/2010 para 2011/2012, contudo a formação continua a apresentar números preocupantes.

A Família e os Treinadores na Iniciação das Raparigas no Futebol

A educação foi definida por Wallon (1979) como a “influência exercida pela sociedade dos adultos sobre a das crianças, no sentido de as tornar aptas à vida social numa sociedade determinada”. É fundamental estudar a influência exercida pelos adultos nas crianças, adultos esses como pais, família, bem como treinadores e professores que influenciam a iniciação das raparigas no Futebol. Conforme a sociedade em que vivem, as influências são adaptadas às pessoas dessa sociedade, daí que essa influência vai ser estudada em Portugal mais especificamente na região do Porto.

O papel que o «outro» tem na consciência do «eu» existe, daí que a psicologia suporta que o sujeito deve tomar consciência do seu "eu" antes de poder imaginar o dos outros, mas é uma consciência individual de introspeção, que torna esse mundo íntimo e fechado. Contudo, há a moldagem do eu pelo meio, e que é entregue às influências, as crianças são manipuladas por outrem, e é nas atitudes de outrem que tomarão forma as suas primeiras atitudes. A evolução da consciência pessoal na criança é toda a diversidade das atitudes que fazem do ser um humano, um ser social (Wallon, 1979).

Deste modo, a constituição biológica da criança não será a única no seu destino, tendo o meio social um papel fundamental, que vai pôr a criança em novos ambientes e necessidades que aumentam as possibilidades de

evolução e diferenciação. Por outro lado, a família e a escola são meios funcionais onde a criança adquire as primeiras condutas sociais e onde podem pertencer a meios sociais diversificados. Segundo (Wallon, 1979), a escola é um meio onde se podem constituir grupos, no entanto a família é um grupo natural onde a criança é colocada pelo nascimento e cuja ação é a mais múltipla. A relação familiar, engloba, para além do relacionamento com os pais, o relacionamento com irmãos, avós e pessoas próximas como primos ou tios que podem influenciar a criança.

Tal como se sabe a criança é sensível às ideias que lhes passam e vai absorver ao longo do seu desenvolvimento estas influências. Os grupos na escola desenvolvem outras condutas sociais; são grupos virados para os jogos daí a importância deste aspeto para as raparigas aquando a iniciação do futebol. Por exemplo, por norma, os grupos das crianças nas escolas são maioritariamente compostos por crianças do mesmo género, e é desta forma que se agrupam e se desenvolvem fruto das influências sociais que vão tendo.

Contudo, uma rapariga que se identifique com as brincadeiras dos rapazes como jogar futebol, depende desse mesmo grupo, se é ou não aceite... por eles, sendo que, estes grupos vão ter um papel preponderante nas escolhas desportivas destas meninas, na iniciação à prática e nos efeitos positivos e negativos que lhe podem trazer.

Por outro lado, Wallon (1979) refere que o grupo “é indispensável à criança não só para a sua aprendizagem social, mas para o desenvolvimento da sua personalidade e para a consciência que pode tomar dela”.

A criança pode ser estudada de duas formas, através do estudo psicológico e sociológico. Desta forma, Wallon (1979) refere que a criança pode ter diferentes atitudes:

Quadro 8: Atitudes da Criança (Wallon, 1979)

Atitude Individualista	- Toda a mentalidade da criança é formada por impressões e sensações - Há a dificuldade na passagem do individual para o social - Procuram-se levar à saída do eu, mas é ainda em função do eu.
Atitude Societária	- Durkheim fundamenta a sociologia nas representações coletivas - Tudo o que a criança pode conceber não tem uma origem individual mas social - Halbwachs refere que há uma espontaneidade individual e as referências sociais não lhe acrescentam senão meios de formulação, deixando um lugar para a responsabilidade do indivíduo.

A influência social, segundo um estudo de Carvalho (2001), é inquestionável no desporto, a influência do papel dos modelos sócio-parentais e de outros, significativos na prática de desporto pelas crianças e jovens, sobretudo na iniciação às modalidades. Por outro lado, é de realçar neste estudo que a criança antes dos 8 anos dá muita importância ao que os pais e outros adultos dizem, e que com a idade e a maturação cognitiva, a criança vai aperfeiçoando as competências sociais e vai despendendo mais tempo com os amigos e colegas.

Os Primórdios do Futebol Feminino no Mundo

Na história do desporto, percebe-se que o ambiente no desporto se configurou em volta da figura masculina, tornando o desporto muito ligado a aspetos biológicos e sociais. Corrêa (2010) refere que a mulher sempre foi parte do discurso biológico em que não era considerada apta para realizar desportos com maior competitividade, virilidade, força e etc. A inserção da mulher no desporto foi lenta e os objetivos iniciais eram socialmente claros: eram definidos alguns desportos compatíveis com o género feminino, sendo

que não tinha como objetivo formar mulheres para serem atletas. Portanto, o que se pretendia com a participação das mulheres nas modalidades “compatíveis com o gênero feminino” era que pudessem contribuir com o papel social com o qual a mulher é identificada, para serem boas mães e esposas.

Ao longo da história, a mulher sempre esteve à margem nas sociedades, sendo que o contexto desportivo não foi exceção. Na história dos Jogos Olímpicos, as mulheres não tinham espaço nos jogos da antiguidade, eram privadas até de participar como expetadoras. Contudo, na Era Moderna dos jogos olímpicos, as mulheres ganharam um espaço que não foi fácil. Diante de discursos conservadores que não queriam a presença da mulher em competições, as mulheres foram-se inserindo de forma forçada (Corrêa, 2010). Nos jogos de Paris, em 1900, deu-se um passo no desporto feminino, foi permitido que as mulheres participassem em competições sem contacto físico.

Como se sabe, a prática do desporto pela mulher foi limitada às fragilidades do sexo como sendo fraco, onde a ginástica, bicicleta, equitação e ténis são os desportos mais recomendados, sendo o futebol visto como um desporto demasiado violento.

Porém, a história do futebol tem em conta a mulher no seu desenvolvimento, desde o tempo da Dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.) em que as mulheres jogavam uma variação do antigo jogo, chamado TSU Chu, representam os primeiros indícios das mulheres no jogo. No século XII, era comum ver mulheres a jogar jogos de bola, sobretudo na França e na Escócia que viria a ser um país importante para o futebol feminino. Daí, em 1790, é realizada na Escócia uma competição anual. Mais tarde, no ano de 1863, foram definidas regras no jogo para prevenir a violência tornando-o mais socialmente aceitável para as mulheres jogarem. Poucos anos depois, em 1892, uma data de grande importância no futebol feminino no mundo inteiro, na cidade de Glasgow na Escócia, realizou-se o primeiro jogo de futebol entre as mulheres.

Os inícios do futebol feminino documentados e mais conhecidos remontam a 1894, quando Nettie Honeyball, fundou o primeiro clube britânico chamado o *Ladies Football Club*. Nettie era uma ativista dos direitos da mulher

que pretendia mostrar que as mulheres podiam ter um papel relevante na sociedade e atingir a liberdade.

No ano seguinte, em 1895, Lady Florence Dixie tornou-se presidente da *British Ladies' Football Club*, após ter um papel fundamental a organizar jogos para caridade e exposição do jogo no feminino. Lady Florence pretendia que as “jovens devem entrar no espírito do jogo com o coração e a alma”, levando inclusive a equipa de Londres para uma digressão, ao país que impulsionava na época o futebol no feminino, a Escócia.

Durante a 1ª guerra mundial com a introdução da mulher na força trabalhadora, o futebol feminino cresceu na Inglaterra. A mulher começou desde então a trabalhar, sendo que muitas fábricas tinham equipas de futebol para os trabalhadores, e estando elas agora a trabalhar, iniciaram a sua participação neste desporto que até à altura era apenas um privilégio dos homens. Contudo, esta luta pelo desporto para as mulheres abortou. Após o final da guerra e apesar do sucesso e popularidade que o futebol feminino teve, a *Football Association* (FA) não o apoiou, tendo sido sugerido que a exclusão das mulheres foi motivada por uma ameaça à "masculinidade" do jogo (English!Info, 2010). Para além disso, a FA tentou mais tarde boicotar a formação da *English Ladies Football Association*, que levou as mulheres a jogarem em estádios de Rugby.

Logo após o Campeonato do Mundo de 1966, o interesse no futebol no feminino voltou a crescer tanto que a *Football Association*, que estava contra o reconhecimento do futebol no feminino, decidiu criar o ramo feminino da FA em 1969.

Todavia, em 1971, inicia-se a grande mudança, quando a UEFA recomendou às associações nacionais de cada país a gestão e a promoção do futebol feminino na Europa. Esta atitude permitiu consolidar o reconhecimento do futebol feminino, começando a participação feminina a ter a atenção merecida.

Pelo que, no ano de 1970, a Itália foi o primeiro país a ter jogadoras profissionais de futebol, contudo estavam em regime de tempo parcial. O

primeiro país a ter jogadoras profissionais em tempo integral foi os Estados Unidos. A primeira liga semi-profissional de futebol feminino foi criada pelo Japão, iniciando-se assim as ligas profissionais.

Atualmente, muitos países já têm ligas profissionais com popularidade que se assemelha ao sexo masculino, como os E.U.A. com Mia Hamm, Hope Solo e mais recentemente Alex Morgan, o Brasil com Marta, o Japão com Homare Sawa, a Alemanha com Birgit Prinz, entre outras.

O primeiro campeonato do mundo de futebol feminino foi organizado na China, em 1991, sendo os EUA, a seleção vencedora. Para o futebol juvenil feminino, o ano de 2002 foi um marco importante, dado que a FIFA inaugurou oficialmente o Campeonato Mundial Sub-19 de futebol feminino, organizado pelo Canadá, ganho igualmente pelos Estados Unidos. Em 2008, é dado mais um grande passo no crescimento do futebol feminino juvenil, pelo que a FIFA organizou um campeonato mundial sub-17, na Nova Zelândia. O Futebol feminino começa então a crescer tal como deve, pela base, a formação (APMD,2011)

Contudo, o futebol feminino tem tido uma existência instável e incerta (Williams, 2003). Apenas alguns países tratam o futebol feminino com a atenção merecida, daí que a luta pelo reconhecimento continua um pouco por todo o mundo.

A História do Futebol Feminino em Portugal

*“Um desporto que começa aos 14, 15 anos,
não pode ser um desporto estruturado”*

(Vera Pauw, 2011)

A história do desporto feminino em Portugal começou a ser escrita na década de 20, uma época fundamental no início do desporto feminino em Portugal, a imprensa chegou a publicar regularmente feitos das «novas mulheres» dadas ao desporto. Em 1926, a República termina e a promulgação da Constituição do Estado fascista elaborada por Salazar consagrara a subalternidade da mulher perante a lei que é justificada como sendo pelas diferenças resultantes da sua natureza (Almeida & Cruz, 2010). Esta colagem legal e social de estatuto de inferioridade refletiu-se no número limitado de desportos cuja prática era permitida às mulheres, dado que era remetida para o papel de mulher, mãe e dona de casa (APMD, 2011). Porém, a maioria das raparigas da época não tinha acesso à prática desportiva. Por outro lado, a Mocidade Portuguesa Feminina também responsável pela organização desportiva nas escolas, limitava e condicionava as jovens à liberdade de modo a manter a missão da mulher portuguesa. Mais uma contribuição para condicionar a participação das mulheres no desporto era feita pela maioria dos clubes da época que proibiam, nos seus estatutos, as mulheres de se associarem. Ainda hoje, a crença sobre a superioridade masculina e inferioridade feminina se afirma.

O ano de 1923 representou muito no futebol feminino em Portugal, entre 30 de Setembro, e o dia 7 de Outubro, desse ano, 28 atletas francesas realizaram uma tournée desportiva de atletismo e futebol, com exibições em Lisboa, Coimbra e Porto. Esta tournée tinha como fundamento divulgar os benefícios da educação física e dos desportos para as mulheres, incluía na 1ª parte, provas de atletismo, depois o jogo de foot-ball, que levou muitas mulheres às bilheteiras.

O primeiro jogo de futebol feminino foi realizado em Lisboa, a 30 de Setembro de 1923, no campo do Palhavã, do Sport Clube Império, jogo que a seleção de Paris venceu a equipa do Femina Sport, campeã de França, por 1-0. (APMD, 2011). Nesse dia, 30 de Setembro de 1923, surge com destaque de 1ª página no Diário de Notícias cit por APDM (2011), a notícia: «Um match feminino de foot-ball. As vinte e duas melhores jogadoras francesas defrontam-se hoje no campo do Palhavã»; o jornal relatou a grande afluência de público: «a procura de bilhetes foi já ontem extraordinária, vendo-se muito mais que de outras vezes, a afluência de senhoras à bilheteira...». O jornal “O Século” destacou que terão sido «milhares», as pessoas que foram ver, fazendo também referência à afluência de representantes «do belo sexo» (APMD, 2011).

Após a primeira exibição em Lisboa, seguiu-se Coimbra, no dia 4 de Outubro, no campo dos Bentos, onde o jornal Sporting refere na sua reportagem «Quatro horas da tarde. Grande expectativa. Há senhoras na assistência e capas negras» e à entrada em campo, as jogadoras foram cercadas por «fotógrafos, talvez uns cinquenta kodaks!» (APMD, 2011).

Por fim, no Porto, APMD (2011) apresenta que foi “casa cheia”, o campo do Bessa por raras vezes comportou tantas pessoas entusiasmadas.

Após o final da digressão, o jornal Sporting termina desta forma muito curiosa para a época: «sabemos bem que os preconceitos a quebrar são fortes e arraigados, mas confiamos em que a persistência tudo vencerá e que não vem longe o dia em que teremos o prazer de saudar, em plena peleja desportiva, 22 mulheres portuguesas, envergando a frágil equipe e as pesadas botas de travessas. Oxalá assim suceda!» Jornal Sporting (1923) cit por APMD (2011). Os jornalistas portugueses ficaram impressionados com esta digressão não só pelo interesse e afluência do público, mas também com a qualidade da prática do futebol pelas mulheres, referindo o jornal o Século que elas «Jogam e jogam bem!». Por sua vez, o Diário de Notícias escreve: «vê-se que há preparação e há método, talvez invejáveis por parte de muitos “onzes” masculinos...». A admiração do povo português pela vertente feminina do foot-ball era notável e perceptível o desejo, das mulheres portuguesas, de saber

como praticar o futebol em Portugal. Contudo, na Europa, o futebol feminino teve durante décadas oposição de jornalistas, médicos, educadores e dirigentes desportivos.

Estas notícias, começaram a ser publicadas pela imprensa portuguesa, seguidas de muitas outras notícias que tratavam os feitos das mulheres dadas aos desporto. Foram dados os primeiros passos, no futebol das mulheres, que permitiram aos portugueses vivenciar uma experiência nunca antes vista. Esta tournée tão noticiada em Portugal e com tanta assistência é um “acontecimento” na história do futebol feminino português.

Mais tarde, a Revolução do 25 de Abril de 1974, um período marcado por grande instabilidade política. Tal como Pinheiro (2012) refere, a posição jurídica e social da mulher mudou, pois à família foram dados igualdade de direitos legais a marido e mulher. Ao mesmo tempo, a revolução de 1974 foi um marco decisivo na conquista de um novo espaço das raparigas e mulheres, no acesso ao desporto. As portuguesas, mulheres ou raparigas, encontravam-se afastadas, na sua maioria, das atividades desportivas, sendo que as profundas mudanças da revolução permitiram a participação das mulheres que ganharam um novo espaço de intervenção na sociedade. Os dados da época revelaram que em 5 anos triplicou o número de praticantes femininas. (Almeida & Cruz, 2010). Para Pinheiro (2012) a maior participação das mulheres no mercado de trabalho após a revolução, deu-lhes mais independência e poder. Porém, as mulheres eram dissuadidas para optar apenas por alguns desportos devido à forte associação tradicionalmente feita entre alguns desportos e masculinidade. As influências da Igreja Católica eram muito mais fortes em Portugal do que em outros países europeus, dado que a sua ideologia prende-se com a maternidade, a importância da família e um ideal tradicional de feminilidade. O ano de 1975, por deliberação da Assembleia-Geral das Nações Unidas, foi declarado o Ano Internacional da Mulher. Ano em que as mulheres portuguesas celebraram o 8 de Março, pela primeira vez, segundo Almeida & Cruz (2010), em liberdade. Antes da revolução, o fascismo reprimia esta manifestação sendo festejada clandestinamente. A única referência na imprensa desportiva nacional a este dia foi através do discurso de Lia Manoliu,

uma campeã olímpica, que numa assembleia realizada em Lisboa, sobre os Comités Olímpicos Europeus, apela às Federações Internacionais para integrarem novas disciplinas e provas femininas no programa olímpico e «a todas as formas de propaganda para fazer mudar a óptica em relação ao desporto feminino de elite e popularizar entre as jovens as suas vantagens» (Record, 1975, cit por Almeida e Cruz, 2010). Neste período, a imprensa desportiva portuguesa registou os primeiros passos das portuguesas no desporto, como a criação do “movimento de emancipação da mulher”.

Atualmente, as federações desportivas registam 120844 raparigas e mulheres, que representam 24,3% do total de praticantes (IDP, 2009 cit por Almeida e Cruz, 2010), o que corresponde a apenas 2% das portuguesas. Por outro lado, a tendência para desigualdades entre mulheres e homens mantém-se o que não abona a favor da participação das raparigas e mulheres no desporto. As causas que as impedem de aceder, em igualdade, aos benefícios e recursos da prática e da participação desportos são identificadas por Almeida and Cruz (2010) como a ausência de medidas de participação no desporto, a falta de investimento escolar nas atividades desportivas na escola. A prática desportiva na escola é desvalorizada, o que leva à participação das raparigas entre 3% e 6% no Desporto Escolar e um elevado abandono em idades precoces. Percebe-se que a maioria das raparigas é fisicamente menos ativa que os rapazes, contudo esse facto é motivado pela iniciação tardia das raparigas nas atividades desportivas que não são estimuladas, o que leva ao abandono.

Apenas 18 das 58 federações desportivas têm 30% ou mais de participação feminina, derivado às poucas medidas de apoio ao desporto feminino para os clubes, facilitando o acesso às instalações em horários compatíveis. Por outro lado, a pouca ou quase nula valorização e cobertura das prestações desportivas dada pelos meios de comunicação são igualmente responsáveis pelo afastamento das raparigas do desporto. A invisibilidade e notícias quase insignificantes, fazem com que não hajam estímulos e incentivos, pois só o que é economicamente favorável sobressai. Para além disso, as desigualdades podem ser observadas pelo tamanho dos prémios

atribuídos e pelo valor inferior para as raparigas e mulheres, através das diferenças salariais, bem como a atribuição de apoios por parte do Estado. Daí que, a Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, após denúncias, conseguiu a aprovação para que as atletas possam contestar a atribuição desigual de prémios. O afastamento do futebol e futsal feminino dos Jogos da Lusofonia, deu lugar à indignação e subscrição da primeira Petição Pela Igualdade no Desporto, dirigida à Assembleia da República, em 2009.

Antes de 1974, as mulheres portuguesas estavam inseridas em desportos como a ginástica, basquete, ténis, natação e voleibol, entre outros. Mas, após 1974, começou a surgir a participação das mulheres nos desportos tradicionalmente considerados como de “identidade masculina”, como o futebol, rugby, andebol ou judo (Pinheiro, 2012), sendo o futebol um dos últimos desportos a ter competição oficial feminina.

Há vinte anos, era um escândalo as raparigas jogarem futebol. Apesar disso, um grupo de guerreiras constituiu a primeira Seleção Nacional de Futebol feminino, cujo primeiro jogo se realizou a 24 de Outubro de 1981, com a França, em Le Mans, tendo o jogo terminado 0-0. A 1ª Seleção Nacional é um marco importante para as mulheres pois permitiu abrir portas às mulheres no futebol perante o olhar de uma sociedade pouco habituada a ver a esta presença feminina. Para o futebol feminino em Portugal, este foi um dos primeiros passos na luta pelo reconhecimento social.

Em 1984/5, foi organizado o primeiro campeonato nacional de futebol feminino. A participação de mulheres nos desportos considerados de domínio masculino aumentou desde a revolução. Por exemplo, em 1977/8 não havia mulheres registadas na federação de futebol, mas em 1990, 451 mulheres já estavam inscritas. Em 1996 este número aumentou para 636 e em 1998 havia 2.439 atletas registadas na federação de futebol, no futebol e futsal.

Daí em diante, o futebol feminino tem crescido passo a passo e atualmente pode-se observar outra realidade que, de dia para dia, se desenvolve.

A Realidade do Futebol Feminino em Portugal

O Futebol é o desporto rei em Portugal, é emoção, é paixão, é educação, é saúde, é socialização, e é muito mais, é um fenómeno desportivo. Rei em Portugal no masculino, pois na vertente feminina é tratado como se de outro desporto se tratasse, denominado “futebol feminino”. Atualmente, em muitos países, o futebol feminino está em propagação, tendo inclusive ligas profissionais em alguns países. Contudo, não é o caso de Portugal, dado que no nosso país o futebol feminino é apenas amador. No entanto, é exigido às atletas das equipas de futebol feminino que lutam por títulos, atitude profissional quando se é apenas amador; e por vezes nas ligas profissionais, são profissionais e com atitudes de amador.

Rosário (1997) analisa a evolução do desporto, quer do ponto de vista da teoria quer da prática, provando que ele foi sempre o reflexo e o projeto de evolução sociopolítica do País e de paradigmas epistemológicos. O futebol para as mulheres tem evoluído desta forma, embora a um ritmo lento, estando demasiado dependente do que as políticas podem fazer para desenvolvê-lo na sociedade.

O número de praticantes de futebol inscritos/as na Federação Portuguesa de Futebol (FPF), como desporto rei que é em Portugal, corresponde a 28,5% do total de praticantes federados/as nas diversas modalidades (Cruz, Roque, & Martins, 2011).

Os dados do Instituto de Desporto de Portugal (IDP) referidos por Cruz, Roque, and Martins (2011) indicam que, em 2010, estavam inscritas na FPF apenas 6.160 mulheres que corresponde a uma taxa de feminização de 4,2%,

são os dados recentes que serão analisados, os dados são relativos a estudo da APMD (2011) como apresenta o Gráfico 1:

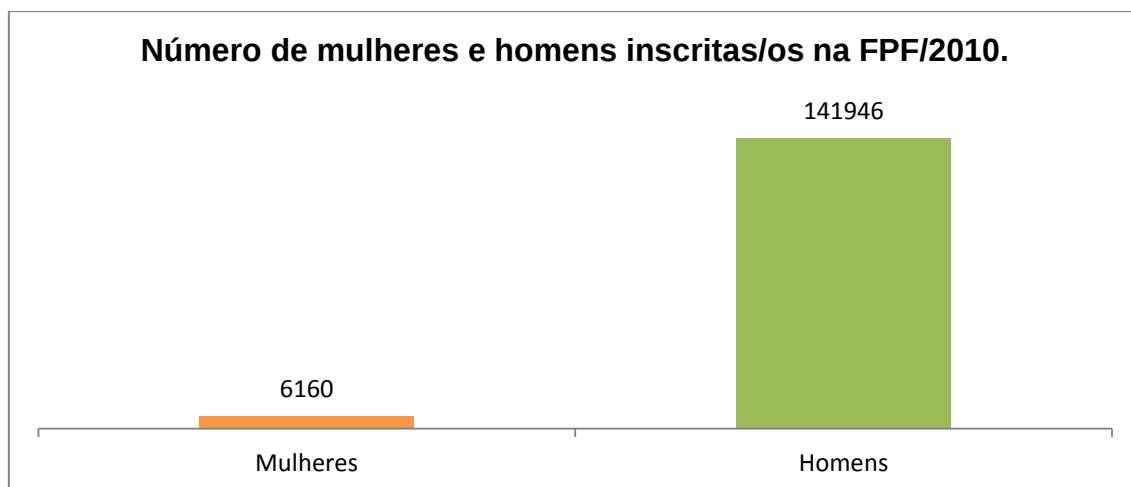


Gráfico 1: Número de mulheres e homens inscritos/as na FPF/2010 (APMD, 2011)

Quando estes números são analisados por escalão competitivo, a disparidade é brutal, como se compara no gráfico 2, que o número de raparigas nos escalões de formação, até júnior (formação), é de 655 face a 92.417 rapazes, o que dá uma chocante taxa de feminização de 0,4%. Quando analisados os números de Júnior+sénior, o número de mulheres é superior com uma taxa de feminização de 10% sobretudo devido à grande diminuição do número de homens.

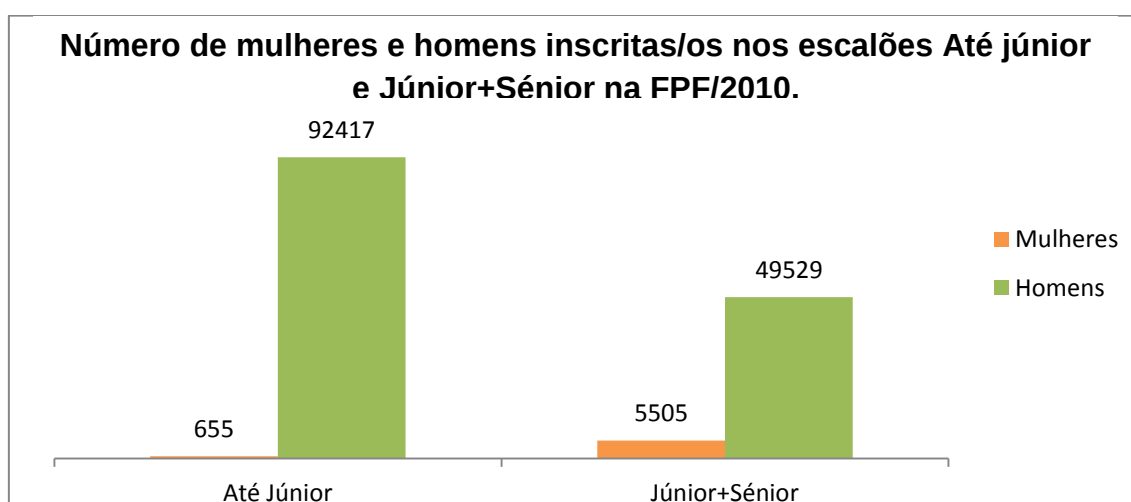


Gráfico 2: Número de mulheres e homens inscritas/os nos escalões Até júnior e Júnior+Sénior na FPF 2010 (APMD, 2011)

Portanto, as raparigas praticantes de futebol até júnior representam apenas 10,6% do total das praticantes.

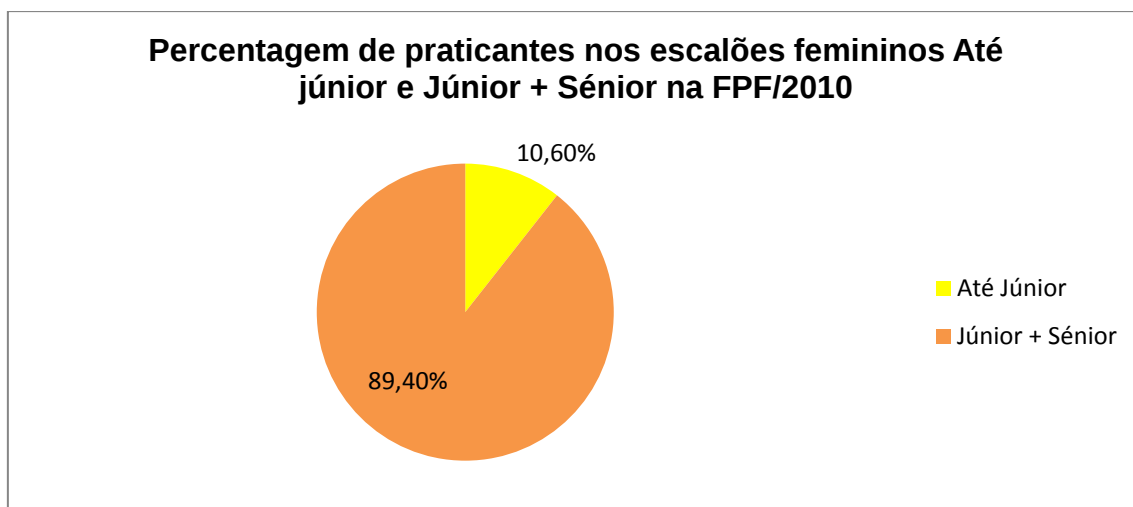


Gráfico 3: Percentagem de praticantes nos escalões femininos Até Júnior e Júnior+Sénior na FPF/2010 (APMD, 2011)

Contudo, apesar da disparidade entre o número de homens e mulheres praticantes de Futebol, com uma taxa de feminização de 4,2%, esta não significa o afastamento das mulheres e raparigas do Futebol. Pelo contrário, o número de mulheres inscritas no escalão Júnior+Sénior, ultrapassa outras seis modalidades, o Andebol, Basquetebol, Hóquei, Rugby e Voleibol. Apesar destas modalidades terem taxas de feminização maiores como o Voleibol que tem uma taxa de 51,9%, o Hóquei (41,1%), o Basquetebol (40,2%), o Andebol (38,4%), o Rugby (6,5%) e por fim o Futebol (4,2%), isto não se traduz num maior número de praticantes. O Futebol sobressai como o desporto coletivo de preferência das mulheres.

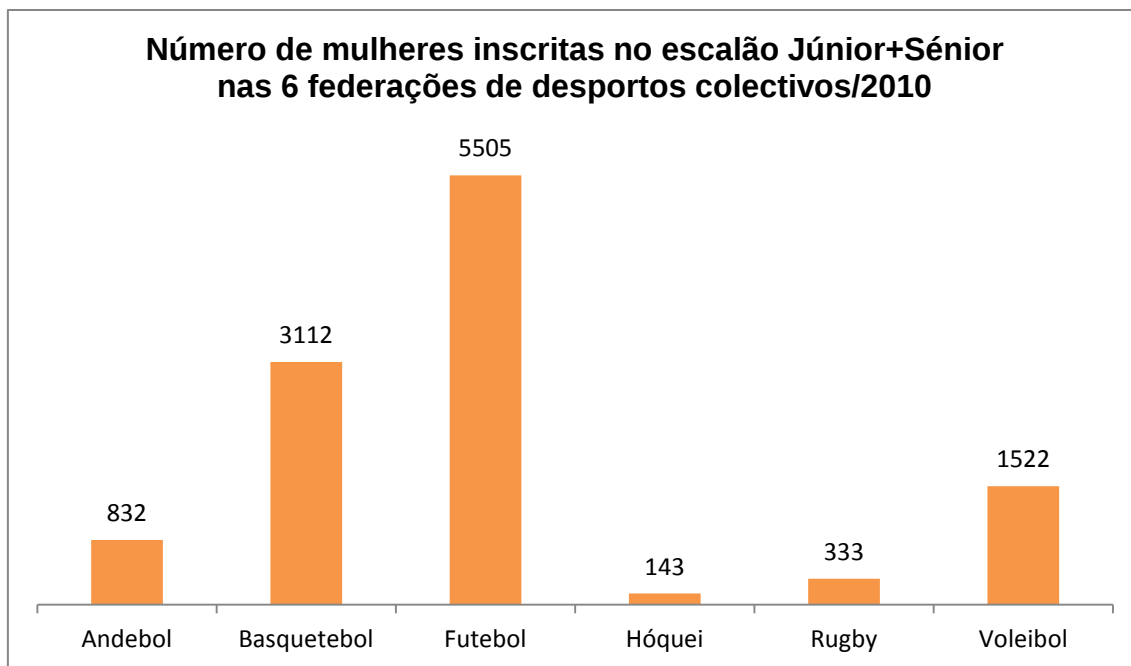


Gráfico 4: Número de mulheres inscritas no escalão Júnior+Sénior nas 6 federações de desportos coletivos/2010 (APMD, 2011)

Na última década, o número de praticantes inscritos na FPF aumentou de 115283 para 148106, tal como nos escalões femininos que aumentou de 3344 para 6160. Especificamente, as praticantes no escalão Júnior+Sénior aumentaram em 2424, enquanto que no escalão Até Júnior esse aumento foi apenas de 392 praticantes.

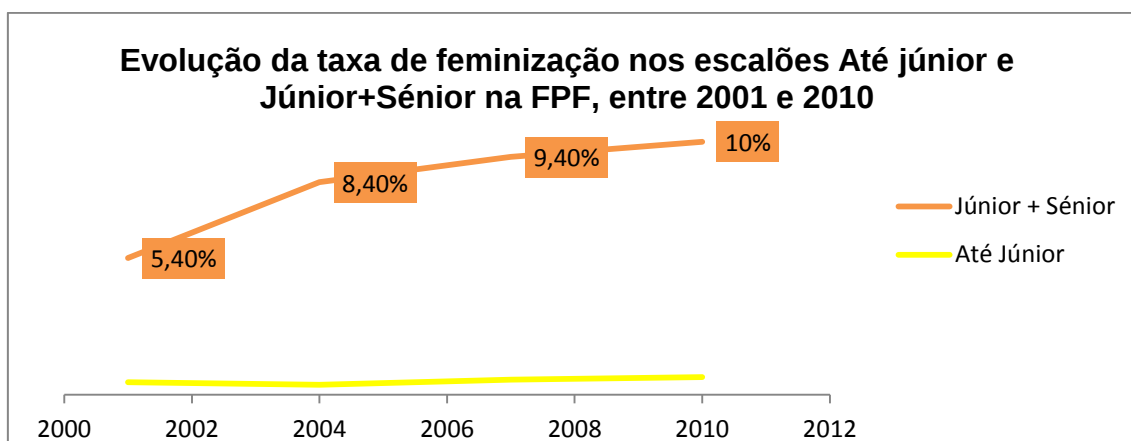


Gráfico 5: Evolução da taxa de feminização nos escalões Até júnior e Júnior+Sénior na FPF, entre 2001 e 2010 (APMD, 2011)

Porém, o crescimento de praticantes no futebol feminino foi inferior às outras modalidades, sobretudo nos escalões Até júnior, onde a disparidade é ainda maior.

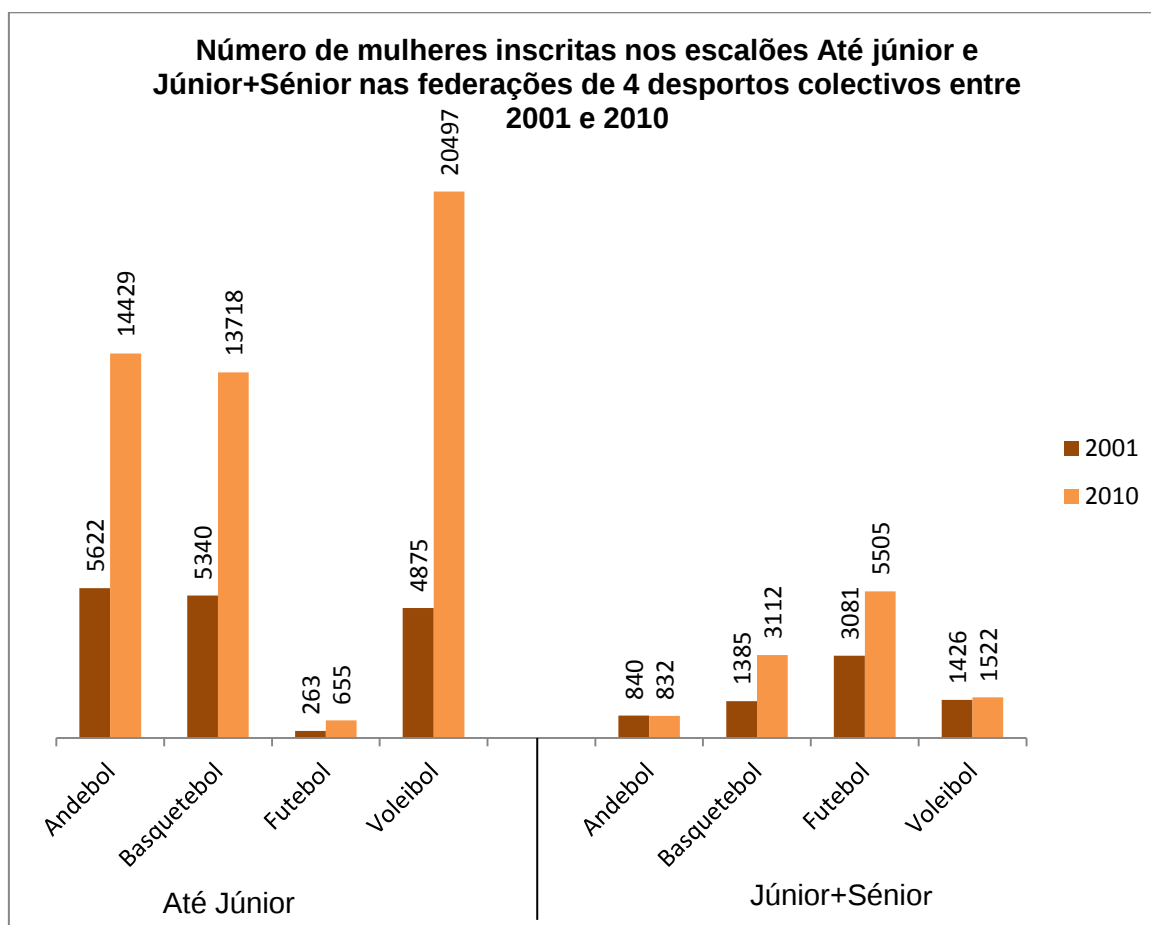


Gráfico 6: Número de mulheres inscritas nos escalões Até júnior e Júnior+Sénior nas federações de 4 desportos coletivos entre 2001 e 2010 (APMD, 2011)

Especificamente no Futebol, apenas 1,4% dos praticantes são mulheres, uma percentagem assustadora de tão escassa. Por sua vez, o Futsal tem uma taxa de feminização de 14,2%, porventura pelo acesso ou preferência.

Há um predomínio também no feminino do Futsal face ao Futebol 11 e Futebol 7 quer no escalão Sénior, quer no Júnior. O Futebol 11 tem 1213 praticantes femininas das quais 691 no escalão Sénior, 482 no Júnior e 35 no Infantil.

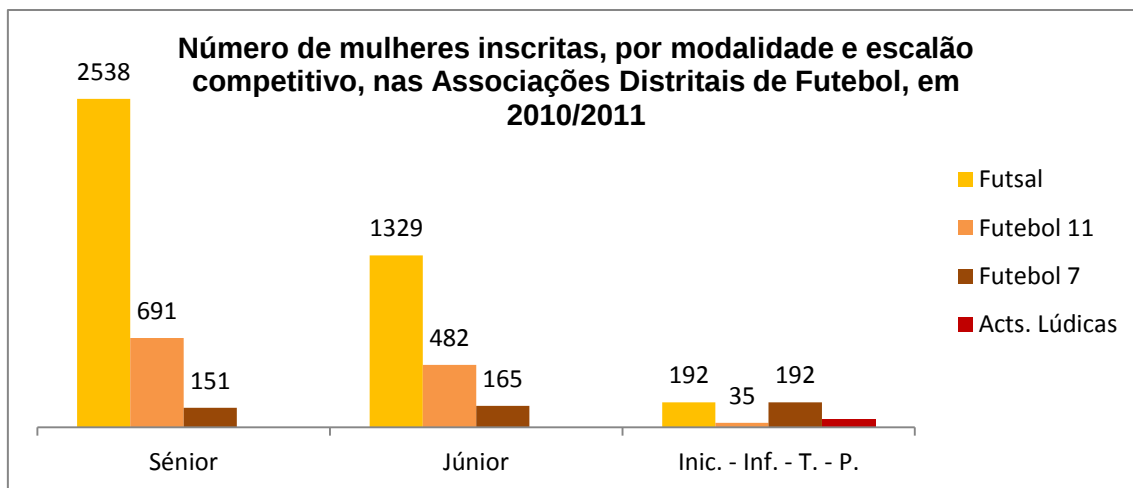


Gráfico 7: Número de mulheres inscritas, por modalidade e escalão competitivo, nas Associações Distritais de Futebol, em 2010/2011 (APMD, 2011)

O Futsal lidera no número de equipas inscritas quer no escalão sénior, quer no júnior. O Futebol 7 conta com 39 equipas, curiosamente 20 equipas no escalão júnior e 19 no escalão de sénior. Esta modalidade contribui de forma a que federação insira raparigas no futebol local e, por sua vez, os clubes conseguem formar mais facilmente equipas juniores. Por fim, o Futebol 11 só tem equipas séniores que disputam o Campeonato Nacional e o Campeonato de Promoção.

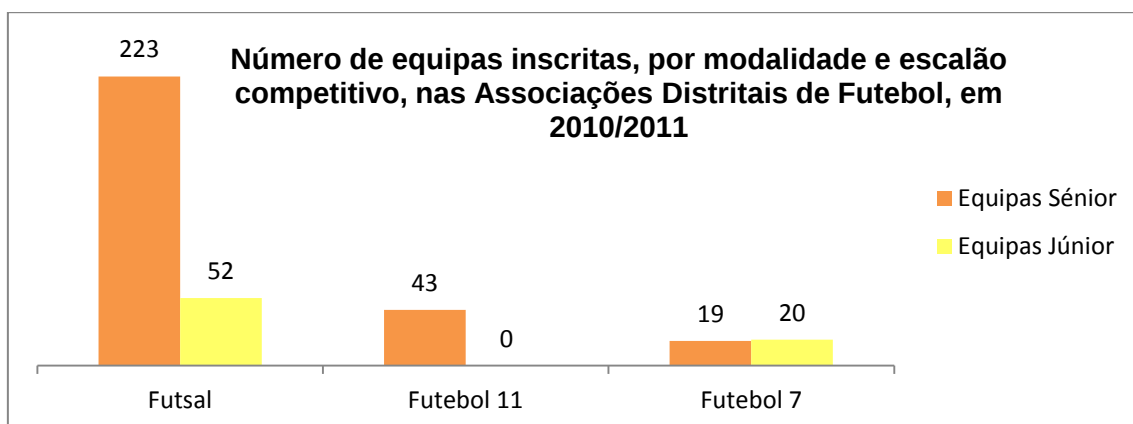


Gráfico 8: Número de equipas inscritas, por modalidade e escalão competitivo, nas Associações Distritais de Futebol, em 2010/2011 (APMD, 2011)

Cruz, Roque, and Martins (2011) referem que é de notar que 70% dos clubes de futebol (1474) não inscreveram nenhuma jogadora, e 85% dos clubes (1811) não tem nenhuma equipa feminina.

A distribuição geográfica das praticantes apresentada na ilustração 10, permite perceber que o maior número de clubes de futebol de 11 feminino sénior está no Porto, com 10 equipas, embora sendo Leiria, o distrito com maior taxa de feminização (6,5%). Por outro lado, é curioso que nenhuma associação distrital organiza em simultâneo, campeonato sénior e júnior de futebol de 7; organiza sénior, ou apenas júnior. Por fim, as Associações Distritais com maior número de equipas de futebol e futsal são Lisboa (49), Leiria (48), Porto (43), Aveiro (32) e Braga (25).

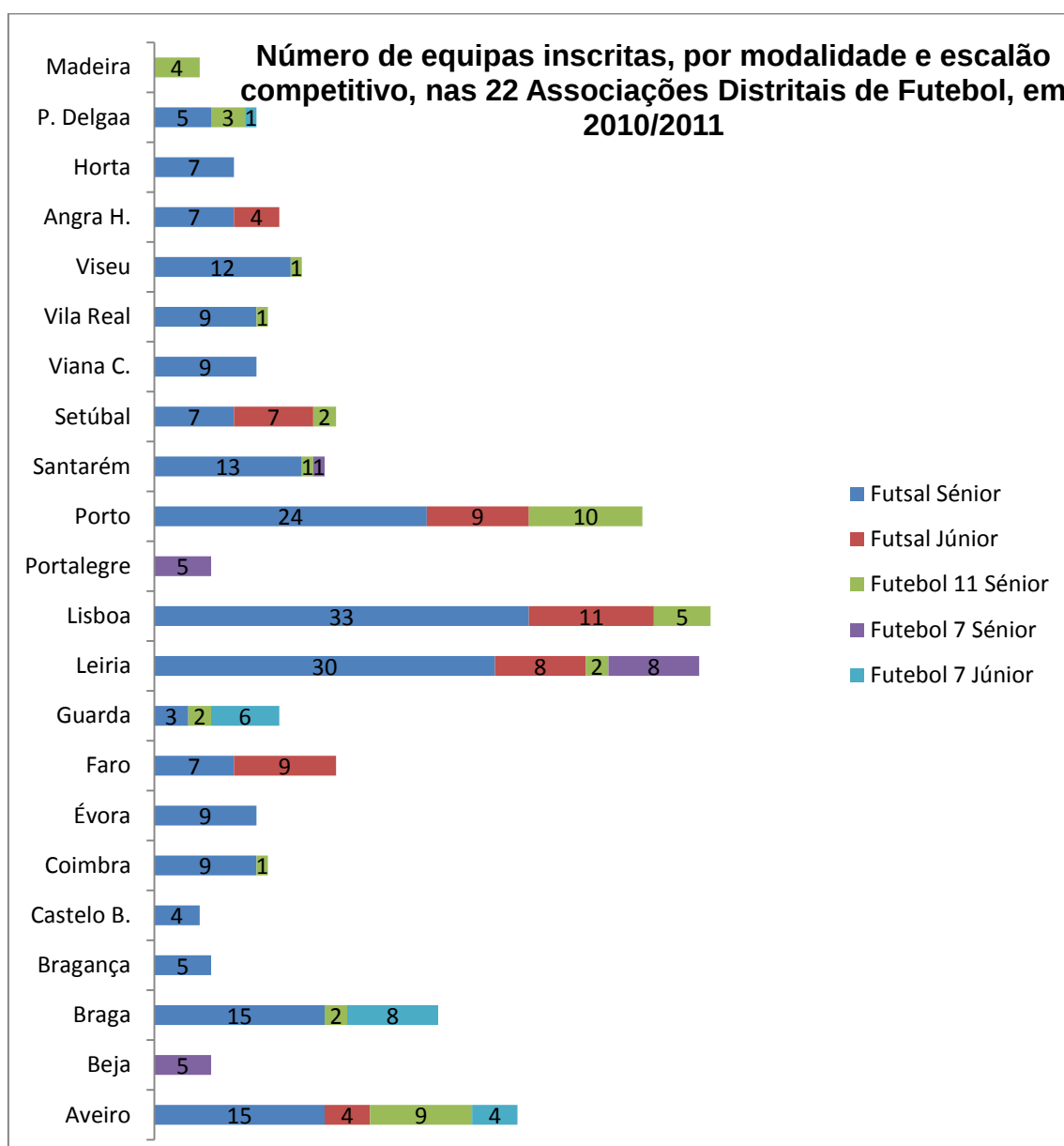


Gráfico 9: Número de equipas inscritas, por modalidade e escalão competitivo, nas 22 Associações Distritais de Futebol, em 2010/2011 (APMD, 2011)

Realidade Portuguesa – Dificuldades e Alegrias:

O universo feminino tem vindo a conquistar o seu espaço no Futebol em Portugal. Muitos são os que têm contribuído para todas as conquistas, com muita luta e muita alegria. Muitos e muitas foram os/as atletas, treinadores, diretores, organizações e pessoas que se dedicaram e dedicam a esta causa, que permitem que atualmente, se possa ter um quadro competitivo estruturado, mais apoios, mais estudos e oportunidades para as raparigas jogarem futebol. Contudo, ainda há muito trabalho para fazer no país para desenvolver o futebol feminino. Neste subcapítulo, para demonstrar a realidade atual do futebol feminino é abordado:

2. Competições e torneios em Portugal
3. Desporto Escolar
4. Problemas das raparigas na entrada no futebol
5. Organizações; o que têm feito no futebol feminino
6. Perspetivas

Competições e torneios em Portugal:

O Futebol feminino português sofreu alterações nos últimos anos nos seus quadros competitivos. Na década que passou, estava dividido por duas divisões nacionais, primeira e segunda divisão, e divisões distritais. Atualmente o futebol feminino sénior está dividido desta forma:

1. Campeonato Nacional da 1ª Divisão
2. Campeonato de Promoção

O Campeonato Nacional da 1ª Divisão tem 10 equipas cujos jogos são a duas voltas. Após as duas voltas, são encontradas as 4 primeiras equipas que vão disputar o apuramento para atribuir campeão nacional. Os pontos são divididos e passam para metade, jogando a duas voltas novamente. As 6

equipas do fundo da tabela, jogam entre si a fase de despromoção igualmente a duas voltas, com os pontos a metade. As duas últimas equipas descem de divisão para o Campeonato de Promoção.

O Campeonato de Promoção está dividido por séries A, B, C, D, por zonas, jogando igualmente a duas voltas e contêm 33 equipas. Os primeiros de cada série e os dois melhores segundos lugares jogam a fase final para apurar o campeão do Campeonato de Promoção. As duas equipas em 1º e 2º da fase final sobem de divisão. Para as equipas que não disputam a fase final é realizada uma taça de promoção com o mesmo modelo competitivo.

Todas as equipas séniores do Campeonato Nacional e de Promoção jogam ainda a Taça de Portugal de futebol feminino.

Alguns concelhos organizam ainda campeonatos inter-freguesias não oficiais, daí não haver dados concretos sobre o total de campeonatos, contudo na região norte, a Póvoa de Varzim e Penafiel têm esses campeonatos com algum sucesso e bastantes raparigas a praticar futebol.

Para as raparigas mais novas, não existe campeonato de futebol feminino júnior, daí que muitas tenham que ingressar em equipas séniores ou até mesmo não competir. Na época 2011/2012, algumas Associações Distritais criaram campeonato regional de Futebol 7 para as juniores poderem competir, fazendo a Federação Portuguesa de Futebol, pela primeira vez, um Campeonato Nacional Júnior, realizado num fim de semana, onde as equipas campeãs regionais se juntaram para apurar o campeão nacional. Foi um grande passo para iniciar competição de Futebol, embora de 7, para as raparigas mais novas.

Desporto Escolar:

O programa do Desporto Escolar aplica-se a todas as escolas dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Secundário, sendo potenciais praticantes os alunos e as alunas que os frequentam (Cruz, Roque, & Martins, 2011). Em Portugal, apenas 9% da população afirma praticar desporto regularmente

(Almeida & Cruz, 2010). O Desporto Escolar tem uma importância fundamental, a escolaridade sendo obrigatória, faz com que tenha como dever, inserir o desporto a todas as crianças e jovens.

A importância é de tal forma crucial que “para a maioria das raparigas, a escola constitui a única oportunidade de prática desportiva organizada” (Almeida & Cruz, 2010). As oportunidades escasseiam, por isso, é fundamental que estas sejam criadas no único local onde todas as crianças e jovens estão.

Na última década, pode ser confirmado o reduzido impacto do Desporto Escolar. No ano lectivo de 2009/2010, os inscritos nas atividades desportivas estariam entre 158737 e 79369, com a taxa de participação de 12,9% ou de 6,4%, para as raparigas isso significaria que em 100 participantes, apenas 6 eram raparigas, ou de 3 em 100 participantes (Almeida & Cruz, 2010).

No ano letivo 2010/2011, o Desporto Escolar registou 167090 inscrições de alunos/as, sendo 32421 as raparigas inscritas (19,4%). Porém os dados oficiais não permitem fornecer números exatos, pois cada aluno pode inscrever-se no máximo em duas modalidades, pelo que podem participar noutras sendo impossível a exatidão dos dados de impacto da prática desportiva nos rapazes e raparigas na escola.

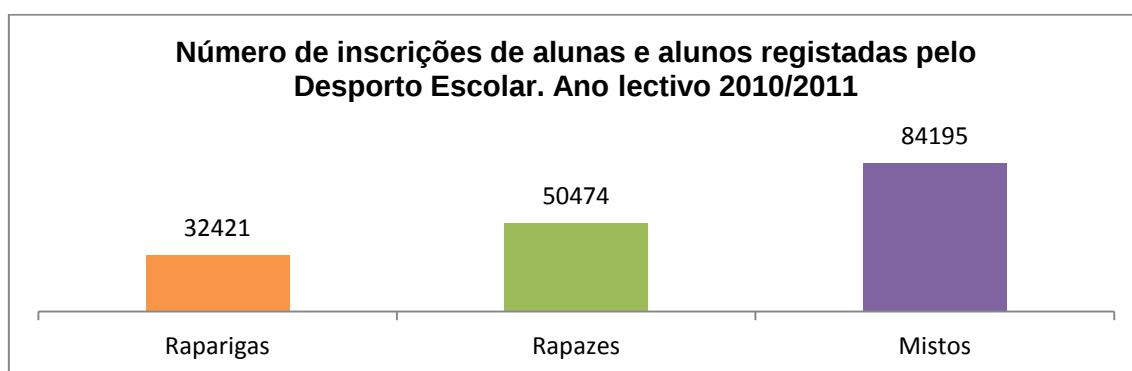


Gráfico 10: Número de inscrições de alunas e alunos registadas pelo Desporto Escolar. Ano lectivo 2010/2011 (APMD, 2011)

O Desporto Escolar destina-se a crianças e jovens, entre os 9 e 17 ou mais anos e a competição está distribuída por 5 escalões etários:

2 Infantil A (9/10 anos)

- 3 Infantil B (11/12 anos)
- 4 Iniciado (13/14 anos)
- 5 Juvenil (15/16 anos)
- 6 Júnior (>17 anos)

É curioso notar que à medida que as idades avançam, nota-se um equilíbrio entre inscrições de raparigas e rapazes, chegando inclusive no escalão júnior aos 45,7%, quase metade de praticantes raparigas e rapazes. O Futsal tem 25727 inscrições, sendo que 8503 são raparigas que corresponde a uma taxa de feminização de 24,8%, muito superior à federada.

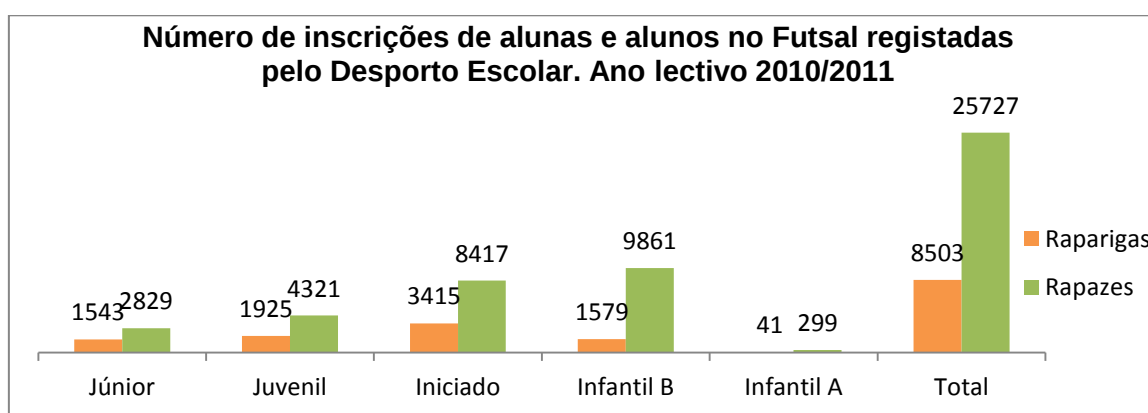


Gráfico 11: Número de inscrições de alunas e alunos no Futsal registadas pelo Desporto Escolar. Ano lectivo 2010/2011 (APMD, 2011)

Porém, a taxa de feminização no futsal é a mais baixa das modalidades coletivas, tendo o futsal, o maior número de inscrições. Contudo, somando as inscrições, podemos ver no gráfico 12, que é a 2ª modalidade com mais inscrições de raparigas, atrás do voleibol.

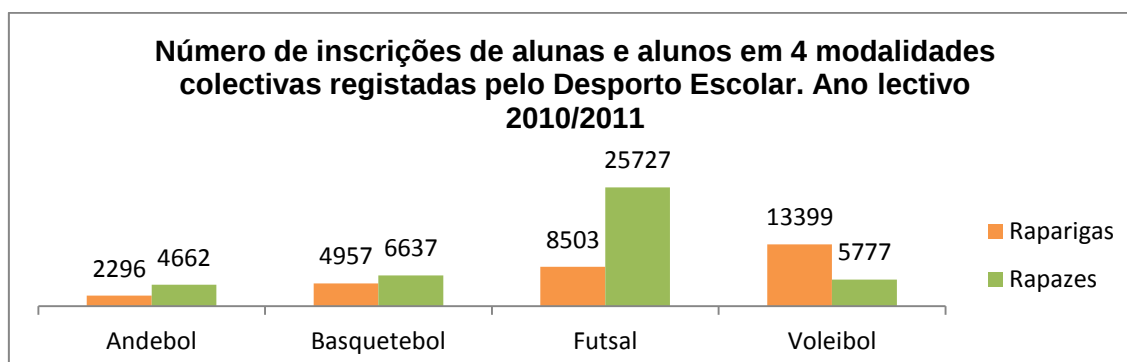


Gráfico 12: Número de inscrições de alunas e alunos em 4 modalidades coletivas registadas pelo Desporto Escolar. Ano lectivo 2010/2011 (APMD, 2011)

Cruz, Roque, and Martins (2011) defendem que é interessante comparar o número de raparigas inscritas até ao escalão júnior no futsal pelo desporto escolar, 7000 inscritas, face às apenas 655 praticantes federadas nos escalões equivalentes. Portanto, as autoras referem que, por isso, se consolida a ideia de que para a maioria das raparigas, a escola é a única oportunidade para praticar uma modalidade de forma organizada, com maior facilidade de acesso, sobretudo para idades mais precoces, que têm menos autonomia e maior dificuldade de acesso. Em suma, é de realçar a extrema “importância do papel da escola pública de qualidade, com condições materiais e financeiras adequadas para poder cumprir os imperativos constitucionais de efetivação dos direitos sociais e culturais na educação física e desporto de crianças e jovens, rapazes e raparigas”.

Problemas das raparigas na entrada no futebol:

Cada vez mais, existem contributos para as raparigas entrarem cedo no contexto desportivo. O desporto entra nas suas vidas através da escola e a sociedade começa a estar educada para fazer desporto como um bem para a saúde, educação e bem-estar. Porém, a escolha da modalidade desportiva continua a ser condicionada, embora com o passar dos anos a escolha e a visão que as raparigas têm sobre os desportos tende a alterar. Como referem (Botelho Gomes, Marques, & Nunes, 2005) em resultados de comparação do género dos jogos por intervalo de idade em cada contexto, as raparigas deixam de ver o futebol como sendo exclusivo para os rapazes, passando a considerar à medida que avançam em idade, como sendo apropriado a ambos os géneros.

Contudo, as raparigas desde cedo vêm considerar o futebol como sendo para rapazes, influência que pode ser transmitida pela família, amigos e colegas de escola e até mesmo por professores. Isto é, pode ser um facto inibidor da entrada das raparigas no futebol.

Por outro lado, o facto de não existir por todo o país competição para jovens jogadoras, faz com que muitas não sigam esse caminho. Daí, as raparigas tenham que optar por desportos de proximidade em relação à sua residência, ou porque não há clubes onde possam competir, ou porque os clubes com futebol feminino não têm equipas de formação, tal como se pode perceber nos capítulos anteriores, quer a competição através dos clubes quer o desporto escolar, não estão ainda a oferecer as condições adequadas para as raparigas no nosso país.

Conclui-se que são claramente identificados três grandes problemas fundamentais na entrada das raparigas no futebol:

3. Poucas competições juniores no País
4. Poucos clubes de futebol feminino com formação
5. Influência social da Família; Professores e Amigos

Organizações:

Com vista a promover a igualdade e a participação das mulheres no desporto a todos os níveis, funções e esferas de competência, foi criada uma associação de âmbito nacional, a Associação Portuguesa Mulher e Desporto (APMD). A APMD é uma organização de direitos de mulheres, constituída em 1998, cuja ação se inspira nos princípios de igualdade e não discriminação, consagrada na Constituição da República Portuguesa, e em todas as convenções e recomendações internacionais sobre esta temática. A intervenção da Associação em favor da igualdade entre mulheres e homens no desporto desenvolve-se em vários campos de ação, através de tomadas de posição públicas e de denúncias de situações de discriminação mas também na implementação de projetos e na edição de publicações.

A implementação de projetos como “O Jogo das Raparigas” têm contribuído para o aumento da participação das raparigas e mulheres no futebol/futsal.

Em 1999, a Associação Portuguesa Mulheres e Desporto organizou o “I Congresso Internacional, Mulheres no Desporto: sem limites, sem barreiras” para promover uma discussão alargada sobre a participação as raparigas e mulheres no desporto, no qual no final dos trabalhos foi aprovada a Declaração de Lisboa sobre Mulheres e Desporto (1999) cujos participantes:

1. Afirmam o papel determinante da educação física e do desporto escolar na formação das raparigas e responsabilizam, em particular, os ministros da educação, desporto e juventude pelo desenvolvimento das ações necessárias, conducentes à valorização da educação física em todos os graus de ensino, principalmente no 1º ciclo do ensino básico;

2. Propõem ao ministro do desporto e aos organismos públicos, que um dos critérios de avaliação para o financiamento de contratos-programa seja a prova da capacidade e empenhamento no desenvolvimento de medidas específicas em favor do desporto feminino, nomeadamente na criação de programas de formação de dirigentes e treinadoras;

3. Solicitam que a produção de trabalhos de investigação na área dos estudos sobre mulheres no desporto seja encorajada através de financiamentos públicos, e os seus resultados difundidos ao conjunto do movimento desportivo nacional;

4. Exortam as autarquias locais a assumir o compromisso em favor do desporto feminino, nomeadamente na criação de programas específicos dirigidos às raparigas e mulheres, na promoção do acesso destas às instalações desportivas, e na motivação do movimento associativo local através de incentivos financeiros;

5. Reclamam do Governo a constituição de um grupo de trabalho nacional, com a tarefa de elaborar um diagnóstico credível sobre a situação das mulheres no desporto, que permita, a curto prazo, a execução de um plano nacional que promova a igualdade de oportunidades nas políticas desportivas;

6. Apela ao Conselho Superior do Desporto para se debruçar sobre situações de discriminação de facto, nomeadamente a diferenciação abusiva relativa aos prémios masculinos e femininos;

7. Relembra o Comité Olímpico de Portugal da necessidade de cumprir as recomendações do Comité Olímpico Internacional, decididas em 1995, relativamente ao número mínimo de mulheres dirigentes e à criação de um grupo de trabalho específico sobre mulheres e desporto;

8. Encorajam as/os profissionais da comunicação social a retratar de forma positiva e significativa as desportistas e as práticas desportivas femininas, e a promover a visibilidade da participação das mulheres em todas as áreas e funções do movimento desportivo”.

Quatro anos depois, no ano de 2003, realizou-se no Porto, o “II Congresso Internacional Mulheres e Desporto: agir para a mudança” onde se discutiram as causas que originam atitudes sexistas no desporto, apontando soluções para preveni-las e ultrapassá-las, que foram integradas na Declaração do Porto sobre Mulheres e Desporto (2003) na qual os participantes:

1. Apelam à mobilização das desportistas para a defesa dos seus direitos e para a atuação contra todas as formas de discriminação com que frequentemente se confrontam;

2. Afirmam o papel determinante da educação física e do desporto escolar na formação de crianças e jovens, e recomendam a todas/os profissionais a adoção de novas perspetivas pedagógicas e didáticas que permitam às raparigas uma participação desportiva ao longo da vida;

3. Reclamam do Governo a assumpção das suas responsabilidades na construção e operacionalização de medidas políticas credíveis que promovam, a curto prazo, a igualdade de oportunidades entre mulheres e homens, em todas as áreas do sistema desportivo;

4. Exortam os dirigentes das organizações desportivas a empreender as medidas necessárias para a democratização do funcionamento e transformação das suas estruturas, de modo a incluir as mulheres em todos os níveis de decisão;

5. Encorajam as/os profissionais da comunicação social a retratar de forma digna e significativa as atividades desportivas de raparigas e mulheres, e a promover a sua visibilidade em todas as áreas e funções do desporto;

6. Apelam ao reconhecimento académico da temática Mulheres e Desporto nas ciências do desporto e solicitam que a produção de trabalhos de investigação seja encorajada através de financiamentos públicos.”

Volvidos 4 anos, teve lugar em Lisboa, em 2008, o III Congresso Internacional Mulheres e Desporto onde foi aprovada a Posição Pública sobre a Igualdade no Desporto, onde os participantes tomaram a seguinte posição pública:

1. “A Associação Portuguesa Mulheres e Desporto tem vindo a desenvolver um trabalho continuado de intervenção e de estudo, contributos que consideramos muito pertinentes;

2. Passou uma década. Apesar dos diagnósticos e propostas que temos vindo a apresentar às entidades governamentais, durante estes anos não foi implementada qualquer medida concreta e credível. Por isso a centralidade que neste congresso atribuímos à Políticas Públicas.

3. Queremos expressar mais uma vez o nosso compromisso com a Igualdade no desporto – podem contar com a nossa intervenção.

4. Esperamos que o poder político assuma, urgentemente, o seu papel e as suas responsabilidades na implementação de medidas concretas e credíveis.

5. Apelamos às mulheres que se empenhem e que sejam responsáveis pela conquista da igualdade no desporto.”

Deste modo, a Associação Portuguesa Mulheres e Desporto luta por um desporto justo e sem discriminações, onde recursos e oportunidades sejam distribuídos de forma equitativa entre raparigas e rapazes, mulheres e homens. A taxa de participação feminina em Portugal é das mais baixas na União Europeia e onde há maior desigualdade entre homens e mulheres, apesar de excelentes resultados desportivos das atletas portuguesas. Cabe a APMD lutar contra esta tendência que penaliza as mulheres e as raparigas no desporto.

Assim, a discriminação atinge as raparigas no desporto e inibe-as de praticar, existindo discriminação, segundo a APMD, por exemplo, quando:

1. Raparigas recebem prémios inferiores ou de menor valor que os rapazes;
2. Raparigas não têm acesso às mesmas instalações que os rapazes;
3. Raparigas treinam em horários mais tardios que os rapazes;

4. Trabalho dos/das treinadores/as é desvalorizado quando treinam equipas femininas ou atletas (recebendo inclusive remunerações inferiores);
5. Mulheres árbitras ou juízas são impedidas de progredir nas carreiras por serem mulheres;
6. Clubes extinguem secções femininas evocando dificuldades financeiras;
7. Federações desportivas suspendem atividades de seleções femininas por razões que não são aplicadas, de igual forma, às masculinas.
8. Recursos financeiros distribuídos de forma desigual para sector feminino comparado com o masculino.

O projeto da Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, “O Jogo das Raparigas” têm contribuído para o aumento da participação das raparigas e mulheres no futebol/futsal. “O Jogo das Raparigas é um projeto nacional desenvolvido pela APMD e financiado pelo POPH (QREN), que tem como objetivo contribuir para o aumento da participação das raparigas e mulheres no futebol/futsal através de três eixos interligados e complementares de intervenção:

(1) o combate à invisibilidade, às barreiras culturais e aos estereótipos, através de uma campanha centrada na apropriação e na prática deste desporto pelas raparigas, procurando influenciar positivamente as jovens adolescentes mas sobretudo as suas famílias, os órgãos de comunicação social e agentes desportivos, nomeadamente do futebol/futsal;

(2) o empoderamento das raparigas e mulheres, numa perspetiva de consciencialização dos seus direitos, promovendo oportunidades de participação, de organização e de desenvolvimento das suas competências de liderança, bem como o aumento da prática desportiva;

(3) a sensibilização de públicos estratégicos: dirigentes de clubes, de associações distritais de futebol, de eleitas/os do poder local, para a necessidade de promover medidas e programas específicos que apliquem o princípio da igualdade e da não- discriminação; o projeto é também dirigido às escolas e docentes de Educação Física para a necessidade de apoiar as jovens alunas na aprendizagem do futebol/ futsal e apoiar a sua prática continuada.

O projeto O Jogo das Raparigas realizou mais de 350 reuniões com as equipas de futebol e futsal. Após a primeira fase, as jogadoras de ligação ao Jogo das Raparigas estabeleceram nas reuniões preparatórias um conjunto de

propostas a serem discutidas nos Encontros Locais e nos Encontros Regionais. De Norte a Sul do país foram realizados 15 Encontros Locais (Chaves, Porto, Braga/Viana do Castelo, Guarda, Castelo Branco, Coimbra, Viseu, Leiria, Aveiro, Lisboa, Setúbal, Portalegre, Évora, Beja, e Olhão) e 4 Encontros Regionais (região Norte, região Centro, região Lisboa e região Alentejo), com uma participação global de mais de 1.600 pessoas, jogadoras, treinadoras/es, dirigentes de clubes, associações distritais, docentes de Educação Física e eleitas/os e técnicas/os das autarquias locais (APMD, 2011).

As iniciativas públicas de O Jogo das Raparigas foram realizadas entre Abril de 2010 e Julho de 2012, culminando com um grande encontro nacional de todas as praticantes de futebol e futsal” (APMD, 2011). Deste encontro nacional foram finalizadas as propostas e medidas apresentadas em três grandes áreas (APMD, 2011) :

- Iniciação e Formação
- Quadros Competitivos e encargos com a competição federada
- Promoção da visibilidade

Na iniciação e formação *“em 2010, estavam inscritas/os na FPF 148.106 praticantes, mas apenas 6.160 mulheres correspondendo a uma taxa de feminização de apenas 4,2%. A desagregação do número de praticantes por escalão competitivo Até Júnior (formação) e Júnior+Sénior (especialização) comprova uma brutal disparidade entre o número de raparigas (655) e de rapazes (92.417) nos escalões de formação que determina a ínfima taxa de feminização de 0,7%. Infelizmente, esta brutal disparidade tem sido constante ao longo da última década e revela uma estagnação intolerável que é urgente alterar. É assim necessário transformar esta realidade, que subsiste há mais de 30 anos, com um conjunto de medidas e ações específicas a implementar de forma coordenada. Esta responsabilidade é atribuída: aos órgãos diretivos e aos grupos disciplinares dos estabelecimentos de ensino; às Direções Regionais de Educação; à estrutura nacional, regional/local do Desporto Escolar; às Câmaras Municipais e às Juntas de Freguesia; às Associações Distritais de Futebol e à Federação Portuguesa de Futebol.*

1. Prática desportiva na ESCOLA

Para a maioria das raparigas, a escola constitui a única oportunidade de prática desportiva organizada. Compete à Escola a efetivação do princípio constitucional do direito à Educação Física e Desporto de crianças e jovens, raparigas e rapazes, com condições materiais e financeiras adequadas, e com o correto enquadramento pedagógico das atividades e programas de ensino.

No âmbito da Educação Física no 1º ciclo do ensino básico:

- Garantir às raparigas, de forma significativa, as aprendizagens motoras, nomeadamente, as perícias e manipulação da bola com os pés, e o domínio básico das habilidades próprias do jogo futebol/futsal;

No âmbito das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC):

- Garantir às raparigas a prática regular de jogos Pré-desportivos e Futebol/Futsal através da constituição obrigatória de equipas mistas.

No âmbito da Educação Física do 2º e 3º ciclos do ensino básico, e do ensino secundário:

- Garantir as práticas pedagógicas de coeducação nas aulas de Educação Física, e nas atividades competitivas e torneios organizados pelas escolas, promovendo a participação de equipas femininas e de equipas mistas nos escalões etários mais baixos;

No âmbito das atividades (internas e externas) do Desporto Escolar:

- Garantir o aumento do número alunas inscritas e o aumento do número de equipas femininas de Futebol/Futsal em quadros competitivos, organizados de acordo com as orientações e conceções pedagógicas, com o objetivo de atingir, no prazo de 3 anos, uma taxa de feminização de 40% no Futebol/Futsal;

- Garantir a obrigatoriedade de equipas mistas nos escalões Infantil (A e B) e Iniciado, acionando a alteração do regulamento de provas.

2. Prática desportiva de base/local

É da competência das autarquias locais o desenvolvimento da prática desportiva, em colaboração com as escolas e os clubes. Esta colaboração deverá ser potenciada pela intervenção coordenada de atividades que promovam o aumento e a regularidade da prática desportiva das raparigas e mulheres, através da distribuição equitativa de recursos materiais e humanos e, sobretudo, o acesso em igualdade às instalações desportivas de uso público.

- Promover a realização de convívios e encontros competitivos entre equipas femininas das escolas e dos clubes, de forma regular e sistemática;
- Incluir quadros competitivos, ainda que simplificados, nos torneios locais e/ou inter-concelhios, dirigidos às equipas femininas, com carácter comemorativo, pontual ou mais regular;
- Promover a realização de convívios competitivos concelhios e regionais em regime de concentração, com a finalidade de fomentar de forma festiva a prática do Futebol/Futsal entre as jovens raparigas.

3. Prática desportiva federada

Cabe às estruturas que enquadram o futebol, as Associações Distritais e à Federação Portuguesa de Futebol, a implementação e acompanhamento das medidas conducentes à promoção da prática dirigida às crianças e às raparigas nos clubes filiados, com o objetivo de, até 2015, aumentar o número de jovens praticantes inscritas para 10.000:

- Implementar um programa de promoção e de apoio dirigido aos clubes sem equipas femininas com a finalidade de criação de equipas femininas nos escalões de formação, com espaços de acolhimento específicos para as jovens praticantes, de modo a aumentar o número de clubes filiados com equipas femininas, de 15% para 30%, até 2015;
- Criar as condições de apoio aos clubes com equipas femininas nos escalões sénior e/ou júnior para o desenvolvimento de projetos desportivos, credíveis e sustentados, de promoção da prática desportiva regular e organizada dirigida às raparigas mais jovens, com o objetivo de criação de, no mínimo, 100 novas equipas femininas nos escalões de formação;
- Estabelecer, progressivamente, as metas e as condições de participação nas competições nacionais do escalão sénior, pela criação nos clubes de equipas de formação”. (Bento, 2004)

Em relação aos Quadros Competitivos, “a distribuição geográfica das praticantes de Futebol/Futsal, e das respetivas equipas, é bastante assimétrica. O desenvolvimento Futebol/Futsal deve ser realizado de forma harmoniosa e integrada, contribuindo para a inserção social e a coesão nacional, com a finalidade de reduzir as assimetrias regionais, corrigindo os desequilíbrios originados pela distância ou decréscimo

populacional, e garantindo a participação das praticantes e clubes nos quadros competitivos de âmbito regional e nacional. A Federação Portuguesa de Futebol, em conjunto com as Associações Distritais, tem de assumir a promoção da prática e da participação ativa de raparigas e mulheres no futebol e no futsal, com a implementação de um programa estruturado e com medidas muito concretas com o objetivo de:

- *Promover e desenvolver, de forma sustentada, a prática feminina do futebol/futsal em todos os distritos do país;*

- *Estimular e monitorizar o desenvolvimento técnico das jogadoras, garantindo as condições necessárias para o desenvolvimento da excelência desportiva nos vários escalões competitivos;*

- *Adotar um programa de apoio financeiro aos clubes com projetos desportivos nos escalões femininos, e incrementar competições para todos os escalões, de forma continuada e adequada ao nível competitivo;*

- *Criar condições para o aumento do número de mulheres envolvidas no futebol/futsal, como treinadoras, árbitras ou dirigentes, e cuidar da sua formação continuada.*

A necessária adequação dos quadros competitivos no Futebol e no Futsal tem como objetivos o aumento da competitividade entre as equipas, o estabelecimento de quadros competitivos com duração significativa, o aumento do nível competitivo entre as melhores equipas, e a disputa e atribuição de títulos nacionais idêntica aos das equipas masculinas.

A atribuição de títulos, troféus e prémios para distinguir as equipas vencedoras nas competições oficiais, deverá reger-se pelo princípio da igualdade e não discriminação.

Esta distinção simbólica, própria do desporto, deverá estabelecer a atribuição de prémios iguais, ou de igual valor, para equipas femininas e equipas masculinas, em todos os escalões, dos respetivos quadros Competitivos.

No futebol, no escalão sénior:

- *Reestruturar o Campeonato de Promoção: aumento do número de jogos, com um mínimo de 9 meses de competição, organizada por séries com número de equipas entre 8 e 11;*

- *Criar a Super-Taça;*

- Criar competições Inter-Distritais de Futebol 7, com atribuição de títulos, complementares aos Campeonatos Distritais com número reduzido de equipas (Beja/Portalegre).

No futebol no Escalão júnior:

- Generalizar, até 2015, a realização de Campeonatos Distritais de Futebol 7 em todos os distritos do país;

- Implementar, de forma imediata, a realização de Campeonatos Distritais de Futebol 7, com calendarização adequada e adaptada à realidade de cada distrito, possibilitando a complementaridade das competições do escalão sénior;

- Criar a Taça Nacional de Futebol 7, na época 2012/2013;

- Criar competições Inter-Distritais de Futebol 7, complementares aos Campeonatos Distritais com número reduzido de equipas;

No Futsal, no Escalão sénior:

- Criar o Campeonato Nacional na época 2014/2015: manter o equilíbrio geográfico entre equipas participantes e manter os níveis de participação atual nos Campeonatos Distritais; proporcionar o acesso célere à disputa do Campeonato Nacional; reduzir encargos com deslocações; aumentar o nível competitivo das equipas e das jogadoras;

- Criar um período transitório com a reestruturação da Taça Nacional, épocas 2012/2013 e 2013/2014;

- Criar a Taça de Portugal e a Super-Taça;

- Criar Campeonatos Inter-Distritais, em regimes especiais de concentração, complementares aos Campeonatos Distritais com número reduzido de equipas (Bragança/Vila Real; Castelo Branco/Guarda; Évora/Setúbal);

- Criar em todos os Distritos a Taça e a Super-Taça Distrital;

- Implementar, em algumas regiões do país, a criação de competições experimentais de Futebol de Praia, de forma complementar aos Campeonatos Distritais.

No Futsal, no escalão júnior:

- Generalizar, até 2015, a realização de Campeonatos Distritais em todos os distritos do país;

- Implementar de forma imediata a realização de Taças Distritais nos distritos em que se já disputam Campeonatos Distritais;

- Criar a Taça Nacional.

Diminuir os encargos com a competição federada das equipas femininas:

Os encargos financeiros com a competição federada das equipas tem vindo a onerar a grande maioria dos clubes e das famílias, no limite das suas capacidades, e a constituir um importante obstáculo ao crescimento do número das equipas femininas.

É indispensável que os recursos gerados pela FPF e Associações Distritais sejam aplicados de forma equitativa no desenvolvimento da prática de raparigas e mulheres, através da diminuição dos custos associados à participação nas competições federadas, e também pelo aumento dos apoios específicos aos clubes para suportarem a participação das equipas femininas.

Encargos com policiamento:

- Generalizar em todos os Distritos, e de acordo com o Decreto-lei 238/92 de 29 de Outubro, a figura de «responsável pela segurança» nas competições distritais;

- Promover a alteração do n.º 2 do artigo 7º (Número de efetivos) com redução significativa, e real, do número de efetivos para competições entre equipas femininas.

Encargos com a inscrição/revalidação de equipas, jogadoras e outros agentes:

- Limitar os valores praticados pelas Associações Distritais de Futebol, devidos para a inscrição das equipas femininas, jogadoras, provas, seguro desportivo, 1ª inscrição e/ou renovação.

Encargos com a atividade competitiva:

- Limitar os valores praticados pelas Associações Distritais de Futebol, devidos pelas taxas de jogo e de arbitragem (futsal);

- Apoiar financeiramente as deslocações e as despesas inerentes à organização do jogo.

Outras medidas:

Na atual etapa de desenvolvimento das equipas femininas considera-se desadequada a transposição direta das orientações adotadas para o sector masculino, algumas das quais constituem entraves que não beneficiam nem os clubes, nem as equipas ou as jogadoras, nem as estruturas que enquadram o futebol.

Assim, impõem-se algumas alterações e medidas específicas a vigorar durante um período de, pelo menos 5 anos, com o objetivo de favorecer o desenvolvimento da prática desportiva das raparigas e mulheres:

- Favorecer o acesso à prática desportiva federada das raparigas de nacionalidade não portuguesa e com idade inferior a 16 anos, com a adoção do procedimento utilizado na matrícula escolar, e eliminando a exigência de comprovativo de residência;*
- Promover o acesso das praticantes à prática multidesportiva do Futebol e do Futsal através da redução dos custos associados: uma única licença, um único seguro desportivo;*
- Reduzir o valor da transferência de jogadoras dos clubes estrangeiros para os clubes nacionais para valor igual ao aplicado às transferências entre clubes nacionais;*
- Isentar o pagamento da Taxa de Formação por Transferência, e da Taxa de Transferência à ADF/FPF sempre que os clubes extingam a equipa feminina;*
- Alterar a determinação de suspensão das equipas femininas seniores devida às dívidas incorridas pelos clubes em outros escalões” (APMD, 2011).*

A promoção da visibilidade é fundamental, “a continuada invisibilidade das prestações desportivas e a ausência de promoção pública das jogadoras reforçam a “ideia” de que o Futebol/Futsal não é um desporto adequado para as raparigas e as mulheres. Esta invisibilidade contribui para obstaculizar a participação e o acesso à prática desportiva das raparigas e mulheres, facto que também é comprovado pela elevada percentagem de clubes filiados que não enquadra qualquer equipa feminina, cerca de 85%. Cabe às estruturas que enquadram o futebol, Clubes, Associações Distritais e Federação Portuguesa de Futebol, a implementação de medidas concretas para

promover a visibilidade mediática das equipas femininas e encorajar os órgãos de comunicação social a retratar, de forma digna e significativa, a participação competitiva de raparigas e mulheres no futebol e no futsal:

- Divulgar com regularidade, e em cada jornada, as competições das equipas femininas, de âmbito regional ou nacional, respetivos resultados e classificações; - Impulsionar o desenvolvimento de um programa de ação dirigido aos órgãos de comunicação social, sobretudo às pessoas responsáveis pela edição do desporto, com o objetivo de promover a visibilidade mediática das equipas femininas de Futebol e de Futsal; - Integrar em todos os materiais e meios de divulgação, de forma sistemática e no mesmo nível de importância/destaque, imagens de mulheres e de homens, praticantes de Futebol/Futsal; - Implementar um plano de comunicação específico para a promoção das Seleções Nacionais Femininas de Futebol e Futsal, junto dos órgãos de comunicação social nacional, nomeadamente, nas televisões de canal aberto.

- Integrar as mulheres nas ações e iniciativas de âmbito nacional que visam distinguir a excelência das prestações desportivas de praticantes, ou de outros agentes desportivos, e promover e apoiar a realização de ações de âmbito regional/local dirigidas especificamente ao sector feminino;

- Alargar a dimensão e abrangência da Festa Nacional dirigida às equipas femininas de Futebol/Futsal, e apoiar a realização de iniciativas semelhantes de âmbito regional.

No Seminário Internacional O Jogo das Raparigas, realizado no Porto, em 2011, as e os participantes expressaram o seu acordo com as seguintes propostas:

- Evocam os princípios constitucionais da igualdade e do direito ao desporto e a Convenção sobre Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres ratificada pelo Estado português, em 1980;

- Relembam ao Governo, em particular aos responsáveis pelo Desporto e pela Educação, as medidas necessárias de promoção do desporto, e em particular, do futebol/futsal;

- Relembam as resoluções adotadas pelas organizações desportivas internacionais e Movimento Olímpico sobre a efetivação do direito à igualdade das mulheres;

- Relembrem a missão e as competências definidas por Lei e atribuídas às federações desportivas, nomeadamente, as responsabilidades no processo de desenvolvimento desportivo;

A Federação Portuguesa de Futebol, em conjunto com as Associações Distritais, tem de assumir a promoção da participação ativa de raparigas e mulheres no futebol e no futsal, e a implementação de um programa nacional, estruturado e com medidas muito concretas, em função destes objetivos:

- Promover e desenvolver, de forma sustentada, a prática feminina do futebol/futsal em todos os distritos do país;

- Promover o aumento significativo das praticantes nos clubes, principalmente, nos escalões mais jovens;

- Estimular e monitorizar o desenvolvimento técnico das jogadoras, garantindo as condições necessárias para o desenvolvimento da excelência desportiva nos vários escalões competitivos;

- Adotar um programa de apoio financeiro aos clubes com projetos desportivos nos escalões femininos, e incrementar competições para todos os escalões, de forma continuada e adequada ao nível competitivo;

- Promover a visibilidade mediática das equipas femininas e encorajar os órgãos de comunicação social a retratar de forma digna e significativa a participação competitiva de raparigas e mulheres no futebol e no futsal.

- Criar condições para o aumento do número de mulheres envolvidas no futebol/futsal, como treinadoras, árbitras ou dirigentes, e cuidar da sua formação continuada.

No quadro do apoio financeiro do Estado às federações desportivas, o Governo e a Federação Portuguesa de Futebol devem acordar um programa de curto e médio prazo para o desenvolvimento dos escalões femininos, e uma dotação financeira específica para contrariar a vulnerabilidade das equipas e para promover o seu desenvolvimento sustentado.

É preocupante a lentidão do desenvolvimento e da participação das mulheres no futebol/futsal.

Os vários indicadores estatísticos, e a realidade que se conhece, confirmam a permanência dos obstáculos à participação das raparigas no futebol/futsal, nomeadamente, nos escalões etários jovens.

O Jogo das Raparigas lança o desafio às organizações que enquadram o futebol/futsal.

O tempo das afirmações bem-intencionadas, sem qualquer consequência prática, tem de acabar!

Agora, é o tempo de agir!”

O projeto “O jogo das raparigas” da Associação Portuguesa de Mulheres e Desporto veio unir o futebol feminino e abrir portas até agora nunca abertas. É o tempo do futebol feminino graças a todos os que contribuíram para ele!

O Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol lançou então, em 2012, o projeto denominado, “Projeto Futebol Feminino”:

(SJPF, 2012): PROJECTO FUTEBOL FEMININO

“O Futebol e a igualdade de género:

O Futebol é o desporto mais praticado a nível mundial e o seu impacto mediático reflete-se transversalmente na sociedade.

É consequentemente um veículo privilegiado da promoção da igualdade, da inclusão social e dos valores do desportivismo.

O Futebol Feminino, apesar da sua crescente afirmação no plano internacional necessita da mesma afirmação e importância dentro do nosso país.

A luta pela igualdade de género é uma preocupação das sociedades modernas e o futebol, nesta matéria, pode e deve ter um papel relevante na matéria. Mas, também aqui, mais do que as palavras se impõem os atos.

O SJPF e a intervenção social:

O SJPF, principal representante e defensor dos futebolistas portugueses, é sócio da Federação Portuguesa de Futebol, membro do Conselho Nacional do Desporto e do Conselho para a Ética e Segurança no Desporto desenvolvendo, por isso, um papel decisivo na organização do desporto, em particular do Futebol Português.

No plano internacional, está representado na FIFPro FIFA e UEFA.

A sua intervenção, no entanto, não se resume a isso, já que, consciente da sua responsabilidade social, procura agir na comunidade estabelecendo parcerias com diversas instituições.

Porque assim é, o SJPF foi recentemente distinguido pela Agência Europeia de Direitos Fundamentais (FRA) pelos seus projetos e boas práticas ao nível da intervenção social.

Integra ainda no plano europeu o Projeto SPIN (Sports Inclusion Network- Inclusão Social no e pelo desporto) reconhecido e apoiado pela Comissão Europeia, desenvolvendo atividades que visam a integração social no e pelo desporto.

Neste contexto, o futebol feminino ganha relevância, acompanhando a tendência de valorização nas instâncias comunitárias e organizações não governamentais.

O SJPF e o Futebol Feminino:

O SJPF pretende contribuir para o combate aos constrangimentos derivados da discriminação de género, que tendem a desvalorizar a importância do Futebol Feminino e dificultar o acesso das mulheres ao desporto.

Mais importante que a questão de princípio são as praticantes que diariamente vivem e sentem este problema e por isso são elas as principais destinatárias deste projeto.

Neste contexto, o SJPF propõe-se prestar o apoio necessário disponibilizando os seus serviços e a sua experiência no sentido da superação desses problemas.

O Futebol Feminino em Portugal:

Apesar dos desenvolvimentos recentes, nomeadamente ao nível da organização das competições, da valorização dos recursos humanos e dos resultados desportivos, as jogadoras portuguesas precisam de apoio adequado que garanta os seus direitos.

O Futebol Feminino é uma modalidade em expansão em Portugal mas carece de apoios para que possa atingir um patamar mais elevado, tanto ao nível da participação, como da competitividade e da visibilidade.

- Em 2012, em Portugal existem apenas 1700 praticantes de Futebol11

- Em Portugal existem 4000 praticantes femininos de Futsal.

- Em 2010 estavam inscritos na FPF 148.106 praticantes, mas apenas 4,2 por cento são mulheres.

- 85 por cento dos clubes filiados na FPF não enquadra qualquer equipa feminina.

- As raparigas representam apenas 0,7 dos jogadores inscritos nos escalões de formação.

- O campeonato Nacional Feminino tem 10 equipas.

- O Campeonato Nacional da II Divisão Nacional tem 30 equipas divididas por três regiões.

- As Associações Distritais de Futebol estão a desenvolver campeonatos regionais de Futebol 7 por todo o país.

- Existem 15 jogadoras portuguesas no estrangeiro, dez delas com presença frequente na Seleção Nacional AA. SJPF - Projeto Futebol Feminino NA génese do projeto está, também, o facto de a FIFPro ter criado recentemente um comité internacional para o futebol feminino tendo sido pedido ao SJPF a indicação de um membro.

O presidente do Sindicato contactou a então selecionadora nacional, Mónica Jorge, contacto que desencadeou todas as demais ações tendo culminado na nomeação da jogadora internacional Carla Couto para embaixadora do Sindicato e membro do referido comité da FIFPro. Assim sendo, cumprindo o prometido propomos as seguintes medidas:

Medidas organizativas/operacionais:

a) Criação no SJPF e de um Gabinete de Futebol Feminino.

b) Nomeação do coordenador para o Projeto Futebol Feminino, José Carlos, ex-internacional português.

c) Nomeação de Carla Couto como embaixadora SJPF para o Projeto Futebol Feminino.

d) Indicação de Carla Couto para integrar o Comité de Futebol Feminino da FIFPro.

e) Extensão dos serviços SJPF ao Futebol Feminino.

f) Atribuição anual dos prémios de “Melhor Jogadora” e de “Melhor Marcadora” do Campeonato Nacional Feminino e do Prémio de “Melhor Portuguesa no Estrangeiro”.

g) Promoção do Futebol Feminino através dos suportes de comunicação SJPF.

h) Criação na Revista “Jogadores” de uma secção permanente de Futebol Feminino.

i) Criação no site www.sjpf.pt de uma página sub-site para o Projeto Futebol Feminino.

j) Criação de um logótipo identificador do Projeto Futebol Feminino.

Medidas de intervenção política:

Considerando as vicissitudes da profissão e as preocupações maiores das jogadoras, o Sindicato propõe-se abordar os seguintes temas e colocá-los na agenda política:

1- Educação/Qualificação: Análise do Estatuto de Alta Competição (de que forma pode ser minimizado, ou como pode ser compatibilizado o impacto da competição na formação das atletas); estabelecimento de protocolos/parcerias com universidades (desenvolvimento de cursos e de formação apropriados).

2- Saúde: Lesões e seguros (desenvolvimento dos mecanismos de apoio necessários).

3- Contrato Coletivo de Trabalho: Estabelecimento de um contrato coletivo de trabalho com as condições mínimas para a profissão.

4- Elaboração de estudos que permitam o entendimento e a discussão da realidade do Futebol Feminino em Portugal.

5- Promoção nas escolas, através do projeto SJPF Escola.Futebol.Cidadania, ações de promoção da igualdade do género.”

As organizações começam a trabalhar em conjunto para o desenvolvimento do futebol feminino sentindo-se então evolução e crescimento. O apoio da Federação Portuguesa de Futebol e de Associações, como a Associação Portuguesa de Mulheres e Desporto, são, têm sido e irão

ser fundamentais para o desenvolvimento sustentado do Futebol para as Mulheres e Raparigas em Portugal.

Perspetivas

Nos últimos anos, o futebol feminino teve uma evolução notória, o que não aconteceu durante décadas. A minha perspetiva sobre a realidade desta modalidade é positiva. Percebe-se que se começa a ultrapassar grandes obstáculos, nunca enfrentados de uma forma estruturada. As organizações têm tido um papel fundamental neste processo e vão continuar a ter. Além disso, contribuíram para unir esforços em torno da causa que é “o jogo das raparigas” sensibilizando e intervindo diretamente sobre as equipas.

Contudo, o trabalho ainda está no início, o que se verifica pelos números de raparigas inscritas nos escalões de formação que representam apenas 0,7% e a taxa de feminização de praticantes inscritos na FPF é pouco mais de 4%. Em Portugal e em muitos outros países, a iniciação das raparigas no futebol faz-se muito tardia, e não é possível, tal como Vera Pauw (2011) referiu no seminário internacional da APMD, ter-se “um desporto que começa aos 14, 15 anos”, pois “não pode ser um desporto estruturado”. Tal como os rapazes, as raparigas têm que iniciar a prática do futebol numa faixa etária inferior. Presentemente ainda não acontece, quer pela orientação da família, quer pela escola que também afasta as raparigas dos desportos “tipicamente masculinos”.

Por outro lado, os quadros competitivos e encargos dos clubes também servem de motivos para não apostarem no futebol feminino. As alterações começam a surgir: por exemplo, na época 2011/2012, realizou-se o primeiro campeonato nacional de juniores em Futebol 7. É de extrema importância começar a apostar na iniciação e formação das raparigas no futebol.

Por sua vez, a invisibilidade do futebol feminino reforça que o futebol não é um desporto adequado para raparigas, o que não pode acontecer. Deverá existir uma outra visibilidade e promoção no sentido de ser visto e bem visto

pelas jovens raparigas. Desta forma, a participação e o acesso podem crescer e é isso que se pretende para desenvolver esta modalidade, tão popular no nosso País.

Em suma, são inúmeros os fatores que podem contribuir para a evolução do futebol feminino. Para além das organizações, da invisibilidade e da iniciação tardia, devemos perceber mais “porquês”. Porque iniciam as raparigas, tardiamente, o futebol?

3. Iniciação Desportiva das Raparigas no Futebol

1. Contextualização da Iniciação e Formação:

As raparigas têm dificuldades para iniciar a prática do futebol cedo. Estes problemas prendem-se com os estereótipos de género e a influência do meio social sobre as crianças e aquilo que as envolve. O meio social onde elas estão inseridas inibe-as de iniciar a prática do futebol, fato que será aprofundado neste estudo.

A contextualização do problema das dificuldades da formação no Futebol feminino e os aspetos relevantes são apresentados através das grelhas teóricas, utilizadas para contextualizar o problema, abordando os conceitos, a importância da formação, do processo e uma breve análise dos aspetos relevantes da formação desportiva.

Quadro 9: Grelha Teórica - Formação



Conceito de Formação:

O conceito de Formação surgiu no século XIX através do filósofo Humboldt, que compreendia a formação como “competência do indivíduo para levar uma vida sensata e como processo ou via que levava à aquisição dessa competência”. (Bento, 2006, cit por Pereira (2007)) O conceito de formação presente no Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora apresenta que é o “ato ou efeito de formar ou de se formar”, sendo formar: “dar forma a; organizar; constituir; armar; compor; imaginar; promover formatura de; estabelecer; educar; traçar; descrever; imprimir qualidades em; entrar na forma ou formatura; desenvolver-se; educar-se; tomar forma”.

Com base na literatura formar é:



Ilustração 1: Formar é

Formar é isto tudo, e muito mais. Desde que nascemos que nos formamos, a sociedade atual exige cada vez mais formação aos seres Humanos, daí que as sociedades evoluíram ao longo dos tempos. A formação é indispensável para a nossa vida.

Importância da formação:

A formação desportiva é nos dias de hoje um requisito incontestável no Futebol dado que, segundo Proença (1984) cit por Pereira (2007) “todo o individuo é portador à nascença, de um determinado potencial genético cuja expressão está diretamente dependente das experiências ou vivências que lhe são proporcionadas”. Esta dependência é nas raparigas ainda mais problemático, dado que a sociedade, sobretudo para o futebol, não as propicia.

Arsène Wenger (2006), cit por Gomes (2009) defende que é fundamental no futebol começar o mais cedo possível. Cruyff (1997), cit por Gomes (2009) refere que a qualidade no Futebol só é adquirida, praticando desde pequeninos, contudo não havendo uma idade específica para ingressar em clubes, é essencial desde cedo brincar ao Futebol. Também o antigo jogador de Futebol, Nuno Valente (2005) cit por Gomes (2009) referia que quanto mais cedo se iniciar uma atividade melhor. Na bibliografia estudada, são muitos os jogadores que partilham desta opinião e não só para o Futebol como para outros Desportos. É fundamental iniciar-se cedo, dado que para obter especialização numa determinada área são necessárias muitas e muitas horas de prática.

O futebolista Deco no seu livro escrito por Alves (2003) refere que “o sonho conduz à ambição, o trabalho permite a sua concretização”. Não é possível concretizar os sonhos sem trabalho. Daí a importância de trabalhar, de treinar, de se formar, indo muito para além do sonho, não descurando a motivação e a ambição para o atingir. Sem vontade, sem querer, sem trabalhar não há força possível para a concretização do sonho. Contudo, no Futebol

feminino por vezes essa vontade, esse querer, não basta como será analisado no quadro conceptual.

Neves (2003) cit. por Costa (2009) refere que é indispensável que o futuro do futebol comece desde cedo a ser acautelado através de uma reflexão e reestruturação do futebol de formação, possuindo assim os clubes fortes estruturas formadoras, que visem fundamentalmente o futuro. Na mesma perspetiva, Oliveira (2006) cit. por Costa (2009) defende que só através de uma formação bem conduzida, orientada e contextualizada se proporcionará a evolução do jogador. No futebol feminino, há a dificuldade de ter muitas atletas que iniciem a prática cedo, de forma a ter uma formação gradual, e por sua vez a oferta também é escassa, por motivos diversos. A jogadora com mais internacionalizações na seleção portuguesa, atual embaixadora do futebol feminino, Carla Couto (2012) refere que “o futebol feminino tem qualidade mas não tem visibilidade. Estamos a criar condições para um maior desenvolvimento, é preciso apostar mais na promoção e na formação”

O futebol deve ser construído tendo a formação como base. Para Cruyff (2002) cit. Por Gomes (2009), o futuro dos Futebolistas decide-se na infância, portanto todo o percurso percorrido revela-se fundamental para alcançar rendimentos superiores. O futuro do Futebol só pode ser garantido se dermos atenção à formação. “Falar de Futebol juvenil é fundamentalmente falar do Futebol de amanhã” (Queiroz, 2000. cit por Gomes (2009). Ou seja, a formação é indispensável ao Futebol, desde pequenos devem pratica-lo. Como podemos querer um Futebol Feminino de qualidade sem formação, sendo ela indispensável para o futebol?

Importância do Processo de Formação:

O desporto sempre foi visto pelo Homem como uma forma de educar e esta atividade ocupa um espaço importante na formação dos seres humanos. Garganta, (1988) cit. por Pereira (2007) refere que a formação é resultante das

modificações sucessivas que as diferentes variáveis do processo de treino vão experimentando, considerando duas realidades: fases intrínsecas e extrínsecas. As fases intrínsecas compreendem as que ocorrem segundo o processo natural de desenvolvimento do ser humano, enquanto que as fases extrínsecas são determinadas no processo de treino e competição.

Bompa (2002) cit. por Pereira (2007) apela ao desenvolvimento nas fases iniciais, dividindo o processo de formação em três estádios: iniciação desportiva (6-10anos), formação desportiva (11-14 anos) e especialização (15-18 anos). Estas fases podem até ser diferentes no futebol feminino. Seria interessante perceber o estádio especificamente para as raparigas no futebol, dado que são diferentes.

A formação de jogadores e jogadoras de futebol é um processo moroso. Segundo Leal & Quinta (2001), o futebol juvenil tem impressões digitais próprias, ou seja, tem características que lhe dão autonomia peculiar, o que pressupõe uma metodologia que se identifique com as suas necessidades e particularidades. O objetivo principal deve ser atingir o maior número de jogadores (as) na equipa sénior, porém a formação deve ter uma estratégia bem delineada para alcançar os seus objetivos. Para Paul (2003) cit. por Moita (2008), a rentabilização da formação passa pela capacidade de se formar jogadores com qualidade suficiente para entrarem na equipa principal e pela introdução de maiores talentos de forma mais consistente na equipa principal. Isto é, a estratégia a adotar na formação deve estar ligada à equipa principal, pois é ela a referência. Logo, há necessidade de promover o estabelecimento de um conjunto de linhas gerais e específicas que procuram direcionar e orientar a trajetória da organização do mesmo (Leal & Quinta, 2001). Ou seja, no futebol feminino as coisas ainda não se encontram devidamente formatadas como deveriam. A importância de definir estas linhas orientadoras de treino bem como a forma de treinar jogadoras que começam a jogar aos 16 ou aos 20, não estão bem identificadas e definidas. Potenciar jogadoras está ligado a muitos fatores mas é fundamental não limitar a sua evolução, abrindo portas à mesma, propiciando treino adequado e direcionado.

“O jogo de futebol é uma construção ativa, dado que o seu desenvolvimento decorre da afirmação e atualização das escolhas e decisões dos jogadores, realizadas num ambiente de diversos constrangimentos e possibilidades” . A construção ativa do jogo e o seu desenvolvimento depende da formação que os jogadores vão adquirindo. A formação é portanto uma construção e as possibilidades de experimentação, escolhas e decisões que têm no treino, que vão tendo ao longo da sua formação, faz com que evoluam técnica, tática e fisicamente.

Por outro lado, o processo de formação há uns anos acontecia na rua “espontaneamente”, desenvolvendo um conjunto de qualidades e competências que segundo Fonseca cit. por Gomes (2006), lhes permitiam posteriormente chegar aos clubes já com alguns atributos técnicos que lhes dava a possibilidade de evoluir de uma forma mais rápida. Nos dias de hoje, tal não se verifica dado que sobretudo nas grandes cidades se vive um clima de insegurança, com poucos espaços para os jovens brincarem ao futebol. Bento (2004) cit. por Gomes (2006), refere que “a autorização para participar no jogo passou da amizade com o dono da bola para a matrícula numa escolinha”. Esta questão remete-nos para duas dificuldades para as raparigas. Uma é que, não tendo a rua, que é um espaço livre para brincar, têm que ingressar em academias ou clubes contra a vontade dos pais, enquanto que na rua podiam ir brincando ao futebol. A outra questão é que no local onde a criança se encontra pode não haver oferta de formação, sobretudo com mais de 14 anos e não puder continuar a jogar com os rapazes.

Um investimento na formação por parte das equipas seniores femininas tem uma grande importância pois iria aumentar o número de praticantes, alargar a base da pirâmide de desenvolvimento do futebol feminino a médio e longo prazo, permitia incentivar de jovens jogadoras para o futebol e permitia a continuidade após as idades de formação.

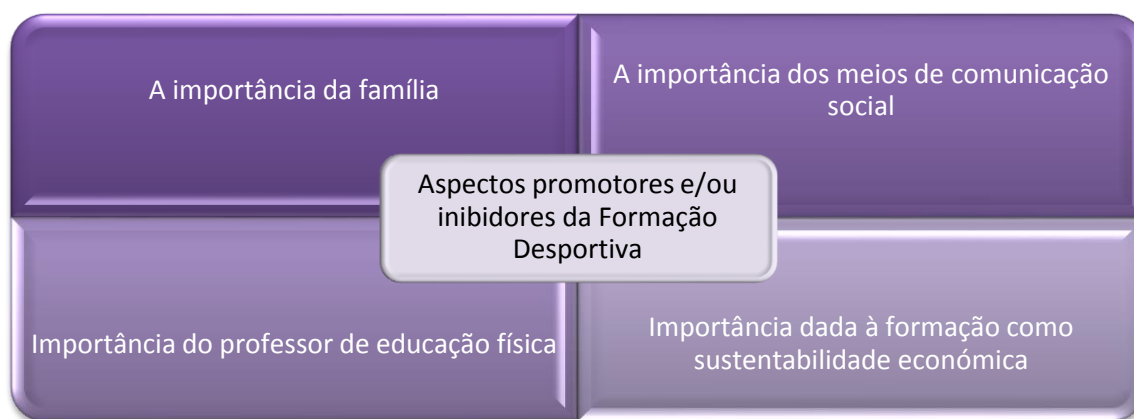
Aspetos Promotores e/ou Inibidores da Iniciação Desportiva:

Para Bento (2004:80) “*sem o desporto, o envolvimento cultural dos homens empobrece, torna-se descarnado e ressequido de emoções e paixões*”.

A bibliografia apresentada no estudo possibilitou que fossem identificados 4 aspetos relevantes da formação desportiva das raparigas que são apresentados seguidamente:

- Importância da família
- Importância dos meios de comunicação social
- Importância do professor de educação física
- Importância dada à formação como viabilidade económica

Quadro 10: Grelha Teórica - Aspetos relevantes da Formação Desportiva



A importância da família:

Segundo um estudo da selecionadora nacional de futebol feminino, Jorge, Mónica et al. (2008), sobre a história familiar das atletas da seleção nacional de futebol feminino, os irmãos ou primos são a principal fonte de influência desportiva. Porém, não são atletas em fase de formação. No relacionamento com os pais, o desporto era motivo de discussão até à

juventude, embora o estudo mostre que agora é ao contrário; tornou-se um ponto de união, sobretudo devido ao estatuto conseguido pelas atletas de pertencerem à seleção nacional. Este estudo, realizado com recurso a entrevistas, remete-nos para várias questões, uma delas prende-se com o facto de em tenra idade não haver influência para as raparigas darem pontapés na bola, segundo o estudo, tal só acontece quando estas têm irmãos, pois entram nas brincadeiras deles. Por outro lado, o relacionamento familiar é problemático o que leva muitas raparigas a desistirem da modalidade, ou pelo menos cria um ambiente familiar de discussão e dificuldades acrescidas (Jorge, M. et al. 2008)

A importância dos meios de comunicação social:

Na sociedade atual, os media exercem uma poderosa influência sobre todos os domínios da vida social. O desporto exerce um forte poder sobre os meios de comunicação social e vice-versa (Pinheiro, 2008).

Nunca na história do mundo se falou tanto de comunicação (Maças, 2005). Para a autora, os meios de comunicação social preocupam-se essencialmente com o lucro, sendo inflexíveis na procura de audiências, tanto jornais como televisão. Giddens (1997) concorda acrescentando que a televisão é um grande negócio.

Os meios de comunicação social têm um papel fundamental, não só na aceitação do desporto feminino pela sociedade o que leva a uma prática maior das mulheres no desporto, bem como as mulheres ao serem mais vistas leva a que as jovens vejam as atletas como modelos, o que acontece com os rapazes. De acordo com Eitzen e Sage (1993) cit por Pinheiro (2008) os media desempenham um papel de integração social e transformação social. Para a autora, a questão do desporto feminino e a menor atenção que lhe é dedicada por parte dos media comparado com o masculino, não é apenas quantitativa mas também qualitativa. Crossman et al (1994) cit por Pinheiro (2008) afirmam que as mulheres atletas não são tratadas da mesma maneira, tal ocorre não só à pequena atenção que os media dedicam ao desporto feminino como também

à forma como a mulher atleta é tratada e apresentada, quer em termos de imagem, como de linguagem utilizada, não sendo analisadas apenas as performances desportivas.

Atualmente, as mulheres praticam todas as modalidades desportivas e com excelentes resultados. Contudo, os meios de comunicação e a sociedade em si, ainda não se enquadram na realidade atual, de que a mulher é, assim como o homem, uma atleta. É consensual a ideia de que o desporto feminino recebe pouca atenção das televisões, dos jornais, revistas, etc., o que provoca a desigualdade entre géneros e vai levar à diferença de oportunidades. Apesar de o desporto feminino ser hoje em dia perfeitamente visível, continuamos a assistir a uma discriminação por parte da imprensa (Pinheiro, 2008).

Para diminuir os estereótipos que existem no desporto feminino, seria fundamental uma maior atenção dos meios de comunicação social face às prestações desportivas das mulheres no desporto. Contudo, há desportos difíceis para a participação feminina dado que são mais violentos e são considerados como provas de masculinidade. Há desportos que são estereotipados como desportos de mulher ou de homem. É importante equilibrar estas atenções de forma a ter um desporto para todos e para todas.

Daí que são criados entraves para as raparigas ingressarem em algumas modalidades, o que leva à menor prática e menor participação nessa modalidade, mas, sobretudo o que acontece em muitos casos é que só começam a praticar a modalidade após atingir a maioridade. Esta situação cria enormes dificuldades para a formação no futebol feminino em Portugal, dado que são poucas as raparigas que começam a praticar futebol desde cedo, ao contrário dos rapazes. Sabemos que o talento é trabalhado e são necessárias muitas horas de especialização para atingir altas performances. Logo, no futebol feminino, a complexidade, de formar prende-se com o ingresso tardio na modalidade e a prática escassa ao longo da infância, devido aos estereótipos da sociedade. É do senso comum que num recreio da escola, os rapazes jogam futebol e as raparigas fazem outro tipo de brincadeiras, estereotipadas como jogos de raparigas. Desde cedo as raparigas são

Conforme podemos observar na ilustração 2, as jogadoras defendem que as dificuldades são suplantadas pelo amor ao futebol. O jornalista João Tomé declara que o futebol também é para as mulheres, onde há muito por onde crescer. Há uma consciencialização por parte das jogadoras de como fazer crescer o futebol feminino, pelas dificuldades que vivem dia a dia. Porém, é de louvar iniciativas como estas nos meios de comunicação, são passos que se vão dando rumo ao crescimento e desenvolvimento da modalidade no feminino.



Silva (2005) refere que os diversos meios de comunicação social são poderosos agentes que influenciam as nossas crenças, atitudes e valores,

sobretudo neste tempo em que muitas mulheres no desporto desenvolvem esforços para minimizar noções de diferenças entre sexos socialmente instituídas. A mesma autora apresenta o papel dos media, especialmente a desigual representação de homens e mulheres, com múltiplas consequências: na construção dos géneros e na diferença de géneros, na estratificação da sociedade segundo o género e no reforço do mito da passividade e fragilidade feminina.

Importância do professor de educação física:

O professor de educação física tem um papel fundamental no início da prática do futebol entre raparigas. Dar-lhes condições adequadas para jogar na aula é importante quer para a integração social e visão da modalidade, quer para o desenvolvimento das habilidades técnicas. Por outro lado, o desporto escolar surge atualmente no desporto feminino como uma oportunidade de ouro. Rebelo (2009) considera que é necessário que o professor não diferencie nas suas aulas as raparigas e os rapazes dando-lhes condições adequadas a todos para o desenvolvimento das suas habilidades.

Segundo Hora (2010) o professor é o ponto de ligação entre o aluno e a aprendizagem, sendo a atuação do professor indispensável. É do professor o papel de estruturar o caminho para a aquisição do conhecimento dos seus alunos. Para a mesma autora, o professor deve ter consciência e comprometimento com a sua prática pedagógica porque a sua ação tem influência direta no processo de aprendizagem. Por outro lado, Hora (2010) refere que para além do intervalo, a aula de educação física é muitas vezes, a única situação onde os alunos têm oportunidade de praticar desporto.

O desenvolvimento de aprendizagens na escola passa pela educação física, sendo uma disciplina que contribui para o desenvolvimento harmonioso da personalidade e para uma cultura desportiva que se pretende que as crianças e jovens adquiram (CNEB, 2001 cit por Rebelo 2009). Por outro lado, ser professor de educação física não é igual em todas as escolas do país,

sendo que o meio envolvente da escola coloca desafios diferentes aos professores (Rebelo, 2009)

O projeto da Associação Portuguesa de Mulheres e Desporto, apelidado de “O Jogo das Raparigas” (2011), num encontro local que promoveu no Distrito do Porto, propõe uma maior correlação entre o Desporto Escolar e Federado. Os motivos do projeto para propor uma maior relação da escola e dos clubes prendem-se com as divergências que existem entre ambos, refletem a desarmonia e descoordenação, sendo que estas duas entidades não se podem ignorar sob pena de se desenvolver um desporto sem sentido. A importância que o Desporto Escolar tem nos jovens, é determinante para que se deva estabelecer e manter protocolos de cooperação com clubes, federações, autarquias e entidades públicas ou privadas, de forma a difundir as atividades que promovem, convidando a comunidade a fazer parte dos projetos.

Importância dada à formação como sustentabilidade económica:

Na formação do futebol atual, a sua importância é vista quer no plano desportivo, quer no plano financeiro. O futebol de formação masculino é visto como um facto económico, e uma possível solução de viabilidade económica. Segundo Costantino (2002) esta tendência vai levar a que formação não esteja centralizada na qualidade desportiva dos clubes, mas num meio para otimizar recursos. Oliveira (2001) cit por Lemos (2005) refere que para enfrentar os problemas económicos dos clubes a solução passa por apostar inequivocamente na formação, criar estruturas, alterar conceitos e metodologias, para que o número de jovens com talento seja maior do que o da realidade atual.

No futebol masculino estes aspetos são ainda mais presentes nas estratégias dos clubes, cada um na sua proporção. Contudo, os jogadores são vistos como ativos na formação, o importante é não descurar o plano desportivo, dado que são poucos os clubes de elite que podem mover milhões.

Fica bem claro, que é necessário os clubes apostarem na formação para que rentabilizem melhor os seus recursos humanos e financeiros (Moita, 2008)

Esta realidade no futebol feminino, não é de todo absurda, dado que a formação ajuda a equipa sénior. Ou seja, as jogadoras que estão na equipa de formação pagam mensalidades, que se destinam ao pagamento do espaço, da sua treinadora, e também ajudam com os gastos das equipas seniores.

Por outro lado, é fundamental investir na formação, dada a dificuldade que existe em ter um grande número de jogadoras praticantes de futebol. É essencial beneficiar das jogadoras que já tiveram formação enquanto juniores para valorizar as equipas seniores.

3. METODOLOGIA

3.1. O conceito de Método

Na antiga Grécia *methodos* significava o caminho para chegar a um fim, com o tempo o significado generalizou-se.

O Método, definido pelo filólogo Antenor Nascentes (1984) cit por Galliano (1979), é um “conjunto de meios dispostos convenientemente para chegar a um fim que se deseja”. No novo dicionário da língua portuguesa, Cândido de Figueiredo, aprofundou a definição tratando-a como um “conjunto de processos racionais, para fazer qualquer coisa ou obter qualquer fim teórico ou prático”. Nagel (1957) cit por Ruiz (1976) já definia o método como “conjunto de normas-padrão que devem ser satisfeitas, caso se deseje que a pesquisa seja tida por adequadamente conduzida e capaz de levar a conclusões merecedoras de adesão racional”. O mesmo autor referia-se ao método como um extraordinário instrumento de trabalho embora não seja ele que faça o talento do investigador, mas que seja o instrumento guia para conseguir progredir nas ciências. Galliano (1979) define o método como sendo “um conjunto de etapas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência”.

Em suma, o método tem adquirido com os tempos uma importância na evolução da ciência, sendo traçado pelos autores em estudo como etapas fundamentais da pesquisa, do qual o investigador se guia em busca de um fim.

○ Importância do Método

A noção da importância do método é essencial na investigação e demonstração da verdade. O método entende-se como conjunto de processos e estratégias a empregar na investigação.

“O método não se inventa. Depende do objeto da pesquisa” (Cervo & Bervian, 1983). As investigações dos sábios foram coroadas de êxito, dado que tiveram o cuidado de anotar os passos percorridos e os meios que os levaram aos resultados, sendo que outros analisaram os seus trabalhos e justificaram a eficácia dos mesmos que se tornaram verdadeiramente métodos científicos. Atualmente vive-se numa fase da precisão, técnica e de planeamento, em que para atingir resultados, não devemos improvisar, mas sim seguir o método como fator de segurança e guia da investigação. Contudo, não é o método que faz a inteligência do investigador, apenas são procedimentos que se mostraram eficientes, ao longo da História, na busca do saber. Cervo & Bervian (1983) definem o método como um instrumento de trabalho, um meio de acesso em que o resultado depende do seu usuário.

A metodologia da investigação tem em conta a estratégia metodológica adotada na dissertação, refere o método como a investigação foi levada. Em áreas como a Psicologia, Educação, Ciências Sociais e Gestão, a metodologia inclui a descrição das técnicas estatísticas utilizadas para verificação das hipóteses, a definição de amostras e os instrumentos utilizados, bem como procedimentos de administração de questionários, entrevistas, entre outros. (Pereira & Poupa, 2006). O método da investigação traduz a forma como vai ser conduzida a investigação, representa as técnicas especiais a utilizar na pesquisa.

Por outro lado, o método não deve ser tido em conta separado das técnicas. Um mesmo método permite a utilização de técnicas distintas: entre elas, porém, haverá uma mais adequada do que as demais. (Galliano, 1979). É importante não só respeitar o método, mas também a técnica, o modo de o fazer mais seguro e adequado ao tipo de atividade ou num determinado tema, de forma a obter o resultado desejado. O método e a técnica pressupõem que haja um conhecimento anterior do tema, um acumular de informação de forma a adequar o caminho e o modo de fazer ao estudo.

Para Ruiz (1976), a importância do método, está muito ligada à segurança e economia na pesquisa, é aprimorado pela contribuição dos antepassados, e também defende que nos dias de hoje não pode ser ignorado,

sob pena da investigação ter insucesso. Está fora de questão atualmente, uma investigação sem método, dado que não será apenas pelo brilhante estudo de um talentoso pesquisador que a investigação terá sucesso, é fulcral atualmente um bom método para fazer progressos nas ciências.

3.3. Método Científico

O método científico é um “instrumento utilizado pela Ciência na sondagem da realidade, mas um instrumento formado por um conjunto de procedimentos, mediante os quais os problemas científicos são formulados e as hipóteses científicas são examinadas” (Galliano, 1979). Para Cervo and Bervian (1983) é a “ferramenta colocada à disposição do cientista que, através da pesquisa, pretende penetrar no segredo do seu objeto de estudo”, definem como um “meio imprescindível com o qual o espírito científico do pesquisador, com ordem e rigor, procura penetrar no sentido dos fatos e fenômenos que pretende conhecer”. O método científico não dá receitas infalíveis mas proporciona aos investigadores uma orientação geral que facilita o planeamento da investigação. Contudo, segundo o mesmo autor, a orientação não é definitiva e pode mesmo falhar, para além disso, o método científico pode ser aperfeiçoado e vem sendo ao longo dos tempos, evoluindo a par da ciência e da investigação. É necessário com o evoluir dos tempos, adaptar as metodologias para que se torne a investigação ainda mais racional e objetiva. Cervo and Bervian (1983) referem que o método científico “aproveita a análise e a síntese, os processos mentais da dedução e indução, processos esses comuns a todo o tipo de investigação, quer experimental, quer racional”. O mesmos autores realçam a ideia de que o método científico quer descobrir a realidade dos fatos e após o serem, guiar o uso do método, sendo que é apenas um meio de acesso, e que só a reflexão do investigador descobrem o que os fatos realmente são, apenas o investigador pode chegar às conclusões e aos resultados.

Diversos livros de metodologia científica definem tipos de pesquisa segundo referenciais. Como pesquisa qualitativa, quantitativa, pesquisa

longitudinal, pesquisa transversal, pesquisa de caso controle, pesquisa de corte, pesquisa experimental, pesquisa de campo, pesquisa de laboratório, entre outros. Segundo Volpato (2010), os investigadores ao dizerem o tipo de pesquisa estão a transmitir esses conteúdos e procedimentos, o que facilita a compreensão e comunicação. O autor defende que deverá ser mostrada a estratégia do estudo, dado que é essencial para se entender e analisar a pesquisa.

3.4. Metodologia Qualitativa

A Metodologia qualitativa tem por base a compreensão e descrição dos fenómenos, é um modelo que nos últimos anos tem vindo a ganhar importância fruto da maior abrangência da sua análise e do número de variáveis que procura abarcar. Neste modelo, o tipo de instrumentos de observação mais usados nesta abordagem é a observação direta e realização de entrevistas. Esta metodologia é designada como de perspectiva etnográfica ou perspectiva naturalista e de perspectiva qualitativo-interpretativa dado que assume menor postura nos aspetos de quantificação e manipulação dos fenómenos (Almeida & Freire, 1997). As investigações qualitativas estão mais ligadas ao campo ou terreno do que as investigações quantitativas que são mais laboratoriais.

Deste modo, os métodos qualitativos têm três princípios, segundo os mesmos autores, que reforçam a necessidade de uma postura interpretativa dos comportamentos e fenómenos sociais:

- A primazia da experiência subjetiva como fonte do conhecimento
- O estudo dos fenómenos a partir da perspectiva do outro ou respeitando os seus marcos de referência
- O interesse em se conhecer a forma como as pessoas experienciam e interpretam o mundo social que também acabam por construir interactivamente

Por outro lado, a metodologia qualitativa pretende a busca da globalidade e da compreensão, estudando-se a realidade sem a descontextualizar, é como mergulhar na realidade da questão para a explicar. Outro aspeto positivo deste método, é a sua flexibilidade, dado que se pode adequar o plano de estudo à fase da investigação. Almeida and Freire (1997) referem ainda, que as técnicas de recolha podem diversificar-se, podendo recorrer-se a métodos mais informais e menos quantitativos de avaliação, como a entrevista, onde é importante o reconhecimento das pessoas e a sua interação em função dos significados das coisas.

Lakatos and Marconi (1990) referem que tanto os métodos como as técnicas devem adequar-se ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas e que se queira confirmar, daí a escolha da metodologia qualitativa para este estudo.

3.5. A Entrevista

A entrevista não é uma simples conversa. É uma conversa orientada para um objetivo definido, na qual se recolhe, através do interrogatório, dados para a pesquisa (Cervo & Bervian, 1983). Os mesmos autores defendem que a entrevista se tornou, nos últimos anos, um instrumento que os pesquisadores se servem constantemente em ciências sociais e psicológicas. Estes dados, não podem ser encontrados em registos ou outras fontes documentárias, que só podem ser fornecidos por certas pessoas.

Nos estudos deve-se recorrer à entrevista quando não há fontes mais seguras para as informações que se pretende pois a entrevista possibilita não só completar dados e obter mais informações como registar observações sobre aparência, comportamento e atitudes do entrevistado. Deste modo, são vantagens importantes quando se pretende num estudo obter mais informação sobre um tema e não para informações precisas e fechadas.

Segundo Cervo and Bervian (1983) para preparar e realizar a entrevista é necessário adotar os seguintes critérios:

- O entrevistador deve planejar a entrevista, delineando o objetivo a ser alcançado.
- Obter, conhecimento prévio acerca do entrevistado, sempre que possível.
- Marcar com antecedência o local e hora para a entrevista.
- Criar condições para a realização da entrevista.
- Escolher o entrevistado de acordo com a sua familiaridade ou autoridade em relação ao assunto.
- Fazer uma lista das questões mais importantes.
- Assegurar um número suficiente de entrevistados, de forma a obter viabilidade na informação.

Por outro lado, Cervo and Bervian (1983) defendem que o entrevistador deve manter a confiança do entrevistado, evitar ser inoportuno e dispor-se a ouvir mais do que falar, dando tempo para o entrevistado falar, não esquecendo de o informar do motivo do estudo e da sua escolha. Porém, estes autores referem a importância da escolha da ordem das perguntas, devendo o entrevistador escolher as perguntas que tenham menos negativismo e que possam confundir, de modo a conquistar inicialmente o entrevistado deixando-o mais à-vontade, conquistando assim a sua confiança. Desta forma, o entrevistado pode-se sentir mais confiante a falar abertamente. Contudo, o entrevistador não deve confiar na sua memória, registrando os dados e manter-se alerta a eventuais contradições.

Segundo Quivy and Campenhoudt (2003), os métodos de entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana, que vai permitir retirar das entrevistas informações muito ricas devido ao contato direto. É uma troca de interações e experiências que através das perguntas abertas e reações permite uma maior profundidade e um foco nos objetivos, dado que o entrevistador vai evitar que os entrevistados se afastem do tema. Sobretudo, quando os(as) entrevistados(as) são crianças torna-se na minha opinião bem mais produtivo devido à menor capacidade das mesmas de concentração e por vezes até podem afastar-se dos objetivos por não entenderem as questões. O contato direto faz com que se aceda a uma

autenticidade e profundidade que pode trazer elementos novos e ricos para a investigação. Quivy and Campenhoudt (2003) identificam a entrevista como exploratória, semi diretiva ou centrada. A entrevista exploratória é mais destinada a testar hipóteses de trabalho enquanto a entrevista semi diretiva é mais utilizada na investigação social, em que o investigador segue perguntas-guias relativamente abertas de modo a receber informação do entrevistado, e por fim, a entrevista centrada tem como objetivo analisar o impacto de um acontecimento ou experiência sobre aqueles que a eles assistiram em que não dispõe de perguntas preestabelecidas mas sim de tópicos relativos ao tema em estudo. No presente estudo, a entrevista a utilizar é semi diretiva ou semi dirigida dado que é a mais utilizada em investigação social. A entrevista semi diretiva tem como características as perguntas-guias, relativamente abertas para obter mais informação e o investigador encaminha a entrevista para objetivos, mas deixando o entrevistado falar abertamente de uma forma natural. Portanto, a metodologia adotada para este trabalho foi a entrevista semi diretiva, a raparigas praticantes de futebol, aos respetivos pais e treinadores. As raparigas serão entrevistadas respondendo a 28 questões, seguindo-se as dos pais com 20, e as dos treinadores com 15 questões.

3.5.1 Grupo estudado

A seleção do grupo do presente estudo não teve a pretensão de ser representativa de alguma população ou universo, cumprindo apenas o propósito de tornar visíveis as perspetivas das raparigas, dos pais e dos treinadores em relação à iniciação das raparigas no futebol. Para recrutar os elementos que constituem a amostra seguiu-se a lógica da técnica “bola-de-neve”. Importou igualmente ter um número maior de raparigas entrevistadas do que de pais sendo que elas são o principal do estudo. Nas raparigas impôs-se a condição de ter dos 10 anos aos 14 anos com 1 ou 2 anos de prática de futebol.

O grupo estudado é constituído por:

- 18 Raparigas jogadoras de futebol de 3 clubes distrito do Porto, com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos. (M=12,9)

- 10 Progenitores (5 mães e 5 pais) e 1 avô, com idades compreendidas entre os 35 e 65 anos. Os pais e o avô entrevistados são pais e avô das raparigas entrevistadas.

- 4 treinadores com idades compreendidas entre os 22 e 24 anos, treinadores das atletas entrevistadas.

O guião para as entrevistas centra-se nos seguintes temas: (1) o futebol nas suas vidas (2) oferta desportiva (3) influência dos pais; professor; amigos; escola (4) visibilidade futebol feminino (5) motivos para início tardio das raparigas no futebol (6) perspetivas do futuro no futebol feminino.

O desenho do guião da entrevista foi testado previamente com uma rapariga e um pai que constam da amostra deste estudo. Tal procedimento permitiu aferir não só o tempo da entrevista, como a clareza das questões e a lógica de organização dos temas foram repensados e alterados, de acordo com os propósitos do estudo.

Seguidamente, foi desenvolvido um conjunto de procedimentos, informais e formais, que possibilitaram a permissão para a recolha dos dados. Assim, um primeiro contacto informal foi realizado por intermédio do treinador que assegurou um primeiro contacto informal com as raparigas e os pais a estudar. Desta forma entrei no clube informalmente passando depois aos procedimentos formais para a recolha de dados (apresentação pessoal, do projeto de investigação, solicitação para gravar a entrevista, assinatura da ficha de consentimento informado). Foi solicitada autorização a cada entrevistado/a para que a entrevista fosse gravada em áudio e vídeo, salvaguardando a confidencialidade das informações aí registadas e o anonimato da fonte.

Os guiões apresentam os aspetos formais e éticos que devem ser cumpridos: a apresentação da entrevistadora; a apresentação institucional e do objeto de estudo; o informar da confidencialidade do/a entrevistado/a; o pedido de autorização para registo áudio e vídeo. Na parte final de cada um dos guiões há uma questão que permitia aos/as entrevistados/as acrescentar algo

ao que tinha sido dito, ou a abordagem de algum assunto pertinente, bem como o agradecimento pela participação.

No presente estudo, a entrevista utilizada é semi diretiva é a mais utilizada em investigação social. A entrevista semi diretiva tem como características as perguntas-guias, relativamente abertas para obter mais informação e o investigador encaminha a entrevista para objetivos mas deixando o entrevistado falar abertamente de uma forma natural, as questões presentes no guião foram todas colocadas, embora pudesse alterar questões e recolocá-las.

Durante a entrevista foi dada toda a atenção aquilo que a pessoa estava a dizer, dando sempre tempo ao/à entrevistado/a para pensar sobre a sua resposta e de como estruturá-la, porque era provável que pudessem estar a abordar estes temas pela primeira vez.

3.5.2 Procedimentos da análise dos dados

Uma vez recolhida a informação, a primeira preocupação foi a de definir os processos de análise. Dada a natureza dos dados recolhidos, a transcrição das entrevistas constitui o primeiro passo para proceder à análise dos dados (Patton, 2002).

A análise de conteúdo deve seguir uma ordem cronológica de três fases: pré-análise; exploração do material e tratamento dos dados, interferência e interpretação (Bardin, 2004).

A pré-análise é uma fase essencialmente de organização na qual se prepara o material para a análise. Daí, procedeu-se à transcrição na íntegra de cada uma das entrevistas, tentando retratar o discurso, registando as risos, pausas no discurso, etc. Uma vez transcritas em formato digital, foram tratados e interpretados por tema. Após várias leituras e agrupando os conteúdos por temas, estabeleceram-se categorias de análise, iniciou-se o estudo sem um sistema categorial definido, foi posteriormente alcançado com a informação decorrente dos dados o que se designa de análise indutiva.

Na fase de exploração do material, com um trabalho de leitura exaustiva dos textos tendo em vista a aplicação sistemática dos procedimentos de codificação definidos. No entanto, e uma vez tratar-se de uma análise indutiva, as categorias foram sendo refinadas ao longo do processo de análise e codificação dos dados.

Uma vez com os dados tratados, seguiram-se o processo de reflexão acerca dos resultados e uma análise interpretativa.

A análise dos dados, discussão e apresentação dos resultados foram sujeitas a uma discussão com outros/as investigadores no intuito de promover um confronto os resultados, de modo a fazer evoluir o estudo/investigação passo a passo por um caminho credível.

4. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Este capítulo é destinado à apresentação dos resultados obtidos nas entrevistas às raparigas, respetivos pais e treinadores.

Assim, iremos apresentar os resultados obtidos e discuti-los por categorias, definidas à posteriori, iniciando a tarefa pelas respostas das raparigas, seguindo-se os pais e por fim os treinadores.

As categorias são as seguintes: Categoria A – O Futebol na vida das raparigas; Categoria B – Oferta Desportiva Clubes; Categoria C – Influência social (Pais, Amigos, Escola, Professores); Categoria D – Visibilidade Futebol Feminino; Categoria E – Motivos início tardio das raparigas no Futebol; Categoria F – Perspetiva Futebol Feminino.

Categoria A – O Futebol na vida das raparigas

A categoria A engloba 2 questões: “O que é para ti o futebol, o que significa para ti, na tua vida?” e “Porque começaste a jogar futebol?”. O significado e a importância do futebol na vida das raparigas é o que se pretende apresentar nesta categoria.

A formação das raparigas no futebol feminino apresenta números preocupantes, daí que seja importante perceber o seu significado e a importância para as raparigas do presente estudo. Na história do desporto percebe-se que o desporto andou em volta da figura, a mulher foi limitada às fragilidades do sexo como sendo fraco e o futebol visto como um desporto demasiado violento. Quando questionadas sobre o significado do futebol para si e nas suas vidas, as raparigas referem-no como “tudo”, “a sua vida”, “o gosto”, “paixão”, “não vivo sem ele”, “aquilo que querem ser, futebolistas”. Desde referir que sem o futebol não vivem, até ao gosto que adquiriram e não

tinham, temos um leque de respostas orientadas para uma grande paixão que as raparigas deste estudo sentem por jogar futebol. Das raparigas entrevistadas apenas duas não referem esta paixão como algo que “nasceu” com elas. Algumas raparigas referem-se ao futebol como *“algo que eu ganhei gosto porque eu não gostava de jogar futebol, entrei porque as minhas irmãs jogavam e fui começando a jogar e a aprender e aí veio aquele gosto por jogar futebol”* (Atleta R) e o futebol *“é uma coisa que eu gosto de fazer, no início foi só para praticar desporto mas depois comecei a gostar”* (Atleta P). As raparigas demonstram, tal como já foi referido, uma grande paixão e veem o futebol como “a sua vida”; podemos perceber isso por expressões como *“se me lesionasse agora e não pudesse jogar mais morria”* (Atleta Q), *“O futebol é tudo acho que não consigo viver sem o futebol, desde pequenina que jogo e não consigo viver sem o futebol”* (Atleta F), *“Futebol é tudo, ficar sem futebol é um bocado de mim que tiram”* (Atleta G), *“o futebol é uma paixão, que eu tenho desde pequenina”* (Atleta M), *“É como se fosse a minha vida. Sem o futebol eu não conseguia viver, é o meu maior vício, estou sempre a jogar em todo lado, em casa, na escola, aqui”* (Atleta O), *“É a minha vida”* (Atleta C). Por outro lado, as entrevistadas mencionam a vontade de serem futebolistas como a Atleta E refere *“quero ser jogadora de futebol”*, Atleta N afirma que o futebol *“é aquilo que eu quero ser, quero seguir, quero ser futebolista, é a minha vida, é como uma paixão”* e Atleta L fala no futuro dizendo que o futebol *“é o que eu quero seguir, é o que quero fazer da minha vida”*. Para além deste lado apaixonado das raparigas pelo futebol, sublinharam também a vertente educacional e social, e o significado nas suas vidas; *“é divertido, conhecemos novas amigas ou amigos, aprendemos coisas novas”* (Atleta H), *“as vezes ajudam-me a tirar coisas que tenho na cabeça que preciso de tirar”* (Atleta K). O significado que as raparigas transmitem do futebol nas suas vidas é variado, pelo menos o que elas citam quando questionadas são respostas variadas em que quase todas transmitem uma paixão pela modalidade muito forte. Ainda em relação à importância do futebol nas suas vidas, há raparigas que, apesar do gosto que têm pelo futebol, não o praticaram mais cedo dado que os pais as influenciaram para a prática de outros, como o caso da Atleta E, *“Antes jogava ténis, 5 anos, mas nunca gostei, saí do ténis quando era número 3 nacional e*

vim para o futebol, com 12 anos. Já jogava, mas sim, e ia começar de uma maneira ou de outra a jogar futebol” (Atleta E). Duas delas mencionaram que praticaram outras modalidades por influência dos pais mas que queriam e gostam de futebol e isso fez com que mudassem. *“Desde pequenina sempre joguei com o meu primo, mas só que a minha mãe nunca gostou que eu jogasse futebol, porque achava que eu devia ir para a dança mas eu nunca gostei. Então para mim o futebol é o que eu mais gosto de fazer” (Atleta J).* Por sua vez, *Atleta B refere que “primeiro a minha mãe tentou-me levar para outro desporto, dizia que o futebol era muito agressivo, mas eu sempre gostei muito de futebol e comecei a ficar farta do Karaté”.* A referência à agressividade no futebol faz com que algumas raparigas tenham passado por outros desportos por influência dos pais.

Por outro lado, os pais quando questionados sobre o significado do futebol para eles, afirmam quase todos que gostam da modalidade, uma mãe não gostava e passou a gostar, e outra mãe entrevistada não gosta mesmo. Para além do gosto pelo futebol, que a maioria dos pais faz referência, 10 em 11, também acompanham regularmente futebol. Os pais que gostam referem ainda *“é um desporto que arrasta multidões, que muita gente gosta, e gosto muito” (Mãe 4), “acompanho futebol vejo na TV” (Mãe 1), “é uma diversão” (Avô 1), “é um jogo de vibração, de emoções” (Mãe 5), “é o Desporto rei” (Pai 3), “parte integrante da minha vida, vejo-o como um jogo de equipa” (Pai 4), “envolve muito dinheiro, muitos interesses e funciona à escala mundial” (Pai 2), “é uma paixão, é um orgulho que sinto no futebol” (Pai 5), “é um desporto de massas, é um desporto popular, é o principal desporto mundial, é paixão” (Pai 1).* A Mãe 3 confessou que *“eu não gostava e agora gosto”;* ao longo de toda a entrevista foi curioso o gosto que ganhou pelo futebol através da filha. Por fim, a Mãe 2 foi frontal referindo-se à questão sobre o que significa o futebol dizendo *“olhe nem gosto, aliás ninguém vê futebol em casa, só mesmo ela”,* sendo notória a aversão ao futebol. No entanto, sabemos que a influência dos pais se faz sentir nas crianças, é na família e na escola que as crianças adquirem as primeiras condutas sociais e onde percentem a grupos sociais. No entanto, para além do significado, é essencial perceber o que leva as raparigas a escolherem o futebol enquanto prática desportiva. Na tentativa de

compreender o porquê desse início, foram identificados alguns motivos comuns nas entrevistas, nomeadamente: o amor e o gosto pelo futebol, colegas que as levaram para o clube, desde pequenas que jogam na escola, em casa e pediram aos pais para as colocarem num clube ou os pais tomarem essa iniciativa por perceberem o gosto das filhas pelo futebol, o talento que acham que têm para a modalidade, o gosto por ver jogar os irmãos, na tv, escola, entre outros, referindo-se à prática do futebol num clube como um sonho. Apenas uma identificou como motivo para jogar, apenas para a prática desportiva, mas depois envolveu-se no futebol. As restantes entrevistadas, tal como na primeira questão, de uma forma ou de outra, mostram o amor pelo futebol referindo vários aspetos para o início da sua prática. O reconhecimento do clube foi apontado pela Atleta B como motivo para começar a jogar *“porque era um clube já muito reconhecido”*. A influência de colegas, irmãs ou irmãos foi também assinalado, *“foram umas colegas minhas que me levaram”* (Atleta C), *“comecei porque uma amiga minha jogava e depois apaixonei-me pelo futebol”* (Atleta G), *“comecei a jogar porque as minhas irmãs começaram”* (Atleta R), *“comecei porque o meu irmão já jogava e eu ia assistir aos jogos dele e gostava de o ver”* (Atleta L). Podemos perceber que a importância de assistir aos jogos e terem figuras de referência como os irmãos tal como a Atleta L indicou pode ser determinante, e de outros tal como Atleta K refere *“comecei porque gostei de ver as pessoas jogar e também queria jogar”*. As colegas de escola são fundamentais para informarem outras onde se pode jogar, há muitas raparigas que têm esse sonho e que nem sabiam que existiam equipas, como o caso da Atleta N, *“Quando era mais pequenina já gostava de jogar futebol mas não sabia que havia equipas femininas e foi a partir de uma amiga minha que era da mesma turma que eu, e eu perguntei se dava e foi com ela que eu vim para o futebol, já tinha este sonho desde pequenina e achava que era impossível porque não havia equipas femininas mas quando descobri eu fui”*. O talento foi outro dos aspetos referenciados pela Atleta D como motivo para ter começado a jogar *“porque achava que tinha talento para o futebol”*. Por outro lado, o papel da escola, da casa ou rua é fundamental neste início e o jogar desde tenra idade é referenciado pelas entrevistadas, *“foi na escola comecei a jogar, depois em minha casa também já jogava, os meus*

pais começaram a ver que eu gostava e decidiram colocar-me num clube” (Atleta F), *“desde pequenina que gostava, não havia nenhuma equipa mas o meu pai viu e quis-me meter aqui”* (Atleta H), *“já jogava na escola e pedi ao meu pai para me meter no futebol”* (Atleta I), *“no meu colégio tava sempre a jogar”* (Atleta K.), *“porque desde pequena que jogo futebol. Sempre andei com uma bola colada a mim e amo jogar futebol”* (Atleta O), *“desde pequena comecei a gostar de jogar e da bola”* (Atleta N) *“eu jogava na escola e estava sempre a pedir aos meus pais para jogar futebol, depois arranjaram uma equipa e eu comecei a jogar”* (Atleta Q). Houve ainda uma referência da Atleta J às notas obtidas na escola *“gostava muito de futebol e a minha mãe fez um acordo comigo, se eu tirasse boas notas me deixava vir”*, sendo a motivação desta rapariga de apenas 10 anos, que conseguiu através das notas, ingressar na modalidade que mais gosta. Do mesmo modo que as raparigas em geral, identificaram os motivos para a prática como sendo o amor pelo futebol, o gosto que sempre manifestaram, o jogar desde pequeninas, o sonho, o incentivo de amigas e influência familiar, também os pais identificaram estes motivos acrescentando alguns comentários positivos, outros negativos, em relação à modalidade e questões de género.

É curioso verificar que vários pais, quando questionados sobre o começo das filhas no futebol, iniciavam com a frase com *“sempre gostou de futebol”*. *“sempre gostou desde pequenina que ela só via bolas, nunca brincou com bonecas”* (Mãe 1), *“ela sempre gostou de jogar futebol, quando era pequenina, era só bolas e carros, não queria mais nada, entretanto surgiu a oportunidade de ir jogar futebol e foi”* (Mãe 3), *“sempre gostou desde pequena, sempre teve amor pela bola e a partir daí soube que havia futebol feminino no salgueiros e era o sonho dela e foi aí que ela começou a jogar futebol”* (Mãe 4). Percebemos claramente a referência ao sonho, à bola como brinquedo de preferência desde sempre, dizendo que nunca brincou com bonecas, brincava só com bolas e carros indo contra o que para estas mães seria o normal. Os brinquedos oferecidos a meninas, bonecas; estojos de cabeleireira, maquilhagem, etc. provocam os estereótipos de género. Há mesmo uma mãe que se refere a estas questões de género, dizendo que a filha começou *“porque o irmão também joga e ela sempre gostou da bola, nunca gostou de*

coisas de rapariga, só de coisas de rapazes” (Mãe 5.). Outro pai também se referiu à típica designação da “Maria-rapaz”, dizendo que a sua filha “*é um bocadinho Maria-rapaz, também virou um bocadinho para esse tipo de gosto de coisas dos rapazes, pediu-me uma vez para jogar futebol, à segunda e à terceira, procurou ela, encontrou os contactos e fez uma primeira abordagem e cá está*” (Pai 4). Este preconceito por uma rapariga ter comportamentos tradicionalmente reconhecidos pela sociedade como masculinos, leva à designação social de «maria-rapaz». Por conseguinte, está presente em ambos os progenitores o estereótipo em relação ao género, existindo neles e apesar de apoiarem as filhas, uma imagem preconcebida daquilo que é ou não deve ser determinada pessoa. Esta imagem feminina, a ideia que só os rapazes é que podem brincar com bolas e que as raparigas têm que brincar com bonecas, está presente no seu pensamento e naquilo que invocam como motivos para o começo das suas filhas no futebol. É notória também, a força que as raparigas têm para convencer os pais de que querem futebol tal como a Atleta B que começou “*porque desde pequenina ela sempre mostrou muita queda para o futebol, mas nós, enfim, eu e a mãe, achamos que não seria o futebol o ideal, entretanto teve outra atividade que foi o karaté, andou dos 6 aos 11 anos, mas entretanto decidiu não querer mais o karaté e nós demos a mão à palmatória e ela queria ir para o futebol e começou*” (Pai 1). Por outro lado, o Avô 1 refere que se não fosse ele, mesmo apesar da vontade, ela não teria começado: ela “*gostava, como gostam muitas miúdas hoje, por causa dos media da televisão talvez... ela gostava muito de futebol e eu insisti para ela vir, se não fosse eu ela não vinha*”. O reconhecimento pelo historial do clube e a proximidade também é referido como importante, “*ela que quis vir para o futebol e como o Boavista é a equipa mais próxima de onde eu resido e um clube com um historial grande*” (Pai 3), “*vi que ela nasceu com predisposição para jogar futebol deixei as coisas acontecerem e quando surgiu vim ao Boavista falamos e chegamos à conclusão que ela ia começar*” (Pai 2). Também a influência familiar e incentivos de amigas são essenciais para as raparigas entrarem no futebol, “*começou por incentivo de duas amigas*” (Mãe 2), “*porque tinham umas amigas na escola que disseram que havia um clube que precisa de meninas e elas na altura não sabiam, foram lá, gostaram e*

ficaram.” (Pai 5), “ela gosta de futebol mais influenciada por um familiar, um sobrinho que também joga futebol, é mais velho e por insistência dele e por fazê-la acompanhar as emoções dele no futebol, ela gostou, a influência foi familiar e pelo gosto que ela tem” (Pai 4). Em suma, o meio social onde vivem, pode ser fundamental nas suas escolhas, devido aos entraves maiores ou menores que podem ter.

No que se refere ao significado e importância do futebol para os treinadores das raparigas, as respostas obtidas evidenciam a ligação forte deles com a modalidade e permitiu salientar a seriedade com que eles vêem o futebol no seu futuro profissional. O sentido profissional do futebol ligado com a paixão pela modalidade foi referido pelo Treinador Z que salientou que o futebol *“é aquilo que eu mais quero fazer na vida, é muito mais que uma profissão, é tudo o que eu faço desde criança. Tudo começa aí é todas as interações que se tem com a bola desde que se nasce, tem um significado muito forte, é uma paixão, tem uma ligação direta ao meu crescimento enquanto pessoa, a minha vida mudou bastante desde que comecei a treinar futebol. Pelo interesse académico que comecei a ter, cresci nesse sentido porque me fez ver que era importante para aquilo que é o jogo, é a minha vida”*. No mesmo sentido, o Treinador Y também vê o futebol como o seu futuro e uma paixão, para ele *“o futebol é a minha maior paixão, dentro do meu amor pelo Desporto. Desde cedo comecei a jogar na rua com amigos, passei por alguns clubes e este ano resolvi parar e apenas me dedicar ao estudo das táticas. Desde cedo me habituei a ler, assistir, observar, jogar, vibrar, chorar, discutir, colecionar, estudar e trocar opiniões em tudo o que ao futebol diz respeito. Mesmo sem influencia dos meus pais, penso que o facto de morar a meia dúzia de metros de um estádio de futebol me fez criar este gosto e viver para o futebol. É bom recordar a emotividade e sentimentos vividos nos jogos, desde a tristeza na derrota e por um mau jogo, ou a euforia pelo golo e por uma vitória. Vou fazer por alimentar esta paixão e quem sabe levar a vida ligado a esta modalidade, ou como podemos chamar: Desporto Rei”*. Para o Treinador X o Futebol tem dois significados: um enquanto adepto, outro enquanto treinador e forma de vida profissional no mesmo sentido que os outros dois treinadores evidenciaram, *“enquanto adepto, vibro muito ao ver*

jogar os clubes por quem simpatizo e a seleção nacional, é uma forma de me abstrair dos problemas do dia-a-dia, de me distrair e de praticar desporto, praticando-o de uma forma mais informal. Enquanto treinador de futebol, tenho de o encarar como uma forma de vida, sabendo que a minha vida profissional está dependente dos bons ou maus resultados que alcance com as equipas com quem trabalho. Assim sendo, posso afirmar que o futebol está inserido na minha vida, de um ponto de vista lúdico ou de um ponto de vista mais profissional, mas que não me canso nunca de fazer parte (de forma ativa – treinador; ou passiva - adepto) deste espetáculo”. Por outro lado, o Treinador W salienta que o futebol é um desporto que tem uma grande componente social, “dá para vários tipos de pessoas de várias idades socializarem entre si, para terem novas experiências e terem algumas noções do que é pessoas diferentes, é bom para as jovens com quem trabalho, é muito importante isso, principalmente a nível social o futebol é muito bom... é competitivo, coletivo, amizades, é muito importante”. O treinador Y acrescenta que “o futebol é mais do que uma modalidade desportiva onde se defrontam duas equipas, é a modalidade mais popular e mais praticada no mundo. A sua popularidade é gerada por tudo que envolve o futebol, desde a sua imprevisibilidade ao mediatismo criado pelos media. O futebol consegue reunir milhares de pessoas e colocar milhões atrás de um ecrã para ver 90 minutos de um jogo, bem como levar adeptos a viver sentimentos como se de uma pessoa se tratasse, acompanhando a equipa em qualquer lugar. Sendo apenas necessária uma bola para a sua prática, permite a qualquer pessoa jogar, por isso os miúdos começam muito cedo a sua prática e o treino das suas habilidades. A evolução das táticas, o estudo da tática das equipas adversárias, bem como a evolução dos jogadores, fez o futebol evoluir e tornar-se ainda mais imprevisível, sendo essa imprevisibilidade que também consegue trazer tantos adeptos para a modalidade”. O sentido das respostas permite salientar que os treinadores evocam a paixão pelo futebol e o profissionalismo como significado do futebol nas suas vidas.

Categoria B – Oferta Desportiva dos Clubes

A categoria B é a categoria mais analítica do estudo, cujas questões são mais diretas. Pretende-se perceber a proximidade/distância dos clubes das residências das jogadoras, o esforço que os pais fazem e ainda poderiam fazer e por fim o apoio do clube às suas equipas. Portanto, esta categoria engloba 4 questões, a saber: “O clube é perto de casa?”, “Se o clube onde jogas fosse mais longe achas que os teus pais te levariam?”, “O teu clube apoia a tua equipa? Apoia-a da mesma forma que as outras equipas no clube?”. A primeira permite perceber a perceção das raparigas e dos pais para a proximidade do clube das suas casas, pudemos perceber que das 18 raparigas entrevistadas, a maioria considera que o clube não é perto das suas casas, algumas entrevistadas fazem inclusive muitos quilómetros para poderem ir treinar. Por não terem clube perto de suas casas, fazem no mínimo meia hora de percurso até ao treino, de carro, pelas autoestradas e sem trânsito, como o caso de um pai com 3 filhas a jogar no mesmo clube que refere “*Não é perto, são 35 minutos, sou maluco*” (Pai 5).

Quadro 11: Frequência de resposta à questão "O teu clube é perto de casa?"

O teu clube é perto de casa?	Raparigas
Sim	3
Mais ou menos	5
Não	10

Por outro lado, dos 11 pais entrevistados percebemos que a maioria considera o clube longe de casa como já haviam dito as filhas.

Quadro 12: Frequência de resposta à questão "O clube onde a sua filha joga é perto de casa?"

O clube onde a sua filha joga é perto de casa?	Pais
Sim	2
É relativamente perto sem trânsito	2
Não	7

A segunda questão é hipotética onde se pretende perceber a perceção das raparigas que se o clube onde elas jogam fosse ainda mais longe se os

pais as levariam. Para os pais a questão é: se o clube fosse ainda mais longe se levariam as suas filhas.

O sentido da maioria das respostas permite salientar que as raparigas acham que mesmo se o clube onde elas jogassem fosse mais longe que os pais as levariam.

Quadro 13: Frequência de resposta à questão "Se o clube onde jogas fosse mais longe achas que os teus pais te levariam?"

Se o clube onde jogas fosse mais longe achas que os teus pais te levariam?	Raparigas
Sim, acho que sim	15
Não sei	2
la tentar	1
Não	0

As respostas obtidas evidenciam que a maioria dos pais entrevistados estariam dispostos a esse esforço pelas filhas, porém houve algumas respostas contraditórias de filhas e pais. Por exemplo, a Atleta C e a Atleta B responderam que sim, que os pais as levariam, porém o pai da Atleta B e a mãe da Atleta C responderam o contrário, "*Não, não levava*" (Mãe 2), "*Não*" (Pai 1). Por outro lado, pela positiva, realça-se o facto de alguns pais afirmarem que fariam tudo por esse sonho das filhas, "*é o sonho dela é o futebol e nós por ela fazemos tudo, talvez levasse*" (Mãe 4), "*sem dúvida por elas faço tudo*" (Pai 5). Também é curiosa a referência de um pai à palavra carreira em relação ao futebol e à continuação da filha no futebol se o clube fosse ainda mais longe, "*fosse a continuação da carreira e eu pudesse fazer esse esforço sim*" (Pai 4). Percebe-se também a importância de alguns pais que colaboram com outros e ajudam colegas de equipa das filhas, dando-lhes boleia para elas terem a possibilidade de treinar; uma das mães entrevistadas respondeu mesmo que a sua filha vem de boleia para os treinos e que a sua ida aos treinos está dependente do pai de outra colega de equipa, "*depende se tivesse quem a levasse, ela não tem cá o pai é complicado*" (Mãe 3). Por fim, é referido por um pai que sempre que pode vê os treinos, "*embora eu trabalhe num ramo difícil de conciliar os treinos com o trabalho, mas sempre que é possível venho sempre com ela aos treinos*" (Pai 3). É de ressaltar que ao

longo das entrevistas realizadas pudemos analisar que são muitos os pais que se envolvem na equipa e no clube, estando presentes nos treinos e jogos disponibilizando-se para transportar as atletas para os jogos.

Quadro 14: Frequência de resposta à questão "Se o clube onde ela joga fosse mais longe levá-la-ia para esse clube?"

Se o clube onde ela joga fosse mais longe levá-la-ia para esse clube?	Pais
Sim/Acho que sim	7
Talvez levasse	1
Se tivesse boleia (não conduzo)	1
Não	2

Por último, a terceira questão desta categoria debruça-se sobre a proximidade do clube à equipa feminina; o apoio que este dá ou a falta dele, questionando “o teu clube apoia a tua equipa? Apoia-a da mesma forma que as outras equipas no clube?”. Esta questão permite perceber a perceção das raparigas dos pais e dos treinadores em relação que consideram ser o apoio que o clube dá à formação. No tocante à questão, 18 raparigas entrevistadas nenhuma referiu que o clube não apoia a equipa, ao contrário da opinião de alguns pais, porém referem que apoiam, mas que as séniores têm mais apoio, ou que apoiam mais o masculino; no entanto a maioria considera que o clube apoia a equipa.

Quadro 15: Frequência de resposta à questão "O teu clube apoia a tua equipa?" Apoia da mesma forma que as outras equipas no clube?"

O teu clube apoia a tua equipa? Apoia-a da mesma forma que as outras equipas no clube?	Raparigas
Sim/Acho que sim	12
Apoiam/Mais ou menos, as sub-18 têm menos que as séniores	2
Acho que sim mas apoiam mais o masculino	2
Mais ou menos/ De vez em quando	2
Não	0

Por seu lado, os pais podem ter mais consciência das situações havendo até alguma diversidade de respostas. Alguns pais declaram que o clube apoia a equipa feminina das suas filhas, porém mais pais referem que devia apoiar mais e que terá de melhorar o apoio. Uma mãe indica o mesmo que a sua filha, que as séniores são favorecidas, existindo ainda dois pais que

afirmam que o clube não apoia nada. As justificações para apoiar mais a equipa feminina variam, o Pai 3 cita *“penso que deveria apoiar mais porque a formação é muito importante, face à situação do clube também compreendemos a situação, mas deveria de haver mais apoio porque a formação é a base e não havendo boa formação não se consegue chegar a um patamar mais alto. Não, não apoia penso que há mais apoio nos escalões maiores, das séniores e das sub-18 e esquecem-se um bocadinho da formação das mais pequenas, acho que fica esquecida, e eu acho que deveriam de apoiar mais a formação”*. Deste modo, também o Pai 1 defende também que o clube *“devia apoiar muito mais do que apoia. Não, há equipas que apoiam mais o futebol feminino do que o Boavista, sabendo que o futebol feminino no Boavista é uma tradição. Dentro do clube obviamente que os rapazes são os rapazes, têm todo o apoio que as meninas não têm, mas sendo tradição acho que deveria de olhar com outros olhos”*, fazendo referência ao clube com mais tradição no futebol feminino e à esperança que os pais têm que este apoie pelo seu historial.

Quadro 16: Frequência de resposta à questão "O clube apoia a equipa feminina de futebol? Apoia da mesma forma que outras equipas do clube?"

O clube apoia a equipa feminina de futebol? Apoia da mesma forma que outras equipas do clube?	Pais
Sim/Acho que sim	3
Devia apoiar mais	4
Terá de melhorar o apoio	1
Mais ou menos, as séniores são favorecidas	1
Não/ Nada	2

Para finalizar este capítulo é notória a vontade da maioria dos pais em colaborar e ver crescer o futebol feminino do seu clube e em geral: *“Conheço alguma realidade de clubes, antes de conhecer o Boavista tinha uma ideia positiva do clube no futebol feminino penso que terá sido uma das motivações para a trazer para aqui. Não conheço a realidade de outros escalões, penso que terá de melhorar o apoio mas há que dar tempo ao tempo, as coisas não acontecem de um dia para o outro e se houver boa vontade e esforço de todos vai-se conseguir alcançar muitas coisas”* (Pai 2). Ao longo do processo de entrevistas apercebemo-nos da presença de muitos pais nos treinos, o

envolvimento destes são de enaltecer; é um trunfo do futebol feminino. Tal como Jorge M., et al (2008) referem o relacionamento familiar é problemático com a entrada das raparigas no futebol, o que as leva a desistir da modalidade. Daí, que o contrário, esta proximidade entre jogadoras, pais e clube é importante para o crescimento da modalidade; nestas idades só assim se torna possível iniciar, treinar, jogar e continuar o percurso no futebol.

Por sua vez, os treinadores quando questionados sobre se o clube apoia a equipa feminina de futebol, e se apoia da mesma forma que outras equipas do clube, as respostas evidenciam, na sua maioria, que os clubes apoiam, embora não do modo como acontece no futebol masculino; um treinador indica que apoiam *“mais ou menos, de todos os escalões do futebol do Leixões, o feminino é o patinho feio, sem dúvida”* (Treinador W). O Treinador Z indica *“temos alguns apoios, para já pelo facto de podermos treinar cá e jogar cá e destas miúdas poderem treinar, logo isso é um apoio... as condições das suas instalações, aquilo que nos dá, não posso dizer que não tenha vivido aqui algumas dificuldades em determinadas coisas mas também não me faltou muita coisa”*. O Treinador X afirmou que o seu clube *“apoia o Departamento de Futebol Feminino como nunca antes o tinha apoiado. Naturalmente que as equipas masculinas vão tendo sempre outro tipo de benefícios e ajudas que a equipa feminina não tem, mas de qualquer das formas, penso que não nos podemos queixar em nada no que ao clube diz respeito”*. Por fim o Treinador Y acha que o clube aumentou o interesse e apoio na equipa feminina *“devido à maior visibilidade criada com o sucesso na Taça de Portugal alcançado na ultima época”*. Portanto, dos quatro treinadores, dois estão satisfeitos com o maior apoio, um está satisfeito com o apoio possível por parte do clube dando as condições para treinar e jogar, o outro treinador foi pouco esclarecedor indicando apenas que o feminino é menos apoiado no clube.

Categoria C – Influência social (Pais; Amigos; Escola; Professores)

A categoria C é onde se pretende perceber a influência social dos pais, professores, amigos e da escola na iniciação das raparigas no futebol. As questões abordadas neste tema são as seguintes: *“Os teus pais incentivaram-te para começares a jogar futebol? Se a resposta for não, porquê?; Os teus pais apoiaram-te quando quiseste entrar no clube?; O/a teu professor/a de educação física mostra interesse e apoio no teu percurso como jogadora de futebol?; O que é que os teus amigos e amigas te dizem de tu jogares futebol?; Na escola quando eras mais pequena jogavas futebol?; A escola foi importante para começares a jogar futebol? O que foi importante para começares a jogar futebol?; Onde começaste a sentir o gosto por jogar futebol?; Ouves palavras negativas pelo facto de jogares futebol? De quem?; Ouves palavras positivas pelo facto de jogares futebol? De quem?”*. Todas estas questões estão orientadas para se perceber qual a influência social dada pelo nosso meio envolvente, para as raparigas iniciarem a prática do futebol. A primeira questão permite perceber qual o incentivo dos pais para as raparigas começarem a jogar futebol. As respostas das entrevistadas foram variadas, havendo alguns pais que incentivaram as filhas a jogar, outros só o pai, outras só a mãe, alguns aceitaram pelo gosto que as filhas tinham, outros tiveram dificuldade porque ao início não incentivaram mas depois começaram a fazê-lo e outros não incentivaram de todo. Podemos perceber através do quadro seguinte essa variedade de respostas, o que nos faz pensar que nem todas as famílias são iguais e pensam da mesma forma. Há raparigas que referem que os pais não incentivaram porque *“ninguém gosta de futebol lá em casa”* (Atleta C), por sua vez, a Atleta M refere que os pais não incentivaram mas o irmão sim. As respostas positivas e as raparigas que foram incentivadas pelos pais a jogar futebol referem que são incentivadas desde sempre pelos pais e também pelo seu incentivo próprio. O incentivo do pai foi mais notório que o da Mãe, a Atleta G referiu que *“o meu pai sim incentivou, a minha mãe não, ela diz que isto não é para nós que não é para meninas e o meu pai diz que sim que isto é para nós que temos muito talento e que isto vai ser a nossa vida”*. Por outro lado, a

Atleta N refere que a mãe ao início não incentivou mas passou a gostar, “o meu pai incentivou, é como se eu fosse um rapaz, é um orgulho porque só há meninas e sou a única que jogo futebol, a minha mãe no início não gostava muito da ideia mas depois começou a apoiar, agora até interessa-se mais por futebol”. Por sua vez, a Atleta I foi incentivada pelos pais porque eles sempre perceberam qual era a sua preferência desportiva “desde pequenina que gosto de jogar futebol e os meus pais meteram-me no futebol porque era o que eu mais gostava”.

Quadro 17: Frequência de resposta à questão "Os teus pais incentivaram-te para começares a jogar futebol?"

Os teus pais incentivaram-te para começares a jogar futebol?	Raparigas
Sim	3
O pai	3
A minha mãe	1
Aceitaram	3
Ao princípio não, agora sim	2
Não	4

Deste modo, pretendemos perceber aquilo que é a perspetiva das raparigas mas também dos pais e treinadores em relação ao incentivo para a prática do futebol. Os pais das entrevistadas maioritariamente gostam de futebol, dos 11 entrevistados, apenas uma mãe afirmou que não gosta de futebol nem ninguém em casa. Por outro lado, dois pais afirmaram que incentivaram, o Pai 2 referiu o total incentivo e tendo perspetivas de futuro para a sua filha no futebol, “*incentivo pelo facto de eu achar que ela poderá fazer um percurso bonito na modalidade futebol, haver uma mistura de sorte também e com a qualidade que ela pode ter é trabalhar e melhorar sempre, ainda é nova, tem 11 anos, eu digo-lhe que é preciso trabalhar-se muito para se alcançar alguma coisa*”. A entrevistada que estava presente no treino da filha, a Mãe 3, indicou que não incentivava, o pai sim e que ficou a gostar mesmo de futebol depois da filha entrar no futebol justificando que “*nem gostava de ver o jogos de futebol, nada, só depois de entrar no meio do futebol parece que fiquei mais obcecada com o futebol*”. Alguns pais aceitaram o que as suas filhas queriam justificando dizendo “*ela gostava de futebol e eu via que ela estava com dúvida*

do ténis, ela tinha jeito para o ténis, se gostasse do ténis era capaz de ser melhor tenista do que futebolista mas ela não gosta, como não gosta, eu pela experiência que tenho deixo que ela faça o que gosta, se tiver oportunidade como ela tem oportunidade” (Avô 1), “não estava muito virado para aí, mesmo até a minha esposa também disse ai agora queres ir para o futebol mas ela disse ai mas eu quero ir, então demos-lhe o apoio a 100%” (Pai 3), “não foi preciso, até ficamos surpreendidos pela vontade dela de não optar por um desporto mais feminino, chamemos-lhe assim e optar pelo futebol que é um desporto de homens, não foi preciso incentivar, foi só corresponder ao que ela queria” (Pai 4), “não queria, por ser rapariga não queria, mas já que ela gosta... eu gosto de futebol, mas como rapariga não gostava (Mãe 5). Podemos perceber que alguns pais, apesar de não terem incentivado, aceitam mostrando que gostam que elas joguem; outros referem aspetos como a surpresa das filhas não optarem por um desporto mais feminino e que não queriam; de qualquer forma aceitaram em ambos os casos. Por fim, os pais que não incentivaram a sua filha a jogar futebol justificam referindo que ela estava sempre a falar no futebol, e que elas próprias é que incentivaram os pais a levá-las e que não incentivam pelo pouco apoio que há ao futebol feminino.

Quadro 18: Frequência de resposta à questão "Incentivou a sua filha a jogar futebol?"

Incentivou a sua filha a jogar futebol?	Pais
Sim	2
O pai sim	1
Aceitei o que ela gosta	5
Não	3

No tocante a esta questão, os treinadores, quando questionados se julgam que a maioria das raparigas são incentivadas a jogar futebol pela família, não dão uma resposta única. Apenas o Treinador W responde logo que acha que as maiorias das raparigas não são incentivadas, porém os outros 3 treinadores têm outras perspetivas. O Treinador X confessou que “Se me fizessem esta pergunta quando me iniciei no Futebol feminino (acerca de 4 anos atrás), a minha resposta era negativa, sem qualquer tipo de dúvida. Neste momento, penso que vivemos numa realidade algo diferente. Cada vez mais,

vemos os pais das atletas interessados pelo desenvolvimento desportivo da filha, e a apoiarem as mesmas na prática desta modalidade. Obviamente que continuam e vão continuar a existir algumas (muitas) exceções. Este processo de mudança de mentalidades é longo e vai demorar o seu tempo inserir-se na sociedade portuguesa”. Por sua vez, o Treinador Y transmite que para ele “os pais procuram numa primeira fase tirar isso da cabeça das filhas e tentar “empurrar” para outra modalidade ou atividade, em parte devido a alguns pais ainda verem o futebol como modalidade para rapazes. Sinto também que isto tem vindo a diminuir nos últimos anos, começando já algumas atletas a praticar a modalidade mais cedo, com 10, 11 e 12 anos”. Estas respostas obtidas dos Treinadores X e Y evidenciam que para estes treinadores há o sentimento de que está a melhorar a integração das raparigas no futebol e os entraves criados pelos pais têm vindo a diminuir. Já o Treinador Z também defende que as raparigas são incentivadas pelos pais referindo que tem “o caso de 3 irmãs que jogam cá, ou seja, já o facto das 3 irmãs jogarem, de certeza que têm algum apoio em casa, algum incentivo até, elas são completamente apaixonadas pelo jogo. Elas são incentivadas de facto, eu sinto-me um privilegiado é o facto de elas todas amarem jogar, eu não estou preocupado em perceber se o pai ou se a mãe quer mesmo que elas joguem, elas por si só já querem muito. Não posso dar uma resposta 100% verdadeira, no sentido que eu não falo com os pais, nem estou sempre a falar com os pais para saber se incentivam as filhas em casa, elas jogam e não falham quase um treino, tenho jogadoras que nunca faltaram, doentes, cansadas e com testes vêm jogar, ou seja elas incentivo devem ter, grande parte disso deverá vir de casa”.

Quando as raparigas entraram no clube, no que se refere ao apoio dos pais, percebemos aí que nenhuma das entrevistadas declarou que eles não apoiaram, apenas uma disse que apoiaram mais ou menos; outra que apenas o pai apoiou e, todas as outras, referiram que os pais as apoiaram. A atleta R afirmou ainda que o pai apoiou e ficou feliz por serem raparigas.

Quadro 19: Frequência de resposta à questão "Os teus pais apoiaram-te quando quiseste entrar no clube?"

Os teus pais apoiaram-te quando quiseste entrar no clube?	Raparigas
Sim	16
O pai	1
Mais ou menos	1
Não	0

Já os pais, tal como as filhas tinham referido, apoiam-nas, apenas dois pais não apoiaram logo as filhas mas, apesar de admitirem que não apoiaram, logo dizem, que agora apoiam porque elas gostam embora não seja uma coisa de que gostem. Todos os outros pais apoiam e até procuram o melhor clube, com as melhores condições, deslocando-se para longe se for o caso. O Pai 4 apoiou e procurou e que *"foi por insistência dela e por saber que há poucas alternativas no futebol feminino e por exemplo, por proximidade fui a um clube perto de onde moro, de Rio tinto, não tem departamento feminino e não gostei muito de ela ter que treinar com os meninos mas nos balneários ficar à parte e não gostei, e quando de facto percebi que ela queria mesmo, dei-me ao trabalho de procurar e sabia que o Boavista tinha e foi a primeira opção"*. O Pai 5, por sua vez, tem 3 filhas no mesmo clube e para as levar aos treinos percorre 1 hora de carro por cada treino das filhas, o que é um esforço notável e ele ainda menciona que *"por minha vontade, elas andam e andarão, o tempo que for"*. Ainda o Pai 1 diz que apoia *"1000%, é um apoio incondicional e forte, tanto financeiramente como de tempo"*.

Quadro 20: Frequência de resposta à questão "Apoiou a sua filha quando quis entrar no clube?"

Apoiou a sua filha quando quis entrar no clube?	Pais
Sim	9
Não a apoiei logo	2

O papel do professor de educação física deve ser importante para a integração das raparigas no desporto. O sentido da maioria das respostas das raparigas permite salientar que o professor de educação física mostra interesse no seu percurso como jogadoras de futebol. Apenas duas dizem que o

professor não sabe que elas jogam, e uma assinala que o professor não mostra interesse, “*ele não gosta que joguemos futebol gosta mais de outros desportos*” (Atleta O). Por outro lado, algumas entrevistadas indicam coisas positivas ditas pelos professores que podem influenciar e ajudar no seu percurso, tais como, “*vai-me perguntando como correram os jogos e treinos*” (Atleta E), “*O anterior professor pergunta como está o futebol e quer-me ver na seleção*” (Atleta F).

Quadro 21: Frequência de resposta à questão "O/a teu professor/a de educação física mostra interesse e apoio no teu percurso como jogadora de futebol?"

O/a teu professor/a de educação física mostra interesse e apoio no teu percurso como jogadora de futebol?	Raparigas
Sim	15
Não, ele não gosta	1
Não sabe	2

A influência social dos amigos e amigas pode ser positiva ou negativa. Desde cedo que a criança aprende o significado de género, o que exerce uma influência marcante na organização do seu mundo social e na forma como se avalia a si própria e como percebe as pessoas que a rodeiam. As crianças incorporam os papéis de género através das brincadeiras que têm com os seus amigos e amigas, e, através destas brincadeiras, reconhecem desvios nos comportamentos de género. O problema inicia-se nas ideias que são transmitidas às crianças durante a infância acerca do género; vão fazer com que elas formem as suas percepções acerca dos outros. Daí pretende-se perceber o que transmitem os amigos às raparigas.

As respostas em relação ao que os amigos e amigas dizem das raparigas jogarem futebol diferem, acham interessante, que jogam bem, há rapazes que acham mal elas jogarem, há raparigas que acham também o mesmo e outros não dizem nada. Quando não dizem nada as raparigas apontam palavras depreciativas. Por outro lado, alguns rapazes ficam surpresos pelo facto das raparigas jogarem futebol, tal como a Atleta F refere “*os rapazes quando eu lhes contei ficaram: Jogas futebol? Mas as raparigas sempre me incentivaram*”. A Atleta G conta que “para os rapazes, uma rapariga jogar futebol é estúpido, para as raparigas é diferente”, para a Atleta H os

rapazes *“fazem aquela coisa de dizer que sou uma menina a jogar futebol”* e a Atleta M diz ainda que *“os meus amigos dizem que o futebol é só para rapazes, são machistas, e as minhas amigas não mostram indiferença mas para elas o futebol não”*. Por outro lado, também as amigas se mostram contra o futebol, não só os rapazes, a Atleta J diz que *“os meus amigos gostam muito até jogamos futebol na escola e assim, agora as minhas amigas acham que não é normal”*, para a Atleta R *“as raparigas acham estranho e algo fora do normal, os rapazes não dizem nada”*. De ressaltar que no geral as raparigas contam que os amigos *“dizem que é estranho uma rapariga jogar futebol mas não se importam”* (Atleta P), *“dizem que eu jogo bem”* (Atleta Q), *“os meus amigos gostam muito que eu jogue com eles nos intervalos principalmente, as minhas amigas não jogam tão bem mas querem sempre que eu fique na equipa delas mas não gostam de futebol”* (Atleta O), *“dizem que acham bem que eu jogue, se é o que eu gosto”* (Atleta M), *“dizem bem porque eles também gostam de jogar”* (Atleta L), *“a minha melhor amiga também joga futebol e é uma maneira de nos darmos, de estarmos todos juntos”* (Atleta K), o que favorece o convívio social. Pelas entrevistas realizadas, percebemos que os comentários de amigos e amigas em relação às raparigas praticarem futebol: uns apoiam, outras apoiam, uns criticam, outras criticam, há ainda grupos que apoiam e se envolvem na modalidade todos juntos, jogando bem ou mal, apenas como forma de brincar e praticar desporto entre amigos.

A influência da escola na iniciação das raparigas no futebol é outra variável fundamental. Para além disso, o recreio e o brincar ao futebol com os colegas é uma forma de iniciarem a prática do futebol de uma forma informal mas fundamental em muitos casos. Por outro lado, sabemos que na pré-escola nem todas as crianças se envolvem nos mesmos tipos de jogos e a participação social da criança nos jogos é influenciada pelos pares e professores.

Ao longo das entrevistas foi notório à vontade quando esta questão era colocada às entrevistadas, sorrindo, rindo e referindo a maioria que jogam desde pequeninas. A Atleta L jogava todos os intervalos, por sua vez a Atleta O jogava com pacotes e pedras, Atleta E conta ainda que *“na primária quando foi*

a apresentação, tava uma bola no campo e eu vi e disse “ei uma bola”, e os rapazes foram todos a correr atrás de mim”. Por outro lado, as três raparigas que disseram que não jogavam futebol quando eram mais novas, justificam dizendo “só comecei a jogar no 4º ano” (Atleta C), “não gostava de jogar porque os da minha turma não me deixavam e ninguém me deixava jogar, diziam que o futebol não era para meninas” (Atleta D). Esta situação ocorre e inibe as raparigas de jogarem futebol, mesmo gostando de fazer, é inibidor da iniciação das raparigas no futebol.

Quadro 22: Frequência de resposta à questão "Na escola quando eras mais pequena jogavas futebol?"

Na escola quando eras mais pequena jogavas futebol?	Raparigas
Jogava	15
Não jogava	3

Portanto, é perceptível o papel importante que a escola desempenha na iniciação das raparigas no futebol. Deste modo, a perceção das raparigas em relação à importância da escola na sua iniciação no futebol foi considerada e os resultados mostram que para a grande maioria, das 18 raparigas, 13 consideram que a escola foi importante para começarem a jogar futebol, foi lá que começaram, a Atleta I defende “se não tivesse andado naquela escola não estava aqui, porque foram os meus colegas que me incentivaram a jogar a bola e que me ensinaram, praticamente jogava contra os mais fortes e fui evoluindo quando jogava com eles e depois vim para aqui e estou como estou”. Atleta E também avalia que a escola foi importante e pensa que “ia começar de uma maneira ou de outra a jogar futebol”, Atleta J fala num torneio na escola que fez, Atleta G “foi o facto de entrar numa equipa de futsal”, Atleta F diz que foi na escola que começou “a dar os primeiros toques, para além disso, os jogos com o meu irmão em casa”, também a Atleta Q acha que na escola aprendeu muitas coisas mas também foi a ver o seu irmão a jogar. Por outro lado, Atleta D pensa que não, e refere também a importância de “jogar no parque com os meus irmãos, os meus amigos e isso, comecei a gostar daquilo”, tal como a Atleta N que “já jogava futebol fora da escola quase todo o tempo e foi por incentivo de amigos e sempre que eu brincava era futebol, estava sempre a

jogar futebol, na rua, perto de minha casa”, por fim Atleta R começou a jogar só mesmo no clube porque as irmãs jogavam e depois aí começou a jogar. As entrevistadas que não respondem nem positivamente nem negativamente ao facto da escola ter sido importante, referem outras coisas, ou a importância de ir para um clube ou jogar com amigos, irmãos, tal como a Atleta L que *“já tinha começado antes, quando fui para o 5º é que comecei a jogar porque tinha campo para jogar e deixavam-me. Quando ia ver os jogos do meu irmão, entrava no campo ao intervalo e começava a jogar à bola”* e Atleta M que jogava em casa também e com amigos. Por fim as raparigas analisam, na sua maioria, que a escola é importante para começar a jogar futebol, mas referem outros aspetos como motivos para começar a jogar: os colegas, amigos, irmãos e familiares, torneios e equipas onde entraram.

Quadro 23: Frequência de resposta à questão "A escola foi importante para começares a jogar futebol?"

A escola foi importante para começares a jogar futebol?	Raparigas
Sim	12
Ir para um clube	1
Jogar com irmãos e amigos ou em casa	3
Não	3

De seguida, pretende-se entender onde começou o gosto destas raparigas em jogar futebol. É determinante compreender onde começa o gosto e onde elas se iniciam no futebol. Os resultados das entrevistas demonstram vários aspetos quando as raparigas começam a sentir o gosto pelo futebol, entre elas o jogar na rua, na escola, com amigos, com o pai, com os irmãos, num clube e também, desde pequenas, desde sempre não tendo grande explicação mesmo para essas raparigas. Atleta J refere-o que *“desde pequenina sempre gostei muito de jogar futebol e depois apercebi-me que era o que eu gostava, senti quando comecei a jogar com os meus amigos na escola e assim”*. Em suma, a família, a escola, os amigos, a rua, os clubes são fundamentais neste processo da iniciação das raparigas no futebol.

Quadro 24: Frequência de resposta à questão "Onde começaste a sentir o gosto por jogar futebol?"

Onde começaste a sentir o gosto por jogar futebol?	Raparigas
Jogar na rua perto de casa	2
Jogar na escola com amigos	6
Desde pequena/ Desde sempre	3
Com os amigos	2
Com o pai	1
Com o irmão	2
Num clube	2

As entrevistadas foram questionadas sobre se a sua escola tem, no âmbito do desporto escolar, equipa de futsal feminina. De todas as entrevistadas, apenas duas raparigas nos dizem que têm na sua escola no âmbito do desporto escolar, equipa de futsal feminina; as outras 18 não têm; outras referiram os interturmas realizados como a única atividade de futebol/futsal organizada pela escola. Algumas raparigas contam que a escola tem equipa de futsal no desporto escolar, mas só masculina e que não podem entrar raparigas; outra entrevistada diz ainda que entrou há pouco tempo na escola nova, nunca ouviu falar, mas que tem masculino e pensa que não há feminino assim como na anterior escola onde andou; outra rapariga refere que a sua escola nem tem equipa masculina, nem feminina. Por outro lado, apesar de algumas raparigas dizerem que a escola faz interturmas, uma das entrevistadas diz que, como era preciso pagar muitas raparigas não aceitaram isso e não participaram. Em relação aos motivos para não haver equipa de futsal feminina na escola, as raparigas apontaram alguns, “se calhar não há muitas raparigas que gostam de jogar futebol” (Atleta Q), “as raparigas não querem” (Atleta O), “acho que não tem porque acham que não vão conseguir ter número de raparigas suficientes para jogar, acho que não há” (Atleta N). Por fim, das duas raparigas que têm equipa de futsal feminina na escola, uma jogava mas saiu recentemente porque não tem tempo para ir aos treinos e diz que não é convocada e a outra está na equipa e que quando pode treina.

Uma vez que nos interessa saber o que motiva as raparigas para iniciar a prática do futebol, importa também perceber o que ouvem, comentários positivos e negativos em relação à prática, bem como os pais e treinadores em

relação a isso. Deste modo, as palavras positivas que as raparigas ouvem vêm dos:

- Pais
- Amigos
- Professores
- Família (Primos, Avós, etc.)
- Bancada
- Treinadores
- Jogadoras
- Escola
- Adeptos
- Pessoas no clube
- Pessoas que me vão ver jogar

A maioria das raparigas faz referência à família, aos pais, amigos, algumas aos professores e treinadores, mencionando que lhes dizem coisas positivas como que o desporto faz bem, é sempre um desporto e é sempre bom praticar desportos e que os amigos acham piada delas jogarem futebol.

Por sua vez, os pais quando questionados sobre se ouvem palavras positivas pelo facto das suas filhas jogarem futebol identificando pessoas que dizem palavras positivas entre elas:

- Familiares (Avós, Tios, Padrinhos, Irmãos, Primos)
- Pessoas amigas/conhecidas/não conhecidas

Deste modo, em relação ao que dizem de comentários positivos aos pais, consistem em *“dão-me os parabéns, aquelas coisas”, “o falecido avô gostava e quando ela chegava a casa perguntava sempre como corria o futebol e as vezes palavras bonitas ouço quando estamos a assistir de pessoas que não conhecemos”* (Mãe 4), *“os familiares acham bem ela praticar desporto, que é uma mais-valia e mesmo até colegas meus dizem que futebol hoje em dia é uma modalidade que está a espevitar mais e tem tendência a evoluir, faz bem o desporto em si faz bem e é bom, deixa-a progredir enquanto ela quiser continuar”* (Pai 3), a ligação do futebol à família e do bem que o desporto faz

surge nos comentários como aspetos positivos. Além disso, o apoio de familiares e terceiros é igualmente uma referência para os pais, *“houve comentários curiosos, as pessoas acabaram por reconhecer as que me conhecessem pela minha influencia e pelo primo dela no futebol e acabou por ser aceite e toda a gente gostou, houve incentivos por toda a gente que a conhece e houve palavras boas de familiares e amigos”* (Pai 4), *“tem o apoio total, começou em Setembro de 2012 e hoje penso que a nível de jogo nota-se que há muita qualidade tanto dela como de todo o grupo”* (Pai 2) e *“palavras positivas vieram de terceiros, de pessoas que nós não conhecíamos, que nos deram os parabéns que a menina gostava muito bem, e aliás o coordenador de futebol do Maia é que disse que no Maia não teria hipótese e que deveria ir para o Boavista, e veio cá fazer um treino e foi logo inscrita na competição”* (Pai 1) .

No tocante à questão sobre se ouvem palavras positivas por treinar futebol feminino, os treinadores indicam que ouvem. Os três treinadores afirmam que sim, que ouvem palavras positivas, referindo-se a amigos e familiares. O Treinador X afirma que ouve *“principalmente daqueles que me são mais chegados (família e amigos), mas também de adeptos casuais que vou encontrando no dia-a-dia”, por sua vez o Treinador Y ouve “da parte de amigos e familiares, que passaram a acompanhar a modalidade”* desde que este integrou no futebol feminino. O Treinador Z explica que *“em casa ouço sempre palavras positivas claro, a minha família sabe perfeitamente aquilo que eu quero ser enquanto ser profissional e enquanto pessoa, sabem que isto é um plano de crescimento autónomo, apoiam-me nesse sentido, quando vieram ver os meus jogos gostaram daquilo que viram mas não tenho ninguém em casa que seja um grande conhecedor daquilo que é o futebol. O meu coordenador da Dragon Force, deu-me esta oportunidade de poder estar aqui mas sabia que era bom para o meu crescimento não só por acreditar no meu valor mas também porque se eu enriquecer vou ajudar a enriquecer a Dragon Force também. Tenho ouvido amigos meus que ao início, mesmo outros treinadores, brincavam comigo por eu estar no futebol feminino acho que é um bocado cultural, mais aquela fase inicial e não com malícia, porque num minuto estavam a dizer isso como depois diziam que interessa que fazia muito bem, e*

que para se ser bom em alguma coisa a quantidade de horas que se vivência as coisas e a experiência é fundamental, eles já viram a nossa equipa a jogar e gostam do que vêm e isso também é interessante e é a prova viva, quer dizer não posso estar a dizer que jogam bem ou mal, para mim jogam bem". Por fim, o Treinador W salienta que *"quando se fala de futebol feminino, é aquela coisa que as pessoas não estão bem cientes do que é, pensam que jogar futebol que é muito difícil, que deve ser complicado treinar mulheres".*

Todavia, os comentários negativos também existem, fruto de toda a educação baseada nos estereótipos de género. As respostas à questão, se ouvem palavras negativas pelo fato de jogarem futebol não permitem encontrar um sentimento unívoco, as respostas dispersam-se pelas possibilidades das 18 raparigas entrevistadas, 10 dizem que ouvem comentários negativos, 8 dizem que não.

Quadro 25: Frequência de resposta à questão "Ouves palavras negativas pelo fato de jogares futebol?"

Ouves palavras negativas pelo fato de jogares futebol?	Raparigas
Sim	10
Não	8

Daí que importa entender de quem são as palavras negativas que as raparigas ouvem, vêm dos:

- Rapazes da escola e fora da escola
- Raparigas que não gostam de jogar futebol
- Pessoas que estão a assistir aos jogos
- Amigos

Por fim, as entrevistadas identificaram alguns comentários negativos que lhes fazem, *"ouço dizerem que não jogo nada, também já me disseram que isto não era para meninas que não devia jogar"* (Atleta D), *"dizem que é estúpido uma rapariga jogar futebol, que as raparigas só dão pau e essas coisas"* (Atleta G), *"pensam que as raparigas não jogam nada, acham-se melhores, alguns dos rapazes, alguns da escola e outros fora"* (Atleta K), *"por exemplo eu digo*

que quero fazer isto da minha vida, dizem-me “futebol feminino? Não vais lá esquecer” (Atleta L), “ouço de vez em quando que as raparigas não deviam jogar futebol e essas coisas, ouço dos amigos, dos rapazes da escola principalmente” (Atleta N), “dizem que o futebol é para rapazes e assim... e que as meninas não devem jogar, alguns rapazes da escola que me vêm a jogar dizem isso” (Atleta O), “dizem que futebol não é para as raparigas que é uma coisa só de rapazes, os rapazes dizem isso” (Atleta R). Ainda de ressaltar pelo lado positivo a afirmação, das raparigas que não ouvem comentários negativos; realçam ainda que “toda a gente me incentiva a jogar, a fazer o que eu gosto” (Atleta I).

Ora, comentários negativos ouvidos pelos pais, curiosamente ao contrário das raparigas, a maioria dos pais dizem que não ouve palavras negativas, apenas uma mãe refere que “as vezes, agora nem tanto, mais quando ela jogava com rapazes, era mais difícil porque os pais dos meninos não enfrentavam bem a situação de ver meninas jogar contra os filhos” (Mãe 4). Dos 10 pais que dizem que não ouvem palavras negativas, apenas um pai fez referência que nunca teve palavras negativas mas reconhece que talvez na escola isso se passe “mas talvez os rapazes colegas dela a inferiorizem e dizem: ai a maria rapaz foi para o futebol...olha parece maria rapaz, joga futebol não sei quê. O futebol é um desporto tanto a nível masculino como feminino, já se sabe que as projeções são completamente diferentes mas havemos de lá chegar” (Pai 3)

Quadro 26: Frequência de resposta à questão "Ouve palavras negativas pelo fato da sua filha jogar futebol?"

Ouve palavras negativas pelo fato da sua filha jogar futebol?	Pais
As vezes	1
Não	10

As respostas a esta questão por parte dos treinadores permitem perceber que, três treinadores dizem que não ouvem palavras negativas pelo fato de treinarem futebol feminino, apenas um refere que ouve algumas. O Treinador W indicou que ouve algumas palavras negativas e vindas de diretores do próprio clube, que pessoas de fora perguntam o que é futebol

feminino e que as sub-18 *“é um escalão que não é muito divulgado, nem aparece na televisão, não falam muito”*. O Treinador X é mais ponderado dizendo que não ouve mas que *“naturalmente que existem sempre situações onde algumas pessoas são desagradáveis e deixam-se levar pelos preconceitos, mas felizmente têm sido raras as vezes em que isso acontece”*. O Treinador Y salienta que nunca ouviu palavras negativas que *“talvez numa primeira fase algumas pessoas duvidavam e não compreendiam a opção de vir para o futebol feminino, agora com os resultados obtidos, quer na formação, quer na equipa sénior, essas pessoas veem de outra forma a modalidade e a minha presença nela”*. Ainda o Treinador Z referiu que não ouve palavras negativas mas que não recebe incentivos pois não vêem futuro profissional no futebol feminino, dizem-lhe que *“no futebol feminino não vais conseguir enveredar por aí, a nível monetário, é muito bom é uma experiência para ti, mas há sempre aquela dúvida a nível de aposta, é muito imprevisível saber se o futebol feminino vai poder sustentar pessoas no futuro enquanto profissionais da modalidade, seja treinadores, jogadores, etc. Eu acho que um clube nunca vai viver só do futebol feminino, daquilo que vivenciei infelizmente o futebol feminino ainda não proporciona... Se gosto mais do futebol masculino gosto, mas adoro o trabalho que estou a fazer não só pelo meu crescimento pessoal mas por ver aquilo que elas me dão, por todo o apoio que elas me dão, ou seja isto é quase uma relação amorosa, é isso é amor, somos muito mais do que jogador treinador, temos uma relação de amizade, e elas reconhecem os momentos que podem brincar e ser levadas a sério, elas também são ambiciosas e gostam de nos ouvir e aquilo que preparamos para elas e o feedback é esse, aliás em não faço outra coisa a não ser para o futebol”*. É curioso que os treinadores entrevistados que estão a treinar equipas femininas de formação, têm entre os 22 e os 25 anos, sendo o futebol feminino uma forma de começar a trabalhar no futebol. Porém não o vêem como o seu futuro profissional, mas sim como valorização pessoal e experiência profissional para ingressar no masculino.

Por fim, o meio social tem um papel fundamental que vai permitir à criança em novos ambientes, e a família e a escola são meios funcionais onde

a criança adquire as primeiras condutas sociais, e onde podem pertencer a meios sociais diversificados.

Categoria D – Visibilidade Futebol Feminino

A categoria D é a categoria que permite analisar a visibilidade do futebol feminino. As questões são orientadas para as figuras de referência que as raparigas têm no futebol, o acompanhamento que elas têm do campeonato nacional sénior, a sua perspetiva em relação à comunicação social para o futebol feminino. Portanto, esta categoria engloba 6 questões das quais: *“Tens algum ídolo para ti que é uma referência no futebol? Alguém que gostas de ver a jogar futebol?”*, *“No caso de a resposta ser um jogador, questionar quanto a uma jogadora”*, *“Acompanhas o Campeonato Nacional de futebol feminino sénior?”*, *“Se fossem transmitidos jogos de futebol feminino na TV, o que achas que aconteceria à modalidade?”*, *“Costumas ver jornais ou TV? Achas que há tantas notícias de desporto feminino como de masculino? O que pensas em relação a essa diferença?”*, *“Conheces o trabalho que tem sido feito pelas organizações para o crescimento e desenvolvimento do futebol feminino?”*.

As jovens não têm figuras de referência no feminino, pois elas são pouco ou quase nada vistas. A comunicação social dá pouca atenção ao desporto feminino tal como se sabe e cria alguns problemas por não divulgar em Portugal, os modelos para as raparigas seguirem. As entrevistadas foram questionadas se têm algum ídolo que seja uma referência no futebol, não relegando a questão para um jogador ou jogadora. Das 18 entrevistadas, apenas uma respondeu logo uma jogadora e outra questionou se era em relação a jogador ou jogadora, todas as outras responderam um jogador (masculino). As respostas das jogadoras que apontaram logo um jogador, distinguiam Cristiano Ronaldo, Messi, Ibrahimovich, Pepe, João Moutinho, Iniesta, Quaresma, Maxi Pereira e outra rapariga defendeu que gosta de todos. A entrevistada que respondeu uma jogadora, apontou uma antiga colega de equipa, que subiu para o escalão seguinte no seu clube.

Quadro 27: Frequência de resposta à questão "Tens algum ídolo para ti que é uma referência no futebol? Alguém que gostas de ver a jogar futebol?"

Tens algum ídolo para ti que é uma referência no futebol? Alguém que gostas de ver a jogar futebol?	Raparigas
Resposta relativa a um jogador	15
Resposta relativa a uma jogadora	1
Resposta questionando se Feminino? Ou Masculino?	1
Não tenho	1

Seguidamente, às raparigas foi colocada a questão, no caso da sua resposta à questão anterior ter sido um jogador, questionar quanto a uma jogadora e aí as respostas dividem-se entre jogadoras de referência a nível mundial, jogadoras da equipa sénior dos seus clubes ou nenhuma.

Quadro 28: Frequência de resposta à questão "No caso da resposta ser um jogador, questionar quanto a uma jogadora?"

No caso da resposta ser um jogador, questionar quanto a uma jogadora?	Raparigas
Jogadora das séniores do seu clube	5
Jogadora referência em Portugal – Carla Couto	1
Jogadora de referência a nível mundial – Marta (Brasil)	3
Jogadora profissional não conheço nenhuma	1
Nunca vejo jogos de raparigas	1
Não tenho	5

Em Portugal, no Futebol Feminino sénior joga-se o Campeonato Nacional da primeira divisão e o Campeonato da Promoção que funciona por séries sendo este da segunda divisão. A visibilidade que a primeira divisão masculina tem sobre as crianças e jovens é inquestionável, porém o campeonato nacional da primeira divisão feminino não é assim. Cerca de metade das entrevistadas não acompanham o campeonato nacional de futebol feminino sénior; tal acontece devido à falta de divulgação que leva ao desconhecimento da realidade. Por outro lado, as raparigas tendem a acompanhar mais o campeonato onde o clube em que elas jogam está inserido. Podemos perceber através desta questão, a importância que a Taça de Portugal tem no futebol feminino e a visibilidade que tem entre as raparigas. Quase todas as raparigas responderam de forma diferente a esta questão.

Cada uma tem um acompanhamento diferente do futebol feminino sénior, através de resultados, jogos, ou na televisão jogos do mundial que são transmitidos pela eurosport, entre outros.

Quadro 29: Frequência de resposta à questão "Acompanhas o Campeonato Nacional de futebol feminino sénior?"

Acompanhas o Campeonato Nacional de futebol feminino sénior?	Raparigas
Sim	2
Sim, as vezes vejo coisas, facebook e alguns vídeos	1
Já vi um jogo pela televisão (Final da Taça de Portugal)	1
Quando posso, já vi muitos jogos	1
Quando tenho oportunidade, ao vivo só a final da taça de Portugal, vi duas	1
Mais ou menos, alguns jogos da 2ª divisão e resultados	1
Sim do meu clube, resultados sim, jogos nem todos	1
As vezes, já vi jogos	1
As vezes, resultados	2
Não, mas vi no mundial alguns jogos	1
Não, mas já vim ver um jogo	1
Não, acompanho o masculino	1
Não muito	2
Não	2

No que toca aos treinadores, dos quatro entrevistados todos acompanham o campeonato nacional de futebol feminino sénior. Três deles estão também nas equipas técnicas de equipas séniores dos seus clubes. O Treinador Z, que não está com equipas séniores, mas apenas na formação refere *“vou acompanhando que eu gosto de saber classificações, tenho amigos a treinar feminino, tenho interesse por isso, sou quase viciado todas as semanas em ir ao zerozero e aproveito para ver algumas coisas, comecei a interessar-me pelo futebol feminino este ano, estou envolvido e vou acompanhando... sei quem está na fase de despromoção, algumas equipas, sei quem poderá lutar para subir, sei quem foi a final da taça de Portugal, por acaso não fui ver o jogo mas tinha gostado de ir ver, sabia de alguns clubes e que tinham equipas femininas, o Boavista, o Leixões, sabia perfeitamente que tínhamos o 1º Dezembro com imensos títulos, conhecia a Carla Couto e a Edite*

Fernandes, e a seleção que é o que passa mais na televisão. Certamente vou começar a acompanhar mais”.

Deste modo, a comunicação social assume cada vez mais um papel fundamental na sociedade enquanto promotor do desporto, visto que tem o poder de dar visibilidade ao país. Hoje em dia, a tv, a internet, os jornais, as rádios são os meios que a sociedade conhece, vê, ouve, lê. Então, levantou-se a questão sobre a perspetiva das raparigas, dos pais e dos treinadores em relação à comunicação social e ao papel que esta poderia ter no futebol feminino. As raparigas apontaram muitos pontos em comum. As palavras mais pronunciadas foram evolução, importância, valor e interesse. Portanto, o consenso é geral: o futebol feminino ganharia, teria maior impacto, as pessoas dariam mais valor e passariam a ter na opinião das entrevistadas maior interesse. Por outro lado, elas referem que começaria a evoluir como o futebol dos rapazes; outras ainda defendem, que é importante as pessoas verem que há raparigas que jogam tão bem como os rapazes, e, ao confirmarem este fato iriam querer mais futebol feminino. Consequentemente os respetivos apoios que o futebol feminino precisa iriam aparecer.

Quadro 30: Frequência de resposta à questão "Se fossem transmitidos jogos de futebol feminino na TV, o que achas que aconteceria à modalidade?"

Se fossem transmitidos jogos de futebol feminino na TV, o que achas que aconteceria à modalidade?"	Raparigas
Ganhava	1
Ia ter maior impacto, as pessoas passavam a ter um maior interesse	1
Talvez se desenvolvesse mais, houvesse mais equipas e mais raparigas a gostar de futebol	1
Ficava mais importante, as pessoas iam ver e davam mais valor	4
Começava a evoluir como os rapazes	1
Acho que evoluía mais, precisamos de apoio também e de pessoas a ver e a querer mais futebol feminino	2
Ficava mais conhecido como o masculino, evoluía, mais pessoas iam ver	3
Eu via	1
Acho que começava a evoluir e cada vez mais raparigas começavam a sentir paixão pelo o futebol	1
Acho que as pessoas tinham mais noção que não são só os rapazes que jogam bem futebol. Há raparigas que jogam tão bem como os rapazes	1
Ganhava muito mais, tornava-se quase como futebol masculino, iam ter mais interesse sobre isso, iam apostar mais no futebol feminino, as pessoas iam ver que as raparigas também servem para o futebol não é só os rapazes	1
Era uma grande evolução porque só mostram o masculino e ia evoluir mais para estar mais ou menos no patamar do masculino	1

Por sua vez, os pais têm outra visão sobre esta questão. O Pai 3 defende que as equipas *“podem conseguir mais do que aquilo que têm conseguido”* sendo que com a televisão *“era capaz de haver mais incentivo”*, também *“ia ser merecido e bom para elas”* (Mãe 1). Apenas a Mãe 3 confessou que não sabe, e o Avô 1 assenta na ideia que *“progredia muito”* porque *“isto é um atraso de vida”* contando que *“no ano de 2012 fui a Badajós, o Boavista foi convidado para um torneio internacional, e as miúdas iam muito mal preparadas, muito muito muito mal os espanhóis fizeram isto, no fim do dia transmitiam um jogo em direto na televisão, sub-13 ou sub-12, portanto a diferença parte por aí”*. A maioria dos pais incide sobre a divulgação como essencial, *“era mais um incentivo para elas, para elas e para divulgar o futebol feminino que está pouco divulgado”* (Mãe 5), *“ia evoluir porque a televisão é um meio de comunicação muito forte e como o futebol feminino está pouco divulgado acho que a TV era um meio muito bom para divulgar”* (Mãe 4), a Mãe 2 considera que se a TV divulgasse o futebol feminino *“se calhar estava mais desenvolvido, ela está aqui neste clube porque na nossa zona não há clubes femininos, se calhar haveria mais não é”*. O Pai 2 considera que as pessoas ainda não conhecem o futebol feminino porque não é divulgado *“as pessoas iam-se aperceber que o futebol não é só masculino e iriam constatar e assistir a jogos com mais qualidade que alguns masculinos e penso que as pessoas ainda não têm essa noção porque não conhecem, não vêem jogos locais, nem na televisão e se vissem tinham outra ideia, e como não conhecem desvalorizam, se comesçassem a conhecer iam dar valor, viam que existem boas equipas, boas jogadoras, bons treinadores, dirigentes e por aí fora”*. Assim, o Pai 3 estima que se houvesse esta divulgação televisiva *“o futebol feminino passaria a ser mais visto em todo o mundo, não como o masculino mas acredito que ia ter outra projeção, com certeza, falar-se mais, haver mais jogos na televisão, digamos que em 100%, iria ter talvez 60%, 70%, se fosse promovido como futebol masculino, se comesçassem a transmitir jogos todas as semanas, eles transmitem mas é os campeonatos da europa”*. O Pai 1 conta *“o ano passado foi transmitida a final da Taça de Portugal entre o 1º de Dezembro e o Albergaria, hoje eu ouço pessoas a falarem no café: é pá lembras-te o ano*

passado deu o futebol feminino, a final da Taça de Portugal futebol feminino. Portanto é uma lacuna, pode não gerar tantas receitas, já sabemos que não, mas é uma lacuna acho que deveria de ser mais desenvolvido porque quando as coisas vão através da televisão, aliás vê-se nos sub-19 e nos sub-20, no campeonato da europa sub-19, pela primeira vez chegamos a um campeonato da europa. Há muitas situações em que as pessoas apoiavam e viam os jogos e andavam em cima, gostavam de ver mais, mas internacionalmente já começam, a nível nacional não têm que dar todos os jogos numa primeira divisão, mas se calhar por mês um jogo importante de 15 em 15 dias acho que deveriam. Ou um programa televisivo, uma vez por mês, um sketch em que desenvolva e fale um bocadinho do futebol feminino que tem que ser mais falado. Mas creio que em termos federativos, temos a Mónica Jorge à frente do departamento de futebol feminino e o Fernando Gomes como presidente, e o impulso que levou, foi um impulso tremendo, e mais prometem para este ano, estou convencido e acredito plenamente nas pessoas responsáveis, aliás pela primeira vez criaram a seleção nacional sub-17 que é fantástico, para as jogadoras, mais visibilidade, mais hipóteses. Portanto, mais apoio, um pouquinho de televisão mais, ideal". Percebe-se estão do lado das filhas e consequentemente do lado do futebol feminino, cada um com a sua perspetiva todavia positivamente orientada para o melhor para a modalidade.

Para os treinadores, se fossem transmitidos jogos de futebol feminino na TV, é consensual que seria o passo fundamental para o desenvolvimento da modalidade. Segundo o Treinador X *"seria uma forma de impulsionar o desenvolvimento da modalidade, fazendo com que os jogos chegassem mais facilmente às pessoas e adeptos, cativando aqueles que desconhecem a modalidade e que nunca tiveram contacto com a mesma"*, o Treinador Y considera que podia *"aumentar a visibilidade, apoios e de alguma forma mudar a cabeça das pessoas relativamente ao futebol feminino. Alguma das diferenças para outros países na modalidade começa aí, onde as finais de um torneio sub-14 em Espanha, passaram no canal da região e uma final da Taça de Portugal sénior nem no Canal da região (distrito do Porto) das duas equipas foi transmitido. Pode começar por aí o desinteresse de várias empresas no apoio a modalidade, pois sem visibilidade não vale a pena o patrocínio, muito*

mais nos tempos de crise que estamos a passar”. O Treinador W acha que podia evoluir contudo depende dos jogos que passariam na TV “poderia evoluir muito mas também depende do tipo de jogos que mostravam, nós podemos falar de um Leixões Boavista, jogos mais emotivos... agora se forem jogos com equipas mais fracas não ia suscitar tanto interesse das pessoas, a final da taça de Portugal que já deu, pode ser que faça com que as pessoas gostem mais de futebol feminino”. Por fim o Treinador Z apontou diversas direções “havia pessoas de certeza que iam adorar ver o futebol feminino que estejam próximas ao futebol feminino sem dúvida que iam adorar, pessoas que iam ficar espantadas tal como ao Prof. Vítor Frade costuma dizer o futebol como muitas coisas e a metodologia que ele criou é como à coca-cola primeiro estranhou-se e agora entranha-se, ou seja, as pessoas acham que o futebol feminino pode não ter qualidade mas mais a frente, nós somos seres que pelos padrões de vida que levamos e que vamos vivenciando é um padrão cultural, eu lembro-me que quando era criança ver uma rapariga a jogar futebol era estranho, muito estranho mesmo. Inconscientemente as pessoas acham que o futebol feminino não tem qualidade, nunca viram um jogo e se passar na televisão dizem oh não tem nada a ver com homens a jogar, e essas pessoas para além de não saberem nada de futebol, culturalmente e inconscientemente, ou seja a cultura que foi criada a volta delas, levou a criar padrões inconscientes quando nem sequer perdem tempo a ver, e se vissem tenho a certeza que havia pessoas a adorar, primeiro estranhando mas depois as coisas iam entranhar-se com o tempo e é importante que se isso acontecer não se desista à primeira adversidade, ou seja, por muito dinheiro que se possa perder ao inicio é importante continuar a apostar no futebol feminino. A mulher é um ser tão interessante como ao homem, quem é que me garante a mim que a mulher não pode chegar ao nível do homem a jogar futebol? Não sei, a mulher joga futebol há menos tempo, há menos posições para jogar, culturalmente os pais dão aos filhos uma bola de futebol e a uma rapariga já não é, tudo isso influência aquilo que é a nossa vida, futebol feminino tem esses handicaps, quando mais a mulher for elevada ao grau que merece tenho a certeza que desde cedo as coisas vão começar a ter um bom rumo”.

Por conseguinte, pretende-se perceber a perspetiva das raparigas, dos pais e dos treinadores em relação à diferença que a comunicação social atribui ao desporto masculino versus feminino. Daí, as raparigas quando questionadas sobre se costumam ver jornais ou TV, a maioria, 11 raparigas respondem que não costumam ver, contudo todas respondem que não há tantas notícias de desporto feminino como de masculino e expressaram a sua opinião sobre a diferença de notícias dizendo que: *“deviam falar tanto de futebol masculino como de feminino, no desporto em geral também”* (Atleta B), *“como dizem que o futebol é para os rapazes, e não ligam muito ao futebol feminino”* (Atleta C), *“acham que os rapazes são mais importantes, o feminino acham que não, só dão coisas da seleção e por aí”* (Atleta D), *“acham que o futebol é mais para rapazes”* (Atleta E e Atleta M), *“desde antigamente que é assim e acho que devia continuar a evoluir como está a evoluir”* (Atleta F), *“só há desporto masculino, devem gostar mais de ver jogar os rapazes”* (Atleta H), *“deviam estar iguais”* (Atleta I), *“acham que futebol é mais para rapazes, é como a dança às vezes vê-se bailarinos a dançar é a mesma coisa que ver-se raparigas a jogar”* (Atleta J), *“devia de haver mais notícias de raparigas, já vi no jornal de um jogo”* (Atleta K), *“sempre deram mais importância ao masculino do que o feminino, desde sempre”* (Atleta L), *“talvez porque acham mais interessante o futebol masculino que o feminino”* (Atleta O), *“dão mais importância ao campeonato de futebol masculino do que ao feminino”* (Atleta P), *“pensam que as meninas não têm assim muito talento para desportos”* (Atleta Q), *“o futebol feminino não é tão visto e não dão tanta importância como ao masculino”* (Atleta R), por fim a Atleta A tem uma opinião curiosa, acha que essa diferença acontece porque os rapazes jogam melhor. Apenas duas entrevistadas confessam que não sabem e não percebem porque há esta diferença, não conseguindo dar justificação. Em conclusão, é perceptível que as raparigas sentem que dão mais importância ao desporto masculino que feminino.

Já os pais têm uma visão mais aprofundada sobre esta problemática. As mães culpam a comunicação social e apontam como principal entrave da divulgação do futebol feminino, a maneira como as pessoas pensam na sociedade tal como refere a Mãe 4 *“dão muita importância ao futebol masculino e não tanto*

ao feminino, deviam divulgar mais”, “acho que têm culpa, podiam divulgar mais um bocadinho, podiam dar mais” (Mãe 1), “acho que eles deviam-se empenhar mais um bocadinho no feminino, acho que não é só o masculino também têm de dar ao feminino” (Mãe 3), “acho que tinha de haver mais divulgação e não há, e elas também acham que futebol seja mais para rapazes, não estão em igualdade mas pode ser que cheguem daqui a uns anos” (Mãe 5). A Mãe 2 refere-se à localização do clube onde a filha pratica futebol como muito distante da sua zona residencial justificando que é de Gondomar e tem que ir para Matosinhos para a filha jogar e que se o futebol feminino “tivesse mais divulgado e houvesse mais clubes era melhor, e ainda por cima está num escalão que não é o dela, e sente-se um bocado prejudicada porque dão prioridade às mais velhas”. Podemos perceber por diversas opiniões de pais, que eles também pensam como antigamente. O Avô 1 descreve que “o futebol feminino nasceu assim como a prática desportiva feminina, nasceu um bocadinho contra natura. Depois há certas coisas que no meio feminino que entravam. Por exemplo, os homens são mais abertos em determinadas situações, as mulheres fecham-se isso contribui. O feminino não dá pelouros, não vende jornais. O basquete americano feminino por muito que faça não tem nada a ver com o masculino (NBA)”. Também o Pai 3 lamenta que “infelizmente porque o futebol masculino já nasceu há muitos anos, primeiro que o feminino e depois há uma grande diferença, hoje em dia, os grandes patrocinadores preferem patrocinar o masculino porque se calhar tem mais projeção que o feminino. O feminino nunca vai estar à altura do masculino mas poderá estar mais próximo”. Já o Pai 4 considera que a comunicação social, respetivamente a TV, “não é o principal culpado, porque é um desporto de choque, que existe contacto físico e como a maior parte de desportos de contacto físico a afluência de praticantes femininos é inferior, mas de facto se fosse mais publicitado ia ter obviamente mais conhecimento, iam existir mais praticantes mesmo por conhecimento, se da mesma maneira que se fala das tabelas classificativas de outros campeonatos de futebol masculino, falassem só do feminino, dava a entender que existiam mais clubes, e eu só sabia que existiam dois quando procurei para a minha filha, sabia que existia o Leixões e o Boavista, não sabia mais porque não há essa divulgação, não ajuda, não

facilita o encontro, é o principal problema da falta de divulgação". Por outro lado, a opinião do Pai 2 incide sobre o valor que o futebol feminino tem e não é mostrado devido a preconceitos e negócio, *"é influenciável, porque a comunicação social se divulgasse mais e penso que não divulga porque como tem poucos praticantes não vende tanto quanto isso, transmissões televisas, patrocínios, venda de jornais, há aquele preconceito que disse há pouco e a comunicação não aposta e o futebol feminino não chega às pessoas, não sabem o valor que a modalidade tem a nível feminino"*. Alfredo Silva explica que no seu entender *"a comunicação social no global diariamente utilizam um décimo de uma página para dizer apenas o fundamental. No futebol masculino aparecem as classificações da distrital que ninguém conhece, puramente amadores"*. Defende inclusive que só colocam um quadradinho para a classificação e que num jogo importante a cobertura é muito pequena. Contudo, apesar da sua opinião ser essa, reconhece que *"temos que pensar que não vende. Mas aqui a questão da comunicação social tem a ver com o vender e não vender, mas ao mesmo tempo vemos que o futebol feminino está a ter um desenvolvimento muito forte e grande e ao ver esse desenvolvimento, a imprensa teria que apanhar boleia do desenvolvimento que está a ter, se até aqui não fez nada, acho que devia estar a pensar em fazer mais, a imprensa não escrita faz muito pouco, há programas semanais nos quatro canais e nenhum deles sobre futebol feminino"*. Sente-se nitidamente que há uma vontade dos pais de ver o futebol feminino desenvolver para evoluir.

Por sua vez, os treinadores quando lhes foi colocada a questão sobre em que medida entendem que a pouca importância dada ao desporto feminino pela comunicação social (TV, jornais) é responsável pelo menor número de praticantes e menor apoio, todos os treinadores concordam com a afirmação dando pontos de vistas distintos. Para o Treinador W esta afirmação é verdade *"porque menos praticantes, menos apoios, as televisões e rádios não querem saber porque não têm lucro com isso, eles querem é lucro e com menos praticantes se calhar o espetáculo não vai ser tão bom, vão-se estar a prejudicar, na nossa sociedade ainda acontece muito"*. No mesmo sentido o Treinador Z explica que *"se pegar num copo dos 0 aos 100% para mim isso está nos 100%, no sentido de querer ver que a comunicação social controla o*

nosso país, ou seja, aquilo que o nosso país quer passar e o que interessa é que as empresas grandes que investem no futebol masculino que passem na televisão porque essas empresas dão dinheiro ao país. Tudo o que passa na comunicação social tem um interesse. E o futebol feminino não tem lugar neste momento para... a partir do momento em que o futebol feminino começar a ser um negócio, se calhar... a rtp2 por exemplo já se preocupou com o desporto escolar, mais nenhum canal se preocupa, mas quem é que vê a rtp2? Significativamente? Ninguém vê, o valor é pouco significativo, é muito baixo face aos 10 milhões da população portuguesa. Aliás, vamos aos jornais para procurar o resultado sobre a final da taça de Portugal e vinha uma coisa mínima e isso é mesmo inadmissível, está muito mal direccionado". Também o Treinador Y refere-se às transmissões televisivas como mais valia para o aparecimento de apoios e na sua promoção. Ainda o Treinador X salienta que "quanto maior for a divulgação de determinada modalidade desportiva, maior é a probabilidade de essa informação chegar a casa das pessoas, e consequentemente, maior é a probabilidade de a sociedade se começar a interessar mais por essa mesma modalidade. Veja-se o caso da "modalidade rainha" em Portugal (Futebol Masculino), que é também aquele que preenche maior nº de páginas de jornais e que ocupa mais tempo nos media". Daí que os treinadores apontam a comunicação social como responsável pela falta de apoios.

De seguida, importa também perceber se as raparigas, pais e treinadores estão a par do trabalho que está a ser feito em prol do futebol feminino. Questionamos todos os entrevistados sobre o conhecimento que têm do trabalho que tem sido feito pelas organizações para o crescimento e desenvolvimento do futebol feminino. A maioria das raparigas entrevistadas, 15 em 18 afirmam que não conhecem organizações que trabalhem em prol do futebol feminino; Curiosamente duas dessas raparigas tinham uma t-shirt do projeto o "Jogo das Raparigas" e uma delas, a Atleta P, quando questionei se conhecia o projeto da t-shirt que vestia disse que sim, por sua vez, a Atleta F não conhecia e elucidei-a sobre o projeto.

Quadro 31: Frequência de resposta à questão "Conheces o trabalho que tem sido feito pelas organizações para o crescimento e desenvolvimento do futebol feminino?"

Conheces o trabalho que tem sido feito pelas organizações para o crescimento e desenvolvimento do futebol feminino?	Raparigas
Têm tentado fazer tudo, que apareçam nos jornais, mais informação e isso	1
O Jogo das Raparigas? Sim conheço	1
Conheço a Mónica Jorge que está na federação, já vi a dizerem que querem fazer mais clubes femininos em pequenas localidades	1
Não	15

Relativamente aos pais, dos 11 entrevistados, a maioria, 7 pais, também não conhecem o trabalho que tem sido feito em prol do futebol feminino, tal como acontece com as filhas. Percebemos que há claramente pouca informação em relação a isso e os pais apenas um falou da Federação Portuguesa de Futebol; outro falou da treinadora que no clube tem desenvolvido um bom trabalho, por isso, e quando questionado sobre se conhecia o projeto do “Jogo das Raparigas” respondeu que não sabe e que *“isso passa-nos ao lado”* (Avô 1). Ainda uma mãe falou da televisão, facebook e da diretora do futebol feminino na federação, Mónica Jorge, que *“está a tentar implementar mais o futebol feminino”* (Mãe 4) . Por fim, a Pai 2 assume *“sinceramente quase nada, mas tento acompanhar ao nível da leitura de jornais desportivos e internet, o ano passado assistimos a final da Taça de Portugal na televisão e os clubes tentam fazer o melhor”*.

Quadro 32: Frequência de resposta à questão "Conhece o trabalho que tem sido feito pelas organizações para o crescimento e desenvolvimento do futebol feminino?"

Conhece o trabalho que tem sido feito pelas organizações para o crescimento e desenvolvimento do futebol feminino?	Pais
Federação Portuguesa de Futebol	1
Já se vai ouvindo falar, TV, internet, Mónica Jorge...	1
Quase nada, mas tento acompanhar	1
Não mas a treinadora no clube tem feito muito por isto	1
Não	7

As respostas à questão sobre o conhecimento que os treinadores têm do trabalho que tem sido feito pelas organizações para o crescimento e

desenvolvimento do futebol feminino, não permitem encontrar um sentimento unívoco dos treinadores. As respostas dispersam-se pelas diferentes possibilidades de conhecerem, conhecerem muito pouco e não conhecerem. O Treinador X afirma que conhece os projetos de desenvolvimento do futebol feminino apresentados pela FPF e respetivas associações, O Treinador Y fala da FPF e do seu clube, o Treinador W conhece muito pouco e o Treinador Z não conhece. O Treinador Y acrescenta que no seu ponto de vista *“a FPF apesar de procurar com a criação das seleções jovens desenvolver o futebol feminino, devia procurar uma maior proximidade com os clubes de forma a perceber os seus problemas e de alguma forma ajudar na procura de apoios e soluções financeiras para os clubes. O seu clube tem procurado promover e divulgar o futebol feminino principalmente através da Internet, que é a forma mais fácil hoje em dia de chegar às pessoas e ao público alvo. E no início do ano letivo, procura promover nas escolas a sua academia de futebol feminino, incentivando as raparigas a fazerem um treino de experimentação”*.

Por último, os treinadores foram confrontados com a questão “Qual o seu papel na relação escola/clube enquanto promotor da prática de futebol pelas raparigas?”. O Treinador W considera que o seu papel é *“tentar ensinar o pouco que sei e também aprendo com elas que vivi enquanto joguei, passar para elas, e acima de tudo que se divirtam, que evoluam e possam chegar o mais longe possível no futebol feminino e que o futebol feminino evolua e possa ser um dos desportos mais conhecidos em Portugal”*. O Treinador X diz que neste momento não tem um papel muito ativo na relação escola/clube, *“temos um departamento de formação devidamente organizado e estruturado para que esse relação, de facto, exista e que traga os melhores benefícios para ambos”*. O Treinador Z salienta que o seu papel é o de qualquer treinador, *“para além de promover o gosto pela prática, é dar-lhes condições e criar contextos para que elas possam evoluir nesta atividade tanto como jogadoras como pessoas, tem aqui jogadoras que acompanham muito o futebol, masculino e feminino, falam-me do Lyon e da Liga dos Campeões e que querem chegar lá, querem jogar e o meu papel é alimentar esse sonho e criar contexto para que seja possível e para melhorarem não só como jogadoras mas como pessoas, em tudo, o facto profissional, o jogar melhor vai-me trazer mais*

autoconfiança, vai-me criar laços com pessoas, e o futebol ajuda a criar laços é um meio de socialização para elas e para qualquer pessoa porque depende de humanos, da interação com outros humanos, ou seja acho que esse é um papel da treinador principalmente treinador da formação, se um dia for treinador sénior, esse lado da interação e do bem estar como pessoas tem que estar presente, seja nos escolinhas, seja nos séniores e isso tem que estar presente e isso é o meu papel, e criar condições para que elas tenham sucesso”. Para o Treinador Y, o seu papel “é através de colegas professores procurarem divulgar a oferta que o clube onde me encontro tem para as raparigas/alunas e se observarem que alguma tem mais capacidades para a prática da modalidade, falarem com ela e encaminha-la para o clube”. O Treinador é um modelo para as raparigas, tem capacidade de as influenciar e é fundamental no processo.

Categoria E – Motivos início tardio das Raparigas no Futebol

A categoria E é a categoria que procura dar resposta aos motivos pelos quais as raparigas iniciam o futebol tardiamente, com uma idade já avançada para aquilo que deveria ser a idade para o início da prática desportiva. Daí, esta categoria junta questões entre as quais: *“Há quem ache, que se as raparigas iniciam a prática de futebol aos 14, 15 anos o futebol feminino não consegue evoluir. O que pensas disto?”; “Há muita gente que pensa que o futebol é mais para os rapazes? O que achas disto?”; “O futebol é o desporto rei no nosso país. Achas que também o é quando falamos de futebol feminino? (No caso de a resposta ser não) Porquê?”; “Das jogadoras de futebol em Portugal só cerca de 10% são dos escalões até júnior. O que pensas sobre isto?”; “O teu clube acabava com a equipa. O que farias?”; “Estás satisfeita com a forma como estão organizadas as competições que fazes no futebol? Jogas contra rapazes? Preferias jogar só com raparigas?”*

Vera Paw (2011), ex-selecionadora sueca com um longo currículo em vários países no futebol feminino, referiu em Portugal no Seminário Internacional do projeto *Jogo das Raparigas* que: *“Um desporto cujas*

praticantes começam aos 14, 15 anos, não pode ser estruturado". Sobre esta temática foram questionadas as raparigas, os pais e os treinadores.

As raparigas foram questionadas com a seguinte questão. "Há quem ache, que se as raparigas iniciam a prática de futebol aos 14, 15 anos o futebol feminino não consegue evoluir. O que pensas disto?".

Quadro 33: Frequência de resposta à questão "Há quem ache, que se as raparigas iniciam a prática de futebol aos 14, 15 anos o futebol feminino não consegue evoluir. O que pensas disto?"

"Há quem ache, que se as raparigas iniciam a prática de futebol aos 14, 15 anos o futebol feminino não consegue evoluir. O que pensas disto?"	Raparigas
Pode evoluir	5
Não consegue evoluir	5
Devem começar mais cedo, já evoluía mais	2
Raparigas não gostam tanto de futebol	2
Futebol era um desporto de rapazes	1
Não há muita aposta no futebol feminino talvez por não acreditarem em nós	3

Esta questão foi talvez durante toda a entrevista a menos perceptível e clara com opiniões divergentes. Por um lado, as raparigas que pensam que o futebol feminino deste modo não consegue evoluir pois aprendem menos que os rapazes que começam mais cedo. Também acham que as raparigas não acreditam que possam ser um dia jogadoras profissionais e os rapazes têm mais facilidade em começar o futebol, mas que o futebol feminino já está em desenvolvimento, as raparigas já podem jogar nos infantis. Por sua vez, as raparigas que consideram que o futebol feminino desta forma consegue evoluir, falam da vontade e empenho. Talvez não tenham percebido a importância e o fundo da questão que é a problemática da iniciação tardia das raparigas no futebol e as condicionantes que isso trás ao futebol feminino português. Assim, as raparigas também reconhecem que não é igual, embora achem que se consegue evoluir, tem-se mais experiência se começar a jogar cedo, e ainda, que não se evoluiu tanto como as outras raparigas que começam mais cedo, mas também são capazes de muita coisa, o que nos mostra o reconhecimento e a importância de começar mais cedo para evoluir; contudo elas acham que assim se consegue evoluir embora não tão bem. Desta forma, há ainda

raparigas que não mostraram nem uma opinião nem outra em relação a evolução do futebol feminino nestes modos e falam de outros aspetos, *“nem todas as raparigas têm tanto gosto nisto como os rapazes, não gostam tanto... isto acontece porque, sei lá, são mais femininas do que masculinas e não gostam tanto de futebol”* (Atleta D), *“se calhar os pais não deixam... também porque são raparigas e se calhar gostam de outros desportos, ginástica e outras coisas”* (Atleta R), *“não há muita aposta no futebol feminino talvez por não acreditarem em nós, talvez a família ache estúpido as raparigas jogarem”* (Atleta G), *“apostam mais nos rapazes, porque os rapazes servem para aquilo e só os rapazes é que podem jogar, e também não há raparigas suficientes que queiram jogar futebol, então é essa tal diferença”* (Atleta N), *“se calhar nas raparigas, os pais não incentivam logo desde pequeninos, quando é rapaz já querem que sejam futebolistas profissionais”* (Atleta Q), *“acho que os rapazes já têm aquele habito de jogar futebol, porque o futebol no início era um desporto de rapazes e depois é que começaram a criar equipas femininas”* (Atleta P).

Por sua vez, os pais foram interrogados sobre qual a idade que pensam que uma criança devia iniciar a prática desportiva, a maior parte dos pais indica os 5, 6 anos como idade ideal para começar e essa resposta inclui futebol em todos os casos. O Avô 1 defende que a prática desportiva *“deve começar quando nasce, quando começa a andar, não é prática desportiva, talvez os primeiros ensinamentos, a maior parte dos pais não estão preparados para isso. Inclui tudo. Depois se é basquete ou futebol é a tendência de cada um”*. Os pais referem que devem começar *“desde que sinta vontade”* (Mãe 4), *“quando elas quiserem, 5 anos”* (Mãe 1), *“o quanto antes”* (Mãe 2), *“por volta dos 5, 6 anos”* (Mãe 5), *“a partir dos 6 anos”* (Pai 5), *“desde o momento em que ela consiga coordenar a parte motora com a parte psicológica será a altura ideal, embora eu não seja um especialista, mas 5, 6, 7 anos por aí”* (Pai 2), *“no momento em que fisicamente irá existir a maior desenvoltura física, antes da puberdade deverá fazê-lo e quando começar a sentir as responsabilidades que tem”* (Pai 4), *“desde os 6 anos, qualquer desporto, a minha filha era muito magrinha e não desenvolvia e também tem problemas de saúde mas depois de ir para o futebol ela começou a desenvolver muito mais, ficou muito diferente,*

fez-lhe bem o desporto” (Mãe 3). Portanto, é muito importante os pais sentirem a importância que o desporto tem na vida das filhas. O Pai 3 pensa que no feminino “devem começar aos 7,8 anos e no masculino aos 4, 5 anos. Para se ser uma boa jogadora deve começar aos 7,8 anos, em termos físico o rapaz é mais forte fisicamente então aguenta começar mais cedo a competição e talvez as miúdas começar mais tarde 1 ano ou 2 porque fisicamente não são tão fortes. A nível de futebol nessa idade, noutras modalidades não sei, o futebol requer bastante técnica e deve-se começar bem cedo para ser aprender as bases, desde pequenino é que se torce o pepino”. Por fim, o Pai 1 ainda faz referência ao desporto escolar, afirmando que se deve começar “o mais cedo possível, se podermos conciliar o início da vida escolar com o início da prática desportiva, seria ouro sobre azul, mas isso teríamos que ir por outros âmbitos do desporto escolar desde o início como se faz nos Estados Unidos, e aqui não, aqui é só a partir do 5º, 7º ano e mal mas isso era o ideal era a partir dos 6 anos, a partir da vida escolar”.

Os treinadores com outra formação a este nível têm uma perspetiva diferente e mais aprofundada sobre esta temática. Vera Paw (2011) referiu que *“um desporto cujas praticantes começam aos 14, 15 anos, não pode ser estruturado”*, sobre esta afirmação o Treinador W considera que sim que com trabalho pode, o Treinador X afirma que não seria tão radical, o Treinador Y concorda pois a falta de estrutura no futebol feminino é que não ajuda a evolução e para Treinador Z é fundamental o futebol vivido antes dessas idades. O Treinador W considera que pode evoluir *“com trabalho pode, se nós quisermos mesmo que ela evolua e se ela quiser também. Porque não? Pode ser difícil, é muito complicado, começar com essa idade é muito complicado mas se trabalharmos, eu comecei a jogar futebol federado aos 14, 15 anos, e aprendi e evolui”*, o Treinador X afirma que *“não seria tão radical, a verdade é que a grande maioria das atletas a jogar na 1ª Divisão em Portugal começou, na melhor das hipóteses, a praticar futebol por volta dessas idades, e não sou da opinião de que o futebol feminino em Portugal não seja estruturado. Contudo, percebo onde a ex-selecionadora quer chegar com essa afirmação, uma vez que se queremos elevar o nível competitivo das nossas atletas e consequentemente das nossas equipas e seleções é imperial que nos*

orientemos para a formação, particularmente para a necessidade de criarmos escalões mais novos e cativarmos as raparigas a partir dos 4/6 anos. Este seria o ideal a alcançar e acredito que estamos a dar passos sustentados e a seguir o caminho certo”. O Treinador Y concorda que “a falta de estrutura no futebol feminino é que não ajuda a evolução da modalidade e as jovens atletas a iniciarem-se mais cedo na sua prática. Espero que a criação de novas competições na formação ajudem a chamar mais praticantes para o futebol”. Por fim, na perspetiva do Treinador Z “tendencialmente as raparigas que começam a jogar aos 14, 15 anos não vêm com hábitos de baixo de jogar futebol de rua por exemplo, coisas que a rua ou o futebol de 7 e 5 nos dá, por ter menos relações, menos regras, por nos tornar jogadores mais autónomos porque tocamos mais vezes na bola, adquirimos maior prazer pelo jogo e se calhar é isso que ela quer dizer, com 14, 15 anos, pessoas que ainda não tiveram uma vivenciação com qualidade, vivenciar coisas importantes e logo a primeira vez que vão vivenciar é uma coisa muito complexa. Aquilo que eu acho que ela quer dizer é, o facto de ser estruturado por alguém que só vê a complexidade do jogo para ganhar e ter muitos resultados, se calhar nesse sentido não tem lógica, concordo com o que ela diz nesse ponto, não sei também não posso dar a resposta a 100% se concordo ou não porque não estive lá no seminário, mas apesar de eu defender muito a imprevisibilidade do jogo porque isso vai fazer com que sejamos seres com uma capacidade de adaptabilidade ainda maior, no fundo isso é o jogo, eu cresci a jogar na rua e nunca joguei num clube e vou jogar com amigos e não sou o melhor mas também não sou o pior. Quem rema pelo caminho que tudo é certo acho que está a ir contra aquilo que é a natureza da vida, isso é o que nos difere dos robots, adaptamo-nos às coisas. Acho que deve haver competição para elas, traz a realidade do jogo, há países como os Estados Unidos onde o futebol já é muito desenvolvido, nós estando numa equipa é como fazer parte de uma empresa onde se trabalha para determinados objetivos. Aos 14 ou 15 acho que já compensa ter um campeonato por exemplo, aos 5,6,7,8 anos haver torneios onde se defina o campeão, onde um dia és campeão onde noutro dia já não és, e onde se joga fim de semana a fim de semana, esse podia ser um grande problema, ou seja se a minha equipa é fraca e se o campeonato fosse contínuo

eu nunca podia ser campeão, agora o campeonato não tendo essa continuidade e ficando num torneio em último, noutro também, mas depois noutro já fiquei em terceiro, noutro em primeiro, e ao nível do prazer das miúdas por jogar, prazer do ser humano enquanto praticante de alguma coisa, eu preciso de ter um desafio e precisa de se envolver para evoluir ou seja eu acho que era isso que ela queria dizer, até porque no futebol feminino não há campeonato sub-11, etc, raramente há equipas. Dou-te um exemplo chegava agora aqui uma miúda de 12/13 anos que nunca jogou futebol, obviamente não lhe podia pedir coisas mas posso-te garantir que muitas das minhas melhores jogadoras, que têm 13/14 são craques, tenho uma miúda que tem 13 anos mas joga já desde os 7 anos, joga à 6. Será que essa miúda é só pela idade que devemos ter em conta o nível? É o problema de sermos um país tão pequeno”.

No entanto, há muita gente que pensa que o futebol é mais para os rapazes. Os desportos considerados femininos estão associados à feminilidade e os desportos mais violentos e de contacto são tidos como desportos com atribuição masculina. Na revisão da bibliografia, a análise das relações de género permite perceber que os papéis sociais, que são socialmente construídos, condicionam a participação das mulheres e dos homens no desporto. Daí que questionamos sobre o que acham desta questão, de considerarem o futebol mais para os rapazes.

As raparigas entrevistadas todas, excepto uma, concordam que as pessoas pensam que o futebol é mais para os rapazes, contudo cada uma tem uma opinião em relação a isso, “dá para rapazes como para raparigas, há raparigas que podem jogar tão bem como rapazes” (Atleta B), “as raparigas têm os mesmos direitos dos rapazes, “é para toda a gente, para quem gostar” (Atleta E), “os desportos tanto são para rapazes como para raparigas, então o ballet também seria só para raparigas e acho que isso não é correto” (Atleta F), “o futebol sempre foi um desporto para rapazes e desenvolve-se mais e essas coisas e talvez achem que as raparigas são só para arrumar a casa” (Atleta G), “o desporto é livre, todo o tipo de gente pode gostar e jogar” (Atleta I), “as raparigas também têm direito” (Atleta J), “Por isso é que dá futebol masculino e não feminino na televisão, as raparigas têm o mesmo direito a jogar futebol e

as vezes jogamos até melhor que os rapazes” (Atleta K), *“todos temos que ter as mesmas oportunidades, se somos todos iguais temos que ter as mesmas oportunidades, tanto os rapazes como as raparigas deviam poder seguir o ramo que querem seguir, neste caso o futebol”* (Atleta L), *“o futebol pode ser tanto para rapazes como para raparigas”* (Atleta M), *“as raparigas têm tanto direito como eles, como um rapaz também pode dançar não tem mal nenhum”* (Atleta N), *“antigamente quem jogava era só os homens e não as mulheres e agora que tudo mudou há pessoas que não aceitam”* (Atleta O), *“é um desporto que toda a gente pode jogar”* (Atleta P), *“aqui em Portugal os rapazes no futebol são mais importantes”* (Atleta Q), *“já há muito tempo só os rapazes é que jogam futebol, só agora é que as raparigas começaram a jogar e eles ainda acham que o futebol é só para rapazes”* (Atleta R). As entrevistadas incidem sobre a ideia que o futebol tanto pode ser para rapazes como para raparigas, tendo mesmo existido numa entrevista uma ocorrência curiosa. Quando a entrevistada Atleta D respondia a esta questão, dizendo que *“o futebol também dá para as meninas”* entrou num senhor do seu clube na sala e interrompeu, dizendo *“antes gosto de ver futebol de meninas do que meninos”*, o que mostra que as pessoas que estão no clube em questão apreciam o futebol feminino. Ainda a Atleta A tem a opinião curiosa, diferente de todas as outras entrevistadas, de que *“os rapazes são muitos melhores que as raparigas”*.

Por sua vez, os pais quando questionados se há muita gente que pensa que o futebol é para rapazes, não foram consensuais. Para alguns pais, não há muita gente a pensar que o futebol é para rapazes, o Avô 1 refere *“é um tabut que está ultrapassado”*, a Mãe 3 também considera que não *“tanto faz ser para rapaz como para rapariga, é o que a pessoa quer, é como ir para outro desporto qualquer”*, a Mãe 2 diz que *“não necessariamente”*. Todos os outros pais, 8 de 11 entrevistados concorda que há muita gente que pensa que o futebol é para rapazes mas acrescentam diversas ideias, *“o futebol é para todos e acho que temos que quebrar um bocadinho essa ideia que o futebol é para rapazes e não para raparigas, acho que até há muitas raparigas a jogar melhor que rapazes”* (Mãe 4), *“o futebol tanto é para meninas como para meninos”* (Mãe 1), *“também pensei isso, pensei, mas agora... Lá está, achava*

que era um desporto mais machista, mas agora acho que também temos boas jogadoras, mudei de opinião porque não conhecia o futebol feminino, praticamente nadinha” (Mãe 5), “as raparigas têm tantas competências como os rapazes, na técnica pode ter a mesma técnica que o rapaz, temos o exemplo da jogadora brasileira a Marta e outras, foi a melhor jogadora do mundo 5 vezes, está equivalente aos homens de técnica fisicamente é que não” (Pai 3), “temos que nos libertar de uma vez por todas que as mulheres podem fazer tudo o que os homens fazem e muitas vezes fazem com mais qualidade” (Pai 2), “já há aí um positivo maior nas raparigas... se somos todos humanos o apoio devia ser igual, devia ser mais um bocadinho do que aquilo que tem sido o apoio às raparigas” (Pai 5), “conotou-se durante muitos anos, um certo tipo de desportos, mais masculinos e mais femininos, lembro-me que há uns anos o hóquei em campo era impensável haver feminino e hoje tem uma perspectiva enorme. Com o futebol passa-se exatamente o mesmo. O Porquê de no futebol não haver prática a nível feminino. Porquê de noutros desportos não? Porque é que uma senhora não pode praticar boxe? Se praticam wrestling porque não boxe?” (Pai 1). Por fim, o Pai 4 confessa que “também achava (risos) que era mais para rapazes, mesmo porque há pouca divulgação do futebol feminino mas tenho visto o espírito futebolístico feminino muito aguerrido da mesma forma que o masculino o que também para mim é uma novidade. Acho que é verdade aquilo que me disse que é um desporto de homens, acho que se diz isso mesmo porque falha a publicidade e o marketing e o apoio dos media para poder catapultar a modalidade, está um bocado na sombra”.

No tocante à questão de muita gente pensar que o futebol é mais para os rapazes, os treinadores não foram unânimes. Há quem considere que não é verdade e que é uma ideia ultrapassada, porém há quem considere que é o que se pensa ainda. Para o Treinador W “não é verdade, é para quem tiver qualidade, quem tiver jeito, para quem quiser, é um desporto para todos”, também o Treinador Y pensa que “é uma ideia ultrapassada, que tem vindo a ser mudada. Quer pela mudança de mentalidades, quer pelo sucesso que as mulheres têm conseguido alcançar na modalidade”. Por outro lado, não concordando nem discordando, o Treinador X considera que “é uma ideia

legítima, tendo em conta o número de praticantes femininos e masculinos da modalidade. A adesão por parte dos jovens é incomparavelmente superior nos rapazes do que nas raparigas, o que faz com que essa seja uma ideia que ao longo das gerações se foi inserindo na sociedade. Apesar de eu ter outra opinião sobre isso, não posso criticar quem defende o contrário. Resta-me, a mim e a todos aqueles que estão por dentro da modalidade, trabalhar para que este tipo de mentalidades se vão modificando com o passar do tempo". Por último o Treinador Z concorda justificando que "culturalmente basta ir ao exemplo de qual o primeiro brinquedo de um rapaz e de uma rapariga, ou seja a partir do momento em que conseguem comunicar e já têm uma vivenciação maior, nos primeiros meses alguma coisa para eu manejar é igual para um rapaz e uma rapariga, depois quando chegam aos 3 anos se calhar o primeiro brinquedo para um rapaz e uma rapariga são coisas completamente diferentes e culturalmente o futebol está feito com rapazes e eu não tenho dúvida até porque já ouvi coisas muito feias, por exemplo "ai as meninas que jogam futebol são isto e aquilo" não têm nada que ser, se forem são, se não forem são, não interessa, não é isso que define o ser humano, realmente é isso. Dizem ai aquela rapariga só pode ser rapaz, não é, eu tenho a certeza que as minhas jogadoras são extremamente femininas e são femininas a jogar futebol e qual é o mal se não fossem, também não há problema nenhum, há esse tabu de facto, o futebol é feito para os rapazes e és mal tratada se calhar em muitos casos por seres rapariga, e não podes jogar futebol por seres rapariga, mas acho que as coisas vão mudar, estão a mudar".

Em Portugal, o futebol é o desporto rei. Daí perguntou-se às raparigas, pais e treinadores se acham que também o é quando falamos de futebol feminino e porquê. As raparigas, na sua maioria, considera que o futebol é o desporto rei no nosso país, porém não o é quando falamos de futebol feminino. Referem motivos entre os quais, *"por serem rapazes a jogar, tem mais impacto, acho que é por serem raparigas, subestimam as nossas capacidades"* (Atleta B), *"há essa diferenciação de rapazes e raparigas"* (Atleta F), *"vão aparecendo muitos mais jogos de rapazes que de raparigas e falam mais de masculino que de feminino"* (Atleta I), *"quase ninguém acha que o futebol feminino é assim uma coisa... que vá evoluir"* (Atleta J), *"as pessoas quando pensam em futebol,*

não pensam em futebol feminino pensam logo em futebol masculino. Também devia ser o futebol feminino desporto rei” (Atleta K), “vêm o futebol masculino, depois o futsal masculino, depois é que vem as outras modalidades e o futebol feminino” (Atleta L), “têm que estar todos as pessoas de acordo ou a maior parte das pessoas de acordo e isso não me parece que muita gente esteja” (Atleta M), “sempre que vemos a televisão não é na tvi nem isso que dá futebol feminino mas sim masculino” (Atleta R), “para o futuro poderá vir a ser” (Atleta Q), “na televisão nos canais de desporto vejo poucos jogos de futebol feminino, vejo mais vôlei” (Atleta P) e ainda a Atleta E acha que o desporto rei “é mais o ténis, porque é mais para raparigas”. Por outro lado, as raparigas que consideram que é o desporto rei, a Atleta G, até reconhece que “não é tanto, é mais o futebol masculino porque é aquele que dá na televisão, é aquele que toda a gente quer ver e apoiar”, também Atleta O pensa o mesmo “não tanto como o masculino, mas também é”.

Quadro 34: Frequência de resposta à questão "O futebol é o desporto rei no nosso país. Achas que também o é quando falamos de futebol feminino?"

O futebol é o desporto rei no nosso país. Achas que também o é quando falamos de futebol feminino?	Raparigas
Sim	5
Não sei	1
Não	10
Se apostarem	1

Tanto os pais como as filhas estão em uníssono pois consideram que o futebol é o desporto rei em Portugal mas não no feminino. Apresentam os seguintes motivos: “em termos de feminino acho que não há desporto rei nacional, não há” (Avô 1), “é sempre os rapazes, acho que noutros países o futebol feminino tem muito mais apoios, muito mais visto do que em Portugal” (Mãe 4), “vê-se perfeitamente, pelo menos o ano passado vi isso quando fui ver a final no Jamor estavam lá meia dúzia de gatos, passado uma semana aquilo estava cheio porque era masculino e aconteceu o mesmo esta semana, este ano” (Mãe 5), “não tem comparação, um jogador profissional de futebol masculino houvesse falar cá e feminino não se houve nada. Não há patrocínios não há nada” (Mãe 2), “tudo o que se fala de feminino é sempre aquele

fraquinho, quando se fala no masculino é enorme” (Pai 5), “não tem perspetivas de... o basquetebol tem muito mais impacto, o andebol, o futsal, o voleibol, todas essas em que os grandes estão sempre representados, todas essas têm muito mais representatividade que o futebol feminino” (Pai 1). Ainda Pai 4 refere que não faz ideia “não sei qual é o desporto feminino que é mais rei que o futebol ou não, se há algum desporto que tem mais afluência... talvez o voleibol tenha mais praticantes, mas não é o desporto rei, até porque há mais centros desportivos do que clubes de futebol, o que fomenta muitas modalidades amadoras, e os clubes não estão em igual número. Chamam desporto rei ao futebol porque é o que tem mais praticantes, no mundo feminino não deve existir a mesma conta da praticantes... é pelos números que se vê quem é rei ou não, o que envolve mais massas e adeptos, que no caso do feminino não é o futebol que faz esse movimento todo, deverá ser outro qualquer que eu não sei qual é, mas não me parece que seja o futebol”. Tal como referido na revisão da bibliografia, existem números de praticantes femininas e são mais de 6000 federadas. É um número até superior a muitas outras modalidades, ao contrário da noção que os pais, como este entrevistado, têm da modalidade. Por fim, os pais que consideram que o futebol feminino também é rei, defendem que “independentemente de não haver futebol profissional, a nível amador acho que é rei, há mais equipas a praticar futebol feminino amador, que andebol, basquetebol e futsal, existem centenas de clubes a nível amador” (Pai 3). Curiosamente este Pai tem alguma noção precisamente o contrário do anterior, o Pai 2 embora concordando que futebol feminino pode-se considerar desporto rei contraria com a sua justificação dizendo que “para já no feminino não é, acho que Portugal tem que começar a aproximar-se de outros países que têm o futebol feminino ao nível do masculino, França, Alemanha, Estados Unidos, etc. Em que apostam de facto e nós somos um país com alguns preconceitos sociais ainda e estamos a melhorar mas temos muito trabalho a fazer e o envolvimento de todos é importante”.

Quadro 35: Frequência de resposta à questão "O futebol é o desporto rei no nosso país. Acha que também o é quando falamos de futebol feminino?"

O futebol é o desporto rei no nosso país. Acha que também o é quando falamos de futebol feminino?	Pais
Sim	4
Não	6
Não faço ideia	1

No tocante a esta questão, todos os treinadores entrevistados consideram que o futebol é o desporto rei no nosso país, porém não é quando falamos de futebol feminino. Para o Treinador W, *“o futebol feminino ainda não está muito divulgado em Portugal, se perguntares a maior parte das pessoas não conhece o futebol feminino, nem sabe que existe. Posso dizer que há uns anos atrás não sabia que existia futebol feminino a nível nacional, não sabia”*. O Treinador X afirma inclusive que *“o desporto rei em Portugal é, sem dúvida o Futebol. Contudo, quando queremos aprofundar um pouco mais e ser mais específicos no que ao género diz respeito, temos de falar numa outra expressão, a “modalidade rainha”. Essa sem dúvida que é o Futebol Masculino, e que em nada tem a ver com a popularidade dada ao Futebol Feminino”*. O Treinador Y debruça-se nos números para justificar o porquê de não considerar o futebol feminino como desporto rei, *“não há um numero tão elevado e excessivo de praticantes comparando com outras modalidades, como acontece no masculino. O futebol em número de praticantes femininos está ainda longe de modalidades como voleibol, basquetebol ou andebol, mas parece nos últimos anos estar a diminuir essa diferença e espero eu que nos próximos possa pelo menos igualar”*. Nos escalões até júnior, o futebol claramente perde em números muito significativos face a estas modalidades, porém é no escalão júnior+sénior que o futebol tem mais praticantes que estas três modalidades referidas pelo Treinador Y. É um fato curioso, mas a grande luta é precisamente a formação de base, aumentar o número de praticantes e aí, o futebol feminino tem uma grande disparidade face às outras modalidades. O Treinador Z desconhece um pouco da realidade dizendo que *“há bastantes equipas de andebol feminino por exemplo, se calhar as mulheres não sei, culturalmente também procuram mais ginástica por exemplo, o ballet e outro tipo de atividades que envolvam um movimento do corpo humano mas não*

procuram tanto o futebol mas acredito que hajam bastantes praticantes, aqui no Norte cada vez há mais equipas, cada vez há mais gente a jogar, agora se é o desporto com mais praticantes não sei mesmo”.

O problema da iniciação das raparigas no futebol começa desde que a criança nasce, pois o acesso aos jogos e brincadeiras é estabelecido em função do género. A segregação do género no jogo infantil vai ser determinante na iniciação desportiva das raparigas no futebol. Para além disso, há aspetos relevantes para a formação desportiva: a família, os meios de comunicação social, o professor de educação física, o desporto escolar e a importância dada à formação como viabilidade económica assumem uma grande importância para a iniciação das raparigas no futebol. Porém, o futebol feminino é uma modalidade em expansão em Portugal, mas carece de apoios para que possa atingir um patamar mais elevado, tanto ao nível de participação, como da competitividade e da visibilidade (SJP, 2012). As competições para raparigas só existem para as sub-18; todas as outras mais novas têm que competir com rapazes porque não existe competição para elas.

Os números reveladores desta problemática, da tardia iniciação das raparigas no futebol, são de 10% de praticantes dos escalões até júnior e questionamos as mesmas, os pais e os treinadores sobre o que pensam disso. Três das entrevistadas afirmam que não sabem, para a Atleta B isso acontece por haver *“haver pouca distinção entre os escalões, ter-se 14 anos e já ir para as seniores e também pelo apoio às raparigas para jogarem”*, para a Atleta C é *“por não haver tantas raparigas a gostarem de futebol, então não se inscrevem em clubes para praticarem desporto, isto acontece porque elas acham que o futebol é para rapazes”*, a Atleta F justifica que *“há poucos clubes femininos perto e algumas não querem jogar com rapazes como eu comecei na escola”*, também a Atleta G identifica o mesmo problema, *“por falta de clubes e falta de escalões”* no futebol feminino. Em relação à falta de clubes e escalão isso também se reflete na localização, como há poucos clubes estão longe para muitas raparigas, tal como a Atleta L refere *“muitas raparigas jovens que querem jogar futebol, mas não têm um clube perto onde possam jogar e os pais não têm condições financeiras para levá-las para um clube”*. Numa outra

perspetiva, algumas raparigas identificam como motivos o gosto das raparigas por outros desportos pela educação que tiveram, *“também a culpa não é bem dos filhos, é mais das mães, que as mães têm a mania que as raparigas só podem dançar e assim coisas”* (Atleta J), *“não se interessam tanto, não ligam a futebol, devem ligar a outros desportos mais para raparigas”* (Atleta M), *“talvez as raparigas da minha idade não gostem tanto de jogar futebol”* (Atleta O), *“na minha idade as raparigas gostam mais de dançar e essas coisas e eu não, sou mais desportista, pelo menos na minha turma mais nenhuma rapariga pratica assim desporto”* (Atleta P), *“na minha idade não pensamos tanto no futebol, só aquelas que têm mesmo paixão por isto é que tentam pelo menos, e há muitas raparigas que são mais para as maquilhagens e essas coisas”* (Atleta N). Esta paixão referida pela entrevistada é abordada por muitas ao longo das entrevistas. Também o facto das raparigas passarem a séniores e aí já não serem os pais a decidir é um dos motivos apontados pelas raparigas, *“quando passam a seniores já não são os pais a decidir já são elas e assim podem fazer o que quiserem”* (Atleta Q), *“porque são mais velhas já podem escolher o que querem, as mais novas são os pais que mandam e decidem se vêm ou não”* (Atleta R). Também, por último, as entrevistadas apontam o facto das raparigas não iniciarem o futebol desde novas como um dos motivos, a Atleta K acha que *“descobrem o futebol mais tarde que mais cedo, normalmente as raparigas começam a brincar e não ficam muito tempo com os rapazes, na escola”* e a Atleta H acha por sua vez que é *“porque não querem, devem ter medo por serem pequenas e não conseguirem jogar bem”*.

Os pais aprofundaram um pouco mais esta problemática, também a dando como motivo, a maioria, o facto de haver poucas equipas e pouca divulgação dando como solução o investimento na formação, *“há poucas equipas, depois como não há expansão na comunicação social, depois chega a uma determinada fase e oh... talvez como a mulher se impôs no trabalho, falta impor-se no desporto”* (Avô 1), *“não está divulgado, ninguém investe nas miúdas, poucos são os clubes que têm feminino com estas idades”* (Mãe 2), *“penso que há pouca formação, começa por aí, e o facto de existir pouca formação é porque existem poucas instituições que apoiem e os próprios clubes, que podem gastar muito dinheiro em muitas coisas e se calhar não*

sabem que 1% desse orçamento podem ajudar muito a formação feminina, é uma grande lacuna, há clubes que não têm departamento feminino porque não há atletas que o exigem mas também não fazem o contrário, não publicitam para poder angariar, também têm uma quota-parte de culpa ou não têm interesse... e o problema de esses 10% é porque a formação é fraca, têm que investir na formação” (Pai 4), “é um problema de não apostar na formação, como se pode ter equipas séniores de qualidade se não se aposta na formação, o futebol feminino é assim, aposta-se pouco na formação e a qualidade a nível sénior ressent-se” (Pai 2), “penso que deveria haver mais projeção, se a comunicação social promovesse o futebol poderia haver quase tantos atletas como no masculino. Tem que haver mais formação, clubes a apostar com condições para haver uma formação de raiz e patrocinadores para patrocinar os clubes para o futebol ser mais promovido a nível nacional e internacional” (Pai 3), “não há grande apoio no futebol júnior, há mais nas séniores e acho que devia de haver mais apoio, devia haver muito mais, infantis, iniciadas e acho que isso está mal também nessa parte” (Pai 5), por fim Mãe 5 também assinala que os clubes não estão preparados para formar raparigas, “não há formação, lá está, os clubes também não estão preparados para receber as meninas, as juniores, ainda não estão preparados e não dão tanto valor”. A Mãe 4 foi a única entrevistada que assume que a culpa é também dos pais porque “não querem apoiar as filhas, se calhar nem sabem que as miúdas jogam bem e tudo, mas como não é um rapaz não apoiam, é preferível ir para o ballet, para o piano e deixar o resto”. Há ainda outras opiniões diferentes para a Mãe 1 “há crianças que não gostam de futebol e quem sabe mais velhitas é que começam a gostar”, a Mãe 3 aponta o problema financeiro, “o futebol feminino aqui em Portugal não se ganha nada, e gasta-se muito”, o Pai 1 espera que estes números na formação sejam aumentados brevemente “não tinha essa noção, é uma tendência que tem que ser invertida e creio que vai ser invertida rapidamente, três ou quatro anos e é invertida creio”. O problema maior para os pais é mesmo a falta de clubes devido ao pouco investimento que há na formação para o futebol feminino. Há a crença que essa tendência seja invertida, mas a comunicação social também podia dar um contributo importante.

Os treinadores também foram confrontados com este fato, que das jogadoras de futebol em Portugal só cerca de 10% são dos escalões até júnior, por um lado apontam este como um motivo para o futebol feminino ainda não ter evoluído por outro a culpa das organizações que gerem o futebol que têm responsabilidade nestes números. O Treinador W aponta que *“é esse o problema para o futebol feminino ainda não ter evoluído mais porque as raparigas chegam e muitas delas a primeira vez que jogam futebol é logo nas seniores e não tiveram aquele trabalho de base dos escalões de formação que deveriam ter, passando por vários escalões, iniciados, juniores, infantis e subindo, experiências novas, dificuldades de jogo maiores e menores”*. O Treinador X defende que existem dois principais culpados, *“por um lado, existem as Associações de Futebol que não apostam na criação de campeonatos juvenis, o que leva as atletas a procurarem outras modalidades onde possam competir com jogadoras do mesmo escalão etário. Por outro lado os próprios clubes não podem ficar isentos de culpas, uma vez que a aposta destes em escalões de formação é quase nula, e só ultimamente se tem vindo a observar uma tendência contrária”*. O Treinador Y salienta que *“já começam a aparecer atletas com idade inferior a começar no futebol, talvez por a mentalidade dos pais estar a mudar e de certa forma não bloquearem a vontade das filhas, bem como estarem a aparecer mais equipas femininas de formação, sendo possível já nesta próxima época criar um campeonato sub-15. Relativamente a idades dou o exemplo da minha equipa sub-13, que tinha atletas de 10, 11 e 12 anos”*. Por último o Treinador Z acha que *“é mais por necessidade do que por acharem que têm 14 anos têm que ir para o futebol sénior, há poucas jogadoras. Ao nível da aquisição motora, umas foram estimuladas e outras não foram estimuladas nesse sentido, se calhar é por isso que há tantas miúdas de 12,13,14 a jogarem nos escalões seniores porque há poucas praticantes, pela necessidade, também do ganhar, acho que do ponto de vista geral não é benéfico para o crescimento da miúda, para aquilo que ela vê num balneário sénior ou num balneário júnior. Uma miúda de 14 anos por muito boa que possa ser nunca vai ser a melhor jogadora da equipa, não vai, não tem maturidade para isso, nunca vivenciou coisas extra futebol que lhe permitam estar a um patamar psicológico, emocional, seja o que for, tão*

elevado como uma mulher. É por isso que os escalões são diferenciados, tenho pena que isso aconteça mas o que é facto é que acontece por necessidade, de certeza. É pena que isso aconteça, traz menos qualidade, menos competitividade, leva-te a estares nas séniores mais cedo. Acho que é mau". Segundo os treinadores entrevistados consideram que estes números são maus mas estão-se a inverter, o que é excelente para a iniciação e formação das raparigas no futebol.

Ora para perceber-se a fidelidade que as entrevistadas têm à modalidade, foi feita a questão hipotética que se o seu clube acabasse com a equipa o que fariam. Todas as raparigas responderam que iam para outro clube, mantendo-se na modalidade, querendo continuar a jogar futebol. Duas raparigas disseram que ficariam tristes, uma que continuava a amizade com as colegas e treinadores e que continuava a jogar noutro clube. A Atleta K curiosamente disse que ia pedir para ir para outra equipa, mas para ela era "um bocado impossível porque o Boavista é quase a única equipa feminina", tendo ela a impressão que há poucas equipas e reconhecendo que seria difícil mudar para outro clube na sua idade.

Os pais, bem como as raparigas, questionados sobre o que fariam se o clube onde as suas filhas jogam acabasse com o futebol feminino, todos dizem que elas iam continuar a jogar futebol, levavam-nas para outro, iam procurar um clube, o Pai 1 diz mesmo que *"ia observar as outras equipas e escolher uma, que na cidade do Porto tivesse futebol feminino e juntasse o útil ao agradável, uma equipa boa, com boas instalações e ia coloca-la noutra equipa sem dúvida nenhuma"*. Aqui, foi notório o interesse dos pais em dizer que as filhas iam continuar, que iam procurar clube porque é o que elas gostam, contudo queriam perceber porque o outro clube acabou, apenas um pai refere que talvez fosse para outro desporto, mas que era um bocado difícil porque ela gosta de futebol.

Entender a forma como as raparigas, os pais e os treinadores vêm as competições das raparigas é igualmente importante para percebermos se estes concordam com as competições onde estão inseridas e contra quem elas jogam, se rapazes, se raparigas. Daí, foi feita a questão se estariam satisfeitos

com a forma como estão organizadas as competições no futebol, se jogam contra rapazes e se preferiam jogar só com raparigas.

As raparigas entrevistadas estão todas satisfeitas com as competições que fazem no futebol feminino, apenas uma não respondeu porque nos diz que *“não jogo no campeonato porque ainda não tenho idade suficiente, mas vejo os jogos e gosto”* (Atleta P), o clube onde esta entrevistada se encontra apenas tem equipa sub-18, que para a sua idade 11 anos precisava de competir no escalão adequado à idade.

De todas as entrevistadas, 6 raparigas competem contra rapazes e as outras 12 competem contra raparigas, sendo que as 6 raparigas são do Boavista Futebol Clube e competem no escalão sub-13 que é masculino e as outras equipas competem no escalão sub-18 de futebol de 7 feminino que foi criado na época 2011/2012 pela Associação de Futebol do Porto.

Em relação às suas preferências, se preferem jogar contra rapazes ou raparigas, 12 entrevistadas afirmam preferir jogar contra raparigas justificando porque *“é diferente o desenvolvimento dos rapazes das raparigas”* (Atleta R), *“os rapazes são mais duros e nós temos que jogar contra rapazes, mas também contra raparigas, que há muitas que jogam tanto como rapazes”* (Atleta L), *“são mais fáceis de ganhar”* (Atleta A), por outro lado a Atleta N embora reconheça que goste de jogar contra raparigas considera que *“jogar contra rapazes é melhor, dá-nos uma formação melhor, para o nosso desenvolvimento no futebol”*. Assim, também há raparigas que embora prefiram jogar contra raparigas dizem que com rapazes também não há problema e que tanto faz, pois o que importa é participar e jogar. Três entrevistadas dizem que lhes é igual jogar contra rapazes ou raparigas referindo que *“podiam organizar mais jogos”* (Atleta E), *“acho que contra rapazes evoluímos mais sem dúvida”* (Atleta F), *“com rapazes evoluímos mais rápido e sabemos que jogamos bem contra eles e depois quando jogamos com meninas e já estamos ao nível delas”* (Atleta H), *“jogo contra rapazes e conseguimos ser melhores que eles. Seria mais fácil com raparigas”* (Atleta M). Por fim, a Atleta K prefere jogar com rapazes porque acha que é diferente na sua idade mas gostava de saber que existem outras equipas femininas sub-13 como a sua.

Quadro 36: Frequência de resposta à questão "Preferias jogar só contra raparigas?"

Preferias jogar só contra raparigas?	Raparigas
Prefiro jogar contra raparigas	13
É igual	3
Desde que joguemos	1
Prefiro jogar contra rapazes	1

Por sua vez, os pais não estão todos satisfeitos com as competições em que as suas filhas participam. De todos os pais entrevistados oito estão satisfeitos e alguns até muito satisfeitos com as competições, dois pais estão e outro pai, o Avô 1, não está satisfeito pois não entende porque se faz futebol de 7 e não de 11. Outros dos pais referem que estão e não estão porque para o Pai 1 *“a minha filha tem 13 anos e está no escalão sub-15 e neste momento para poder ter competição, o Boavista, e bem, inscreveu a equipa de sub-15 no campeonato de futebol sub-18 e tenho pena que não haja um escalão da idade delas para que o número de vitórias seja maior e para que elas se fortaleçam. Nós, os pais, por acaso, temos que ter o cuidado muito grande de as sensibilizar que estão a aprender”*. Já o Pai 4 referiu que *“não fico de forma alguma satisfeito mas por outro lado pode ser bom se a formação do Boavista também for boa, porque se tiver elementos com 13 anos ao ritmo que competem os rapazes, que está mais avançado, inclusive nos jogos sub-15 entre raparigas é mais lento que a formação de sub-13 raparigas contra rapazes... se for bem aproveitado, desde os sub-13 ao ritmo que estão a jogar vai tirar muitos dividendos no futuro”*. Os outros 8 pais entrevistados estão satisfeitos.

Por outro lado, quando lhes foi perguntado se preferiam que as suas filhas jogassem contra raparigas, 6 dos 11 pais entrevistados preferem que as suas filhas joguem contra raparigas, justificando-se que *“jogar contra raparigas é o normal, tudo o que seja contra natura”* (Avô 1), *“preferir prefiro mas nota-se que quando elas jogam contra rapazes talvez ganhem mais resistência física é diferente, acho que é mais compatível entre elas jogar contra raparigas”* (Mãe 4), *“prefiro embora quando jogam com rapazes elas conseguiam desenvolver mais”* (Mãe 5), *“agora que ela está a crescer mais prefiro que jogue com raparigas, os clubes mistos não têm condições para raparigas, embora tenham*

raparigas não têm condições nomeadamente balneário e não estão despertos para outras coisas que é diferente dos meninos” (Mãe 2),” preferia que jogassem contra raparigas, no entanto jogar com rapazes é bom porque daqui a 2, 3 anos vai-se notar a diferença quando jogarem meninas contra meninas” (Pai 3), Curiosamente, quase todos estes pais que preferem que as suas filhas joguem contra raparigas dizem que jogar contra rapazes é bom para a sua evolução. Nesta perspetiva, há pais que defendem que é bom jogar contra rapazes e contra raparigas também, “acho que devem ter a prática de jogar tanto com rapazes como raparigas” (Pai 5). Por fim, o Pai 2 prefere que a sua filha jogue com rapazes pois vai favorecer o seu crescimento e diz-nos que para ele “há prós e contras como tudo mas penso que é favorável que aumenta a capacidade competitiva. Tinha que aceitar embora raparigas tenham que jogar contra raparigas é a logica de qualquer desporto mas também reconheço que não havendo essa hipótese com rapazes vai favorecer o seu crescimento a todos os níveis”.

Quadro 37: Frequência de resposta à questão "Prefere que a sua filha jogue só contra raparigas?"

Prefere que a sua filha jogue só contra raparigas?	Pais
Prefiro contra raparigas	7
Tanto pode jogar contra rapazes como contra raparigas	2
Com raparigas é diferente, os jogos e tudo é diferente	1
Com rapazes é favorável nestas idades (sub-13)	1

Em relação às competições em que estão inseridos com as suas equipas, todos os treinadores se mostraram satisfeitos com as mesmas. Os treinadores reconhecem que preferem que elas joguem contra raparigas tal como os pais, mas consideram que é importante para a sua evolução. O Treinador X, que treina equipa sub-18 que joga contra raparigas salientou que *“Apesar de existirem sempre aspetos a melhorar, a verdade é que a Associação de Futebol onde o meu clube está inserido (AFP) é das Associações que mais investe e que melhor trabalha no que ao Futebol Feminino diz respeito”*. Por sua vez, o Treinador W que treina igualmente equipa sub-18 e que joga contra raparigas acha que *“é melhor para elas, mas*

se jogassem com rapazes poderiam evoluir muito mais, há gente aí que metiam alguns rapazes num bolso, de qualquer forma acho que evoluíam muito mais. Porque não jogar com rapazes, acho que seria muito bom para elas, para poderem evoluir”. O Treinador Z que também treina uma equipa sub-18 está muito satisfeito porque “muitas delas estão a começar a vivenciar aquilo que é o futebol agora, o fato delas terem mais protagonismo, tocarem mais vezes na bola, permite que elas estejam mais envolvidas e permite que elas cresçam melhores mais rápido e de uma forma mais sustentada, por isso estou contente com o futebol de 7. Já tive muitos amigáveis contra rapazes, por aquilo que jogar contra rapazes nos pode dar, mais velhos dificilmente joga, são rapazes têm outras coisas, já ganhamos, já perdemos e isso ajuda-as a crescer e os rapazes culturalmente já jogam futebol desde os 5 anos, têm outro tipo de vivenciações e é bom para elas, enquanto o calendário competitivo oficial deve ser a partir desta idade só contra raparigas. Sub-11, sub-12, sub-13 misto porque não? Mas a partir daí com raparigas até porque elas se vão sentir mais importantes assim”. Por fim, o Treinador Y, que é o único treinador com uma equipa sub-13 exclusivamente feminina que joga no campeonato contra equipas de rapazes considera que a competição contra os rapazes “foi positiva no processo de aprendizagem delas, apesar da diferença de idades, da diferença física e de anos de competição ser totalmente inferior às outras equipas. Elas demonstraram que é possível vencer rapazes, onde alcançaram resultados bastante positivos e com bom futebol, conseguindo ter e manter a posse bastante tempo contra equipas masculinas. Aspeto negativo foi defrontar equipas bastante superiores, como Porto e equipas Dragon Force, em que elas nada conseguiam fazer e pouco tinham a bola. Faltou também mais competição com equipas femininas, onde foi só possível no final da época com um torneio da associação, que terminamos como vencedores. Apesar disto, tiro bastantes pontos positivos de ter defrontado equipas masculinas”.

Em suma, percebeu-se que apesar dos pais preferirem na sua maioria que as suas filhas joguem contra raparigas, reconhecem que jogar contra rapazes é fundamental para o seu crescimento tal como os treinadores que defendem que é um grande contributo para a sua evolução.

Categoria F – Perspetivas no Futebol Feminino

Uma vez que o futebol feminino está em evolução em Portugal neste capítulo pretendia-se perceber as perspetivas dos entrevistados para o futuro do futebol feminino. Nesta categoria procura-se perceber a expectativa dos entrevistados face a duas questões. Para as raparigas uma que é “Até quando queres jogar futebol? De que forma é que os teus pais te influenciam para continuares a jogar futebol?” e a outra fundamental para o capítulo que é “o que poderá vir a ser o futebol feminino em Portugal?”.

Para as raparigas, pretendemos saber a perspetiva de futuro, daí até quando querem jogar. As respostas incidiram muito sobre até sempre, até quando puder e até ser adultas e séniores.

Quadro 38: Frequência de resposta à questão “Até quando queres jogar futebol?”

Até quando queres jogar futebol?	Raparigas
Até ser adulta	1
Até quando puder	5
Até aos 30 anos	1
Até aos 40 anos	1
Até sempre	2
Até quando a saúde permitir	2
Até às séniores	1
Até ao meu clube terminar	1
Até... muito tempo	1
Não sei	2

A forma como a família influencia as raparigas a continuar a jogar futebol após iniciarem a prática é igualmente fundamental como o início da mesma. Daí que perguntamos às entrevistadas “*De que forma é que os teus pais te influenciam para continuares a jogar futebol?*”. As raparigas contam coisas diferentes em relação à influencia dos pais tal como podemos perceber com o que elas dizem dos pais que “*vão influenciar*” (Atleta A), “*não influenciam se eu jogo futebol eles concordam com isso mas não gostam muito de futebol*” (Atleta C), “*eles deixam fazer o que eu quiser*” (Atleta D), “*dizem que tenho que*

aprender muito bem inglês, para ir para a América, porque lá apoiam mais o futebol” (Atleta E), *“ajudam-me em tudo e apoiam-me em tudo e tudo o que eu faço eles têm orgulho nisso”* (Atleta F), *“o meu pai apoia muito sempre, diz sempre para continuar, agora a minha mãe já é mais do contra”* (Atleta G), *“dizem para descansar para os jogos e para mostrar que sei jogar”* (Atleta H), *“é isto que eu gosto, eles incentivam-me para fazer o que gosto”* (Atleta I), *“o meu pai influencia, agora a minha mãe só depende das notas”* (Atleta J), *“as vezes quando não me apetece vir aos treinos, eles dizem pá eu ir, e afinal eu ia arrepender-me se não tivesse vindo”* (Atleta K), *“trazem-me aos treinos, apoiam-me, dizem-me que podias ter feito melhor, mas aprendes com os erros, gostam que eu jogue”* (Atleta L), *“eles dizem que se eu gosto para continuar”* (Atleta M), *“as vezes não querem que eu vá porque pensam que me posso lesionar e isso mas de resto eles apoiam em tudo”* (Atleta Q), *“para incentivar só se for o meu pai para dar ajudas”* (Atleta R). Deste modo, podemos entender que nenhuma rapariga diz que os pais não incentivam a continuar, há algumas que dizem que os pais incentivam, outras que os pais não influenciam e concordam com o desporto que elas gostam.

Daí, vamos perceber o que os pais por sua vez acham, se querem que as suas filhas continuem a jogar, até quando pensam que elas o farão e se terão o seu apoio para continuar a jogar. Quando questionados se *“quer que a sua filha continue a jogar? Até quando ela o fará e se terá o seu apoio para continuar a jogar?”*. Os pais na sua maioria respondem que até quando a sua filha quiser vai jogar, o Avô 1 diz que *“depois dos 18 ela é que sabe e se for bom terá o meu apoio”*, por sua vez as mães 4, 1 e 3 disseram-nos que até quando ela quiser apoiam, que elas é que escolhem. Mãe 5 refere que é *“até ela querer. Dou mas também tem que ter a cabeça noutra sitio mas não é só no futebol, porque ela neste ano só viveu para o futebol, ela e eu”*, Mãe 2 diz que não faz a mínima ideia até quando ela vai jogar mas também quer que continue e com o seu apoio. Já o Pai 3 também quer que a sua filha jogue até quando quiser e que *“terá o meu apoio, só se não tiver possibilidades para tal, de não vir aos treinos é que não apoio”*, também Pai 4 refere que *“se ela conseguir conciliar os estudos com o desporto de maneira a não roubar tempo que pode precisar nos estudos, eu apoio até onde puder e ela quiser”*. O Pai 2

diz também que quer que a sua filha jogue que será até quando ela quiser e apoiará sempre e por fim o Pai 1 diz-nos *“sempre, sou pai e sou suspeito mas eu creio que a minha filha vai ser alguém no futebol feminino, estou convencido, terá o meu apoio incondicional”*. Tal como as raparigas, todos os pais entrevistados respondem que querem que as suas filhas continuem a jogar, que elas irão jogar até quando quiserem ou não sabem e que terão o apoio dos pais para continuar, o que é muito positivo tal como sabemos para o crescimento do futebol feminino firme com o apoio dos pais.

Conforme foi abordado na revisão da bibliografia, o papel que o futebol feminino tem atualmente está muito aquém daquilo que pode ser e do que é noutros países. Portanto, pretende-se perceber as expectativas das raparigas em relação ao futuro do futebol feminino, a questão foi *“o que poderá vir a ser o futebol feminino em Portugal?”* e é fundamental perceber a perspetiva de cada uma. O futebol feminino em Portugal para as entrevistadas poderá vir a ter mais jogadoras, haver igualdade, mais pessoas a gostar de futebol feminino, mais visibilidade e a maioria acha mesmo que poderá vir a ser como ao futebol masculino, havendo outra que acha que nunca será como ao masculino. Atleta E apela à igualdade no futebol *“gostava que tratassem o futebol feminino e o futebol masculino por igual”*, a Atleta A acha que vai haver mais jogadoras *“sermos mais a jogar”*. Por outro lado, Atleta C acha que vai haver mais jogadoras a jogar *“poderá vir a ser maior, pode ter mais pessoas a gostar de futebol feminino e pode-se tornar numa equipa maior”*. A maioria acha que talvez possa vir a ser como no futebol masculino, *“pode vir a ser o desporto rei como no masculino e mais adeptos para o feminino”* (Atleta Q), *“acho que se as pessoas continuarem a investir no futebol feminino acho que vai-se tornar tão bom como o futebol masculino”* (Atleta P), *“pode vir a ser tão importante como o futebol masculino, pode dar uma reviravolta e começarem a passar mais jogos de futebol feminino na televisão para as pessoas verem”* (Atleta K), *“acho que se começar a haver mais raparigas o futebol feminino poderá evoluir e ser como o dos rapazes, mas é preciso evoluir muito... Pode vir a evoluir muito ou então até parar de existir isso depois não se sabe. Eu acho que vai continuar e cada vez evoluir mais”* (Atleta J), *“se gostam realmente do que fazem e que gostam de futebol deviam mostrar isso às pessoas e não era só os rapazes*

que podem fazer o que querem, que não é justo. Pode vir a aparecer como no futebol masculino nas televisões, eu tenho esperança nisso” (Atleta I), “acho que como ao futebol masculino com os tempos vai melhorar, talvez um dia seja como aos rapazes” (Atleta F), “se houver mais aposta no futebol feminino talvez consiga chegar ao nível do futebol masculino e provar que também conseguimos ser bons como eles” (Atleta O), “acho que vai ser mais falado o futebol feminino como o futebol masculino e acho que vai conseguir ser melhor” (Atleta M), “poderá ser bom pode dar como ao masculino, mas não sei” (Atleta D), “poderá vir a ser igual ao masculino, nas grandes competições. Estar sempre a dar nas televisões, porque as raparigas nunca dão na televisão e ficar ao nível” (Atleta H). Para além disso, as raparigas tocam também nas questões da visibilidade como o futuro para o futebol feminino dizendo que “pode mudar, pode passar a haver jogos em direto na televisão, haver mais notícias sobre isso e começarem a entrar nas competições europeia” (Atleta B), “talvez se continuar a evoluir como está, pode ser tão apreciado como masculino e haverá mais possibilidades de as raparigas de Portugal jogarem fora para serem mais conhecidas e o futebol feminino ser mais conhecido no mundo” (Atleta O), “se continuar a crescer acho que pode vir a ser melhor, começarmos a ser mais valorizadas, mais conhecidas” (Atleta N). Por sua vez, Atleta L acha que nunca vai chegar a ser como ao futebol masculino “acho que vai evoluir mas nunca vai chegar a ser o que é o futebol masculino”. Por fim, a Atleta R considera que vai evoluir, “acho que vai ser melhor, cada vez há mais coisas a falar no futebol feminino não é como antigamente”.

Já os pais, têm outra perspetiva em relação ao futuro do futebol feminino. Para eles, Portugal pode vir a ser uma potência no futebol feminino, *tão visto como o masculino*, evoluir a sua formação, ter *maior visibilidade*, ser a *modalidade mais jogada em Portugal masculino e feminino*. Pode ter uma maior valorização do futebol feminino, porém há pais que consideram que se continuar assim, não se vê evolução porque apostam mais no masculino. Muitas jogadora gostariam de chegar ao nível dos rapazes e, por fim, que vai evoluir porque tem pés para andar.

Portanto, Avô 1 acredita que o futebol feminino vai evoluir, “o futebol feminino vai ser como ao país, se a gente não puser a cabeça no sítio, isto rebenta. Podia-se trabalhar melhor mas não se está a trabalhar mal, já há bastantes equipas de futebol feminino e fiquei admirado. As miúdas vêm porque gostam, se é pelado se é relvado, se tomam banho se não tomam, se está sol, se está a chover, elas vêm na mesma por isso o futebol feminino tem pés para andar”, a Mãe 1 acha que vai ter mais jogadoras “que hajam muitas meninas a jogarem é o principal”. Doutro ponto de vista a Mãe 5 irá haver mais valorização do futebol feminino, “espero que seja, sei lá, mais competitivo, e que deem mais valor às raparigas e que divulguem mais para haver mais raparigas a aderir a isto, ao futebol, porque há poucas raparigas... e os pais também acho que não deixam as raparigas jogar futebol porque elas são raparigas, os pais não deixam e se fosse um rapaz deixavam... ainda está muito em voga o machismo, rapazes tudo bem mas raparigas querem que elas vão para outras coisas”. Por sua vez, o Pai 3 tem a crença que “poderá vir a ser a modalidade mais jogada em Portugal tanto a nível masculino como feminino e se for mais promovida pela comunicação social ainda pode ter mais projeção. Daqui a 20, 30 anos penso que vai haver muitas equipas profissionais de futebol feminino e a nível internacional vamos ter mais vezes a seleção nacional nos campeonatos da europa e no mundial. Cá dentro, a nível interno, nacional, penso que está a progredir, falta é bastante o apoio da comunicação social para ser mais promovido”. O Pai 4 fala sobretudo na maior visibilidade que pode ter dizendo que “poderá muito sinceramente há uma coisa que pode beneficiar o futebol feminino, que é a comunicação social com a falta de matéria. Há uns anos atrás havia modalidades que não eram sequer referenciadas pela comunicação social porque não tinham espaço, hoje já não é assim. Há muitos media, há muitos canais televisivos, inclusive de jornais desportivos, existem as redes sociais, portanto a falta de conteúdo e a fuga para a repetição do mesmo conteúdo poderá beneficiar quem vai buscar informação alternativa, o que é uma falha, há pouca informação de futebol feminino, há informação sobre o futebol feminino do Boavista porque é o Boavista. Com a informação massiva e a procura de novos conteúdos pode beneficiar o futebol feminino, nos próximos 10 anos poderá crescer 5 vezes

mais. Crescer na divulgação, mais informação sobre o que existe, as competições que existem, acesso mais fácil a essa informação, mais atletas, mais interesse e mais investimento”. Segundo o Pai 2, o que poderá evoluir brevemente é a formação fundamental para a iniciação das raparigas no futebol, *“como qualquer coisa na vida pode ser aquilo que as pessoas quiserem que seja, se se esforçarem, se apostarem nas jovens ou seja construir a casa pela base e não pelo telhado, a maior parte dos erros é esse, e depois de construir uma boa base de formação e tentar conseguir alcançar títulos e formar boas jogadoras”*. O futebol para o Pai 5 vai ser tão visto como o masculino, *“achava que devia de ser como o futebol masculino, devia de haver mais fama, jogadoras com fama, e as equipas subirem como os grandes clubes, devia de haver mas não há infelizmente. Se nos tivermos melhores apoios e mais incentivo acho que o feminino devia de ser visto tão bem como o masculino”*. O Pai 1 acredita que Portugal será uma potência no futebol feminino *“é subjetivo, as coisas podem vir a ser sempre aquilo que nós quisermos, o que as pessoas quiserem. Partindo do princípio que os apoios que existem se mantiverem apenas esses, não sairá daqui, se os apoios começarem a ser um bocadinho mais e a olharem para o futebol feminino com outros olhos, eu creio que Portugal poderá vir a ser um nome importante no futebol feminino mundial. Tem muito muito para a andar, estou convencido que vamos vir a ser uma potência no futebol feminino, perfeitamente”*. Duas mães consideram que se o futebol feminino continuar assim não se vê evolução, *“acho que não vai ser nada, acho que apostam mais no masculino que no feminino, até pode ser que não mas para já, acho que não”* (Mãe 3), *“não sei, se continuar assim não se vê... não faço a mínima ideia”* (Mãe 2). O Pai 1 acrescentou *“queria deixar um pequeno aparte que tem a ver com o futebol feminino no geral e com as seniores, em termos de seleção nacional, mas não trabalhe, não tenha um emprego, porque se tiver um emprego e sendo uma atleta sénior não é considerado alta competição e o seu patrão não autoriza que vá aos treinos, aos estágios e aos torneios, não autoriza, tão pouco a federação exerce qualquer tipo de... não é considerada uma atleta de alta competição, errado porque sendo sénior, estando a representar a seleção nacional, não estamos a jogar a sueca, estamos a jogar futebol, a representar*

um país, tem que ser considerada atleta de alta competição, as empresas têm que ter os meios para libertar os atletas. Como sabe já sucedeu, quando estávamos a jogar um acesso para o campeonato da europa que uma das principais jogadoras nacionais não pode ir porque o patrão não dispensou, não queria ficar sem emprego não foi. Isto não cabe na cabeça de ninguém, isto são as mentalidades que têm que mudar, e a alta competição no futebol feminino tem que acontecer primeiro". Ainda o Avô 1 acrescentou "só quero realçar realmente que é altura das pessoas aumentarem a sua visão e tirarem alguns preconceitos que existem e ao nível do desporto Portugal é um país com tradições no desporto, com bons atletas a vários níveis e a nível feminino nota-se que ainda há barreiras a ultrapassar e quem está no futebol feminino tem que trabalhar duplamente, o dobro dos outros, para mostrar que há pessoas competentes e com valor e se calhar que merecem ser estrelas como muitos jogadores de outras modalidades". Por fim, a Mãe 4, que confessou que a sua filha estava a cumprir o seu sonho de jogar futebol, disse ainda que "o futebol feminino precisava de mais apoios, de mais condições, porque as condições são muito más. As vezes não há balneários suficientes para tomar banho e elas vão a transpirar para casa, é uma coisa... No meu tempo, quando jogava à bola ninguém saía do treino sem tomar banho, a água era fria mas toda a gente tinha que ir para a água. Se tiver dias frios faz falta, ficam com gripe, doentes, elas estão em fase de crescimento. Isso tem influência, as condições deviam ser melhoradas para as miúdas e estamos cá nós, as pessoas, para substituir o apoio do clube. Não dão apoio, não pagam nada, o que é que o clube tem representado? Zero, nem despesa médica, nada". A Mãe 4 gostava que chegasse ao nível dos rapazes, "gostava que chegasse ao nível dos rapazes. Não sei, sou franca, é como lhe digo eu gostava que chegasse ao nível dos homens mas vai ter que se trabalhar muito e são muitos anos de trabalho mas acho que as meninas merecem". A Mãe 4 tem a afirmação mais bonita, emocionada e curiosa dizendo que "também já foi o meu sonho ser jogadora e não consegui, agora que seja a minha filha". Daí que é muito importante para todas as raparigas desta geração e das futuras que lhes deem condições para iniciar a prática do futebol para que no futuro todas façam aquilo que sempre quiseram e amam fazer. Curiosamente nenhum dos

pais referiu como as filhas atingiram o nível dos rapazes, pois a noção que os pais têm das coisas é bem diferente das raparigas.

Por fim, os treinadores, quando questionados sobre o que poderá vir a ser o futebol feminino em Portugal, têm boas perspetivas. Para o Treinador W, *“daqui a alguns bons, bons anos, acho que o futebol feminino com apoios, com gente que queira mesmo trabalhar para estas raparigas que têm muita vontade e que jogam muito bem à bola, acho que pode chegar a um patamar de uma divisão sénior masculina, não digo uma primeira divisão, um Porto, um Benfica, não digo isso, mas uma equipa de uma segunda divisão media, o futebol feminino pode fazer isso, pode levar gente aos estádios, pode fazer algum dinheiro com isso também”*. O Treinador X salienta que *“não tenho dúvidas de que se o Futebol Feminino continuar a evoluir como nos últimos anos, tem tudo para a médio prazo vir a ser das modalidades desportivas mais faladas e praticadas em Portugal. Para que tal seja viável, é necessário que os intervenientes (dirigentes, treinadores, associações, federações, atletas, pais) continuem a trabalhar com um único objetivo em comum, que é o crescimento sustentável da modalidade”*. O Treinador Z considera que *“é uma coisa muito imprevisível, acredito que esteja a crescer, e as pessoas dizem ‘ah o futebol feminino está a crescer’ mas se calhar é muito de boca a boca. Eu apanhei o futebol feminino este ano e não sei o que é que cresceu este ano, não tenho ponto de comparação, admito a ignorância, acredito que o facto de ser futebol de ser um fenómeno com grande impacto social e cultural, lá está, tem pernas para crescer porque é futebol, futebol é futebol, agora mais uma vez citando o Professor Vítor Frade, primeiro vai-se estranhar, alguém tem que arriscar e eu acredito nisso e sei que há pessoas dispostas a isso, mas provavelmente depois vai-se entranhar... é muito difícil dizer que vai acontecer, vai-se fazer, que vai ter lugar de destaque não sei, espero que sim, sinceramente depois da experiência que estou a ter e depois de conhecer estas miúdas espero que sim, que seja valorizado, não sei se vai ser ou não”*. Por fim, o Treinador Y acredita que *“com um maior apoio e organização o futebol feminino em Portugal tem muito por onde desenvolver. Mas conseguimos ver melhorias, principalmente na formação com a criação de mais competições, permitindo a mais atletas jogarem e evoluírem ao longo dos anos de forma a mais tarde*

chegarem ao plantel sénior. Mas a criação de competições não chega se a Federação não ajudar os clubes na procura de apoio e financiamento, apesar de haver mais clubes a criarem equipas femininas, também há equipas a terminarem por falta de verbas". Este treinador reconhece que é na formação que há muito para desenvolver, sendo fundamentais os apoios das organizações para impulsionar a formação no futebol feminino.

5. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Este estudo surge pelo facto do futebol feminino em Portugal estar em crescimento e desenvolvimento. A iniciação das raparigas no futebol faz-se muito tardiamente por isso as perspetivas dos seus intervenientes são fundamentais para perceber a realidade do futebol feminino atualmente; são eles as raparigas, os pais e os treinadores.

Em relação à importância do futebol nas suas vidas, as raparigas apontaram como motivos para começar a jogar, o amor pelo futebol, o gosto pela modalidade, o fato de jogarem desde pequenas, o sonho, o incentivo de amigas e a influência familiar. Os pais, maioritariamente, gostam de futebol, é notório em alguns deles a presença de estereótipos de género, contudo aceitam que as filhas joguem. Os treinadores têm uma ligação forte com o futebol, vêem-no como futuro profissional. Este resultado é consistente com o encontrado no trabalho realizado com treinadores, que indica a importância e responsabilidade que o treinador manifesta, e que está intimamente associada à profissionalização do desporto (Araújo, 1997, cit por Duarte 2009); por outro lado, independentemente de se tratar das jogadoras, dos treinadores ou dos pais, as falas revelam paixão pelo futebol. Segundo (Bento, 2004) *“sem o desporto, o envolvimento cultural dos homens empobrece, torna-se descarnado e ressequido de emoções e paixões”*.

A oferta desportiva para as raparigas, fundamentalmente no que se refere à oferta e iniciação no futebol é escassa. A competição apenas existe nas sub-18 e seniores. Até atingirem aqueles escalões podem jogar contra os rapazes até aos 13 anos. A maioria das raparigas e pais refere que os clubes são longe da sua residência, mas mesmo assim investem no bem-estar e no futuro das filhas. Tal demonstra o apoio dado pelos pais quando ingressam na modalidade. A fraca oferta desportiva é confirmada pelo estudo da APMD (2011) que mostrou que existem apenas 20 equipas de futebol de 7 a competir em Portugal, nas diferentes Associações Distritais, e por sua vez, 85% dos clubes não tem nenhuma equipa feminina. Em todo o país não existe nenhuma

equipa de futebol de 11 júnior, e jogam futebol apenas 655 raparigas nos escalões até júnior (APMD, 2011).

No entanto os resultados apresentados indicam que a maior parte das raparigas e treinadores considera que o clube apoia a sua equipa; embora outras refiram que apoia mais os rapazes ou as seniores, é de sublinhar que nenhuma rapariga afirma que o clube não apoia. As respostas dos pais não foram unânimes quanto ao apoio do clube à equipa feminina das filhas; uns acham que sim, outros que não, outros referem que deviam apoiar mais. A bibliografia estudada aponta para a falta de apoio dos clubes. Segundo a APMD (2011) isto acontece quando os clubes extinguem seções femininas evocando dificuldades financeiras, as raparigas treinam em horários mais tardios que os rapazes, recebem prémios inferiores que os rapazes, não têm acesso às mesmas instalações, o trabalho dos/das treinadores/as é desvalorizado quando treinam equipas femininas, recebendo remunerações inferiores, e os recursos financeiros aplicados de forma desigual na comparação setor feminino com o masculino. Alguns resultados em relação ao apoio dos clubes vão de encontro a estes problemas e à falta de apoio, contudo outros entrevistados/as também responderam que o clube apoia a equipa.

De acordo com a pesquisa e com o estudo realizado, a influência social é marcante para a criança e na forma como se avalia a si própria, mas a mais marcante é a escola. A influência social, segundo um estudo de Carvalho (2001), é inquestionável no desporto: o papel dos modelos sócio parentais e de outros, significativos na prática de desporto pelas crianças e jovens, sobretudo na iniciação às modalidades. Maccoby e Jacklin (1987) já referiam que existe uma grande influência dos adultos e dos grupos na escola. Rodrigues (2003) defende que o ambiente social que envolve a criança contribui para a sua aprendizagem e o seu rótulo social de género.

Os resultados provenientes das entrevistas das raparigas permitem perceber que nem todas as famílias incentivam as raparigas a iniciar o futebol. As respostas não permitem encontrar um sentimento unívoco quanto ao incentivo dos pais para as raparigas jogarem futebol. As respostas dispersam-

se pelas diferentes possibilidades de incentivarem, não incentivarem, aceitarem a escolha, o pai incentiva ou não e a mãe também. Apesar dos pais terem aceitado o que as filhas gostam, não será de omitir que foram mais os pais que admitiram que não incentivaram as filhas a jogar do que os que incentivaram.

Quanto ao incentivo dos pais às raparigas para se iniciarem no futebol, os treinadores consideram que cada vez mais vemos os pais interessados no desenvolvimento das filhas, contudo não dão uma resposta única, inclusive para um dos treinadores os pais não incentivam. Constatamos que a maioria das raparigas afirma que os seus pais as apoiaram quando elas quiseram ingressar no clube. A maior parte dos pais confirmaram os resultados das raparigas dizendo que apoiaram as filhas, apenas dois pais admitiram que não apoiaram de início.

Relativamente à influência dos amigos, as respostas não permitem encontrar um sentimento unívoco quanto aos comentários dos amigos em relação às raparigas jogarem futebol, as respostas dispersam-se, uns apoiam, outros criticam, umas apoiam, outras criticam. A educação para Wallon (1979) é a influência exercida pelos adultos sobre as crianças, no sentido de torná-las aptas à vida social e é fundamental perceber este controle dos pais que vai influenciar a iniciação das raparigas no futebol. Daí que o papel que o «outro» tem na consciência do «eu» existe e a moldagem do eu pelo meio faz com que as crianças se entreguem às influências e sejam manipuladas por outrem, tornando o incentivo e apoio dos pais de enorme importância para o início da prática do futebol pelas raparigas.

No que respeita ao interesse do professor de educação física no percurso das raparigas enquanto jogadoras, a maioria delas respondeu que o professor mostra interesse, não omitindo algumas que dizem que os professores não gostam que elas jogam e outros que nem sabem. Cruz (1996) cit por Carvalho (2001) sugere que o papel dos treinadores/professores são elementos que também podem influenciar a atividade física de crianças, no modo como influenciam o processo motivacional das raparigas, sendo importante que o interesse deles esteja presente criando maior envolvimento desportivo nas crianças e jovens. Segundo Rebelo (2009) é necessário que o

professor não diferencie nas suas aulas as raparigas e os rapazes dando-lhes condições adequadas a todos para o desenvolvimento das suas habilidades. Para Hora (2010) o professor é o elo de ligação entre o aluno e a aprendizagem, a atuação do professor é indispensável visto que é dele também o papel de estruturar o caminho dos seus alunos que os levem ao desenvolvimento e, sobretudo, tem influência direta no processo de aprendizagem.

Um estudo de Jorge, M. et al. (2008) em relação à história familiar de jogadoras da seleção nacional, indica que são os irmãos ou primos que são a principal fonte de influência desportiva. Por outro lado, o relacionamento com os pais foi problemático até à juventude e o desporto era motivo de discussão.

Os resultados deste estudo motram a tendência que a principal fonte de influência desportiva é a escola contudo as entrevistadas no estudo são raparigas dos 10 aos 14 anos e no estudo de Jorge.M et al. (2008) são jogadoras da seleção nacional. As respostas indicam que a maioria das raparigas quando eram mais novas jogavam futebol na escola e consideram que a escola foi importante para começarem a jogar. Não será de omitir que uma minoria considera que jogar com irmãos e amigos foi importante para iniciação neste desporto. Por outro lado, as raparigas não mostraram um sentido único de resposta em relação a onde começaram a sentir o gosto por jogar futebol, dispersam-se entre jogar na escola com os amigos, jogar na rua perto de casa, desde pequenas com os amigos, com o pai, com o irmão ou num clube.

No mesmo sentido deste estudo, encontra-se o estudo de Carvalho (2001) onde referem Matos e Graça (1991) que muitas crianças não terão, na sua vida, mais nenhuma experiência de atividade física além da proporcionada na escola, sendo a única instituição social capaz de chegar a todas as crianças. Por outro lado, o mesmo estudo conclui que a socialização desportiva se opera na maior parte durante a infância e na adolescência, e aí a escola reforça o seu papel influenciador na prática desportiva das crianças e jovens, demonstrando a sua importância, tal como os resultados apresentados neste estudo. Segundo os dados da APMD (2011), nota-se um equilíbrio entre inscrições de raparigas

e rapazes, chegando inclusive no escalão júnior aos 45,7%, quase metade de praticantes de raparigas e rapazes. Neste estudo da APMD (2011), o Futsal no Desporto Escolar tem uma taxa de feminização de 24,8%, o que é muito superior à federada, o que demonstra o papel fundamental que a escola e o desporto escolar têm na iniciação das raparigas no futebol (Cruz, Roque e Martins, 2011). Em ambos os estudos, consolida-se a ideia de Almeida e Cruz (2010) de que a importância da escola é de tal forma crucial para a maioria das raparigas, e que a escola constitui a única oportunidade de prática desportiva organizada, com maior facilidade de acesso, sobretudo para idades mais precoces, que têm menos autonomia e maior dificuldade de acesso.

Os comentários positivos que as raparigas ouvem por jogarem futebol são palavras dos: pais, irmãos, família, amigos, professores, bancada, treinadores, jogadoras, na escola, adeptos, pessoas no clube e pessoas que as vêem jogar. Os pais por sua vez ouvem palavras positivas dos familiares, pessoas amigas, conhecidas e não conhecidas. Os treinadores identificam também para além da família e amigos, os adeptos. A maioria dos pais e treinadores, curiosamente ao contrário das raparigas, não ouve palavras negativas pelas filhas e atletas jogarem futebol. Tal mostra que as raparigas sofrem desses comentários negativos, porém os pais não, ou nem se apercebem. Bompa (2005), cit por Ramires (2012) refere que o treinador é um modelo e, por isso, tem facilidade de influenciar em posturas dentro e fora do ambiente desportivo, revelando-se fundamental para as raparigas. No estudo de Carvalho (2001), é de realçar que a criança antes dos 8 anos dá muita importância ao que os pais e outros adultos dizem. Com a idade e a maturação cognitiva, a criança vai aperfeiçoando as competências sociais e vai despendendo mais tempo com os amigos e colegas. Tal tendência vai de encontro aos resultados das entrevistas das raparigas, relativamente aos comentários negativos que ouvem por jogarem futebol. Mais de metade confessa que ouve palavras negativas. Na nossa opinião e com base na pesquisa bibliográfica, as palavras negativas contribuem para a inibição das raparigas na prática do futebol. Essas palavras provêm dos rapazes da escola e fora da escola, de raparigas que não gostam de jogar futebol, pessoas que estão a assistir aos jogos e amigos.

Apesar de o desporto feminino ser, atualmente, perfeitamente visível, continuamos a assistir a uma discriminação por parte da imprensa escrita. Segundo o estudo de Queirós, et al (2005) uma maior cobertura do desporto feminino pode encorajar mais raparigas à prática desportiva. Se o desporto feminino for mais noticiado, as mulheres atletas podem funcionar como modelos para jovens, o que é fundamental. Os resultados das entrevistas mostram que esta tendência se mantém e traduzem-se em relação às figuras de referência das raparigas: os ídolos sendo que a maioria referiu um jogador. Quando foi colocada a questão relativamente a uma figura de referência feminina, jogadora, as respostas dispersaram-se pelas jogadoras séniores das suas equipas, jogadoras de referência em Portugal e no Mundo, umas não conhecem ou não têm ídolo no feminino. No que diz respeito à visibilidade do campeonato nacional de futebol feminino sénior, as raparigas acompanham pouco o campeonato. Os treinadores acompanham o campeonato nacional de futebol sénior e colaboram inclusive nas equipas séniores nos clubes.

O papel da comunicação social é fundamental. As raparigas afirmam que se os jogos de futebol feminino fossem transmitidos na TV, o futebol feminino evoluiria, teria maior importância, valor e interesse. Os pais referem a divulgação como essencial. Na nossa análise, com base na pesquisa bibliográfica, a comunicação social contribui para o aumento da aceitação e visibilidade do desporto feminino. Para os treinadores, o papel da comunicação social no futebol feminino é um passo fundamental para o desenvolvimento da modalidade, o que já começa a acontecer. Silva (2005) refere que os diversos meios de comunicação social são poderosos agentes que influenciam as nossas crenças, atitudes e valores, sobretudo neste tempo em que muitas mulheres no desporto desenvolvem esforços para minimizar noções de diferenças entre sexos socialmente instituídas. O papel dos media não pode ser esquecido, tal como referem os entrevistados, também eles considerando-o fundamental.

A maioria das raparigas e pais não conhece o trabalho que tem sido desenvolvido pelas organizações no sentido do crescimento e desenvolvimento do futebol feminino. As respostas dos treinadores dispersam-se pelas

possibilidades de conhecerem, conhecerem pouco e não conhecerem. Porém, a implementação de projetos como “O Jogo das Raparigas” têm contribuído para o aumento da participação das raparigas e mulheres no futebol e futsal.

Todas as raparigas reconhecem que não há tantas notícias de futebol feminino como de masculino na comunicação social, sentem que dão mais importância ao desporto masculino que ao feminino. Os pais culpam a comunicação social pela forma como a sociedade pense e age. Os treinadores culpam igualmente os media responsabilizando-os pela falta de apoios no desporto feminino. No seguimento desta ideia, o estudo de Silva, P (2005) apresenta o papel dos media, especialmente a desigual representação de homens e mulheres, com múltiplas consequências: na construção dos géneros e na diferença de géneros, na estratificação da sociedade segundo o género e no reforço do mito da passividade e fragilidade feminina.

Em relação ao fato do futebol feminino não ser estruturado e consequentemente não evoluir dado o início tardio da prática da modalidade não ficou bem clara a posição das raparigas. Tanto nos afirmam que pode evoluir, como que não pode evoluir, como não transmitem opinião. Maioritariamente os pais indicam que as raparigas deviam iniciar a prática desportiva aos 5, 6 anos incluindo o futebol. Os treinadores, por um lado, consideram que com trabalho pode-se evoluir iniciando aos 14, 15 anos, por outro, a falta de estrutura e começo tardio não ajuda à evolução. Vera Paw (2011) considera que um desporto cujas praticantes começam aos 14, 15 anos não pode ser estruturado. As raparigas afirmam que a sociedade pensa que o futebol é mais para rapazes. Já os pais e treinadores não foram consensuais, pois uns consideram que é uma ideia ultrapassada e outros concordam com as raparigas. Tal pensamento segue a ideia de Conner (2008) que refere que as divisões de género no desporto têm sido fortes, as performances físicas e jogos foram culturalmente definidos como masculinos ou femininos e a interação entre o desporto e a construção das masculinidades na infância tem sido reconhecida.

As raparigas apontam como motivos para a taxa de feminização até júnior em Portugal ser de 10%, a falta de clubes, falta de escalões, a

localização dos clubes, o gosto das raparigas por outros desportos orientados pela educação que tiveram, até serem séniores não são elas que decidem o que fazem e por não iniciarem o futebol na escola desde crianças. Os pais dão como motivos de iniciação tardia para as raparigas o fato de haver poucos clubes, pouca divulgação e falta de investimento na formação. Os treinadores culpam as organizações que gerem o futebol pela taxa de feminização tão fraca até ao escalão júnior no futebol feminino, considerando que estes números são maus, mas que se estão a inverter.

O futebol é o desporto rei em Portugal, porém as raparigas, os pais e os treinadores, maioritariamente, consideram que não o é quando falamos de futebol feminino. A fidelidade ao futebol das raparigas entrevistadas é de 100%. Quando lhes foi colocada a questão hipotética sobre o que fariam se o clube acabasse, todas responderam que iam para outro clube e continuariam a jogar futebol, afirmação corroborada pelos pais. Constatamos que todos os pais das raparigas dizem que elas iriam continuar a jogar, mesmo se o clube onde elas estão acabasse. Com base na revisão da bibliografia o futebol corresponde a 28,5% do total de praticantes federados/as nas diversas modalidades (Cruz, Roque & Martins, 2011). Porém, os resultados das entrevistas confirmam que o futebol feminino não é desporto rei em Portugal, sobretudo nestas idades. Segundo dados da AMPD (2011) no escalão até júnior o futebol tem apenas 655 praticantes, face a 20497 praticantes de voleibol, o que comprova que o futebol não é desporto rei na vertente feminina.

As raparigas estão satisfeitas com as competições, contudo os clubes que têm apenas o escalão sub-18, não podem ter raparigas com menos de 13 anos a competir. Os pais não estão todos satisfeitos com as competições que as suas filhas participam, pelo enquadramento em escalões de formação muito acima dos escalões delas. Segundo dados da APMD (2011), a percentagem de praticantes nos escalões femininos da Federação Portuguesa de Futebol (2010) é de 89,4% dos escalões júnior e sénior e de apenas 10,6% nos escalões até júnior. Tal fato faz com que as raparigas entrevistadas, não tenham acesso a pratica do futebol no seu escalão, o que, tal como os pais referem obriga a enquadrarem-nas nos escalões superiores.

O número de raparigas que prefere jogar contra raparigas é superior, para outras é-lhes igual e apenas uma prefere jogar contra rapazes. Tal como as filhas, os pais preferem que as suas meninas joguem contra raparigas, contudo reconhecem que jogar contra rapazes é bom para a sua evolução. Todos os treinadores se mostraram satisfeitos com as competições em que estão inseridos e, tal como os pais, preferem que as raparigas joguem contra raparigas, mas não obstante, reconhecem que é importante para a sua evolução jogar contra rapazes nestas idades. Segundo estudo da Associação Portuguesa de Mulheres e Desporto (2011), 638 jogadoras estão a jogar em equipas mistas, nos escalões de infantis, benjamim, traquinas e petiz.

Em relação às perspetivas que têm no futebol feminino, as raparigas entrevistadas pretendem continuar no futebol até ao escalão sénior. Os resultados provenientes das entrevistas mostraram que nenhuma rapariga nos diz que os pais não incentivam a continuar, umas dizem que não incentivam, outras dizem que os pais não influenciam e concordam com o desporto que elas gostam. Os pais, maioritariamente, referem que as suas filhas jogam até quando quiserem mostrando o seu apoio. A influência familiar é muito positiva para o crescimento do futebol feminino.

Para as raparigas, o futebol feminino poderá vir a ter mais jogadoras, haver igualdade, mais pessoas a gostar de futebol feminino, mais visibilidade, e algumas acreditam que poderá vir a ser como ao futebol masculino.

A Federação Portuguesa de Futebol e o Sindicato Jogadores Profissionais de Futebol, lançaram em 2012 um projeto denominado Projeto Futebol Feminino, que começa a dar frutos para um futuro melhor da modalidade na vertente feminina. As raparigas consideram que o futuro do futebol feminino passa por uma maior visibilidade. Os pais dizem que Portugal pode vir a ser uma potência no futebol feminino, tão visto como ao masculino, evoluir a sua formação, ter maior visibilidade, ser a modalidade mais jogada em Portugal tanto no masculino como no feminino, pode ser mais valorizado. Por outro lado, há pais que acham que se continuar assim não se vê evolução porque apostam mais no masculino, que gostavam que chegasse ao nível dos rapazes. No geral os pais creem que o futebol feminino vai evoluir porque tem

condições para progredir. Os treinadores têm boas perspetivas sobre o que poderá vir a ser o futebol feminino em Portugal. Evoluir não só em relação ao nível de jogo como em número de praticantes, maior apoio, maior organização, criação de mais competições, mais atletas a fazerem o seu percurso desde muito jovens até séniores.

6. CONCLUSÕES

O futebol é o desporto rei em Portugal, contudo não o é, quando falamos de futebol feminino e com uma realidade apenas amadora. A taxa de feminização no futebol é muito baixa, sobretudo nos escalões de formação. A problemática da iniciação das raparigas no futebol, e a sua entrada tardia na modalidade foi estudada através da perspetiva das raparigas, dos pais e dos treinadores. Deste modo, o universo feminino tem vindo a conquistar o seu espaço no futebol do nosso país.

No âmbito deste estudo, considerando os seus grandes temas, é possível salientar os seguintes aspetos conclusivos.

O futebol tem um papel fundamental na vida das raparigas entrevistadas. Elas apontaram como motivos para começar a jogar, o amor pelo futebol, o gosto que sempre manifestaram pela modalidade, o jogar desde pequenas, o sonho, o incentivo de amigas e a influência familiar. Os pais também gostam de futebol e aceitam que elas joguem. A paixão por futebol é referida pelos/as entrevistados/as.

A oferta desportiva para as raparigas no futebol é escassa. Há poucos clubes com formação e distantes da sua zona residencial. É de louvar o empenho que os pais entrevistados se esforçam no sentido de satisfazer a vontade das filhas, deslocando-se a maior parte das vezes para muito longe, fazem esse esforço e mencionam que se o clube fosse ainda mais longe as levariam. As raparigas e os treinadores consideram que os clubes apoiam as suas equipas, embora esse empenho seja mais evidente em relação aos rapazes e às séniores. Por sua vez, os pais não concordam.

O fator mais decisivo para as raparigas iniciarem o futebol é a escola. As entrevistadas confirmaram a importância desse começo. O gosto por jogar futebol começou na escola, com os amigos, na rua perto de casa, com o pai, com o irmão ou num clube.

Nem todas as famílias incentivam as raparigas a iniciar a modalidade. Os treinadores consideram que cada vez mais se vê pais interessados na realização das filhas. Quando elas entraram no clube, os pais apoiaram. Os professores de educação física, de uma forma geral, mostram interesse por elas jogarem futebol. Relativamente aos amigos tanto apoiam como criticam. As raparigas confessam que tanto ouvem comentários positivos como negativos. A maior parte dos pais e treinadores não ouve palavras negativas, revelando que as raparigas sofrem desses comentários, porém os pais e os treinadores nem se apercebem deles.

As raparigas têm como figura de referência um jogador, e não uma jogadora. Acompanham pouco o campeonato nacional sénior, porque tem pouca visibilidade. As entrevistadas reconhecem que o papel da comunicação social é fundamental, para o futebol feminino evoluir e ter maior importância e interesse. Os pais referem a divulgação como essencial. Para os treinadores, é um passo basilar para o desenvolvimento da modalidade, o que já começa a acontecer. As jogadoras sentem que dão mais importância ao desporto masculino. Os pais e treinadores responsabilizam a comunicação social pela falta de apoios no desporto feminino e pela forma como as pessoas pensam na sociedade. Por outro lado, a maioria dos entrevistados não conhece o trabalho que tem sido feito pelas organizações, para o crescimento e desenvolvimento do futebol feminino.

As meninas concordam que na sociedade se pensa que o futebol é mais para rapazes, já os pais não foram consensuais tal como os treinadores. Para os pais, elas deveriam iniciar o futebol aos 5, 6 anos. Os treinadores aferem que iniciando aos 14, 15 anos é começar tarde, que não ajuda à evolução, e mostra a falta de estrutura no futebol feminino.

As entrevistadas apontam como motivos para o início tardio das raparigas no futebol a falta de clubes, falta de escalões, a localização dos clubes, o gosto das raparigas por outros desportos orientados pela educação que tiveram, a dificuldade de decisão antes de serem séniores, e, por não incentivarem o futebol na escola desde crianças. Os pais consideram que é pelo facto de haver poucos clubes, pouca divulgação e falta de investimento na

formação. Os treinadores entendem que a taxa de feminização até ao escalão júnior é má, mas que esta situação se está a inverter. O futebol é o desporto rei em Portugal, porém os/as entrevistados/as consideram que não o é quando falamos de futebol feminino.

A fidelidade ao futebol das entrevistadas é de 100%. Constatamos também, o apoio dos pais para a sua continuidade no futebol. As raparigas e treinadores estão satisfeitos/as com as competições onde estão inseridos/as, contudo os clubes que têm apenas o escalão sub-18, não podem ter raparigas com menos de 13 anos a competir. Os pais não estão todos satisfeitos, pelo enquadramento das filhas em escalões de formação muito acima dos escalões delas. As raparigas, os pais e treinadores preferem que joguem contra raparigas, contudo reconhecem que jogar contra rapazes é bom para a sua evolução.

Em suma, percebeu-se que apesar dos pais preferirem na sua maioria que as suas filhas joguem contra raparigas, reconhecem que jogar contra rapazes é fundamental para o seu crescimento. Os treinadores defendem também a opinião de que é um grande contributo para a sua evolução. Por outro lado, a partir dos 13 é importante começar a haver escalões femininos porque a partir dessa idade já têm de jogar no escalão sub-18 feminino. É fundamental para a iniciação das raparigas no futebol que ocorre mais tardiamente que existam clubes para o seu escalão, onde elas possam jogar, e no Porto, apenas um clube tem equipa sub-13 feminina a competir contra rapazes. As outras equipas femininas competem todas no campeonato de futebol de 7 no escalão de sub-18. Começa aqui o problema: precisamente a falta de clubes com futebol feminino para crianças, sobretudo com menos de 14, 15, 16 anos, e o seu enquadramento competitivo. Já as meninas com menos de 13 anos só têm oportunidade de jogar/competir se for contra/com rapazes.

As raparigas entrevistadas pretendem continuar no futebol até às equipas séniores. Os pais confirmam o seu apoio, o que é muito positivo pois a influência familiar é determinante para o crescimento do futebol feminino.

As perspetivas de algumas das raparigas são que o futebol feminino poderá vir a ter mais jogadoras, haver igualdade, mais pessoas a gostar de futebol feminino, mais visibilidade. Para outras, a perspetiva é bem mais ambiciosa pois acreditam que no futuro o feminino estará equiparado ao masculino. Poderá até vir a ser como ao futebol masculino, embora considerem, sobretudo, que o futuro passa pela maior visibilidade.

As perspetivas dos alguns pais são que Portugal pode vir a ser uma potência no futebol feminino, tão visto como o masculino, evoluir a sua formação, ter maior visibilidade, ser a modalidade mais jogada em Portugal tanto no masculino como no feminino, poder ser mais valorizado. Para outros com uma opinião menos positiva, o futebol feminino não terá grandes progressos, se continuar assim não se vê evolução porque apostam mais no masculino. No geral, os pais querem crer na evolução do futebol feminino porque o futebol feminino tem “pés para andar”.

Os treinadores têm boas perspetivas sobre o que poderá vir a ser o futebol feminino em Portugal. Evolução não só em relação ao nível de jogo como em número de praticantes, maior apoio, maior organização, criação de mais competições, mais atletas a fazerem o seu percurso desde muito jovens até séniores.

Durante a investigação, o futebol feminino já evoluiu bastante. Um dos clubes presentes no estudo, tem atualmente, Setembro de 2013, cerca de 120 jogadoras federadas nos diferentes escalões, um número que serve de exemplo para o crescimento que o futebol feminino tem tido nos últimos tempos.

Por isso, o Futebol Feminino em Portugal pode continuar a evoluir como tem vindo a acontecer, com o aparecimento de mais atletas, com mais anos de prática e melhor formação, de forma a que no futuro o Campeonato Nacional seja mais competitivo e apelativo para o público.

Em relação às perspetivas tanto das raparigas como dos pais e dos treinadores diferem, umas são mais sonhadoras que outras, a realidade é que o futebol feminino nos últimos anos evoluiu tem andado o que não andou

durante décadas. As organizações e os seus projetos, como o “Jogo das Raparigas” têm um papel fundamental neste processo, sensibilizando e intervindo diretamente sobre as equipas. Contudo, o trabalho a desenvolver ainda está no início. Em Portugal a iniciação das raparigas no futebol faz-se muito tardiamente e tal acontece pela orientação da família, pela escola, pela invisibilidade do futebol feminino que afasta as raparigas dos desportos tipicamente femininos. Através das nossas entrevistadas, percebeu-se também que a maioria das raparigas que jogam em clubes, são apoiadas pelos pais, portanto será porventura nas raparigas que não jogam futebol que estão os pais que as inibem de ir jogar para um clube. Por outro lado, os quadros competitivos e encargos dos clubes também servem de motivos para a não aposta no futebol feminino. Por sua vez, tem que haver visibilidade e promoção, para aumentar a participação e o acesso ao futebol feminino, desenvolvendo-o, é aí que podem crescer e desenvolver esta modalidade tão popular no nosso país.

A Associação Portuguesa de Mulheres no Desporto, em 2011, finalizou propostas e medidas em três grandes áreas: Iniciação e formação; quadros competitivos e encargos com a competição federada; promoção e visibilidade. Na iniciação e formação foram aplicadas medidas para a prática desportiva na escola, prática desportiva de base/local e na prática desportiva federada. Para os quadros competitivos foram aplicadas medidas no futebol e no futsal e por fim na promoção da visibilidade foi tomada uma posição pública. Para além disso, também a Federação Portuguesa de Futebol e o Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol lançaram em 2012 o “Projeto Futebol Feminino” com medidas para o avanço do futebol feminino em Portugal. As organizações começam a trabalhar em conjunto para esse desenvolvimento que já começa a conhecer evolução e crescimento. As perspetivas aumentaram com estes apoios mais recentes e o caminho a percorrer é longo mas cheio de conquistas pela frente.

7. BIBLIOGRAFIA

- Almeida, C.M. & Cruz, I. (2010). *Treinadoras – dirigir outros desafios*. Associação Portuguesa Mulheres e Desporto.
- Almeida, L. & Freire, T. (1997). *Metodologia da investigação em Psicologia e Educação*. Editora: Psiquilibrios.
- Alves, S. (2003). *DECO “O Preço da Glória”*. Editora: Prime Books.
- Ann Oakley (1972). *Sex, Gender and Society*. London: Temple Smith
- APMD, Associação Portuguesa Mulheres e Desporto (2011). *Senhoras a jogar... FOOT-BALL? O Jogo das Raparigas*.
- APMD, Associação Portuguesa Mulheres e Desporto (1999). *Declaração de Lisboa sobre Mulheres e Desporto*.
- APMD, Associação Portuguesa Mulheres e Desporto (2003). *Declaração do Porto sobre Mulheres e Desporto*.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Edições 70. Lisboa, Portugal;
- Bento, J. O. (2004). *Desporto discussão e substância*. Editora Campo de Letras, Porto.
- Botelho Gomes, P. et al. (2005). *II Congresso Internacional Mulheres e Desporto – agir para a mudança*. Lisboa: Associação Portuguesa Mulheres e Desporto.
- Botelho Gomes, P. et al. (2000). *Equidade na Educação. Educação Física e Desporto na Escola*. Lisboa.
- Cardona, M. J. et al. (2010). *Guião de Educação Género e Cidadania. Educação Pré-escolar*. Lisboa.
- Carvalho, P. (2001). *Influência do meio sócio – familiar e escolar no desenvolvimento desportivo dos jovens*. Dissertação apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Cervo, A. L. & Bervian, P. A. (1983). *Metodologia científica*. São Paulo: Mc Graw-Hill.
- Connell, R. (2008). *Masculinity construction and sports in boys’ education: a framework for thinking about the issue*. Sport, Education and Society, University of Sydney, Australia.
- Constantino (2002). *Um Novo rumo para o Desporto*. Livros Horizonte.
- Corrêa, E. (2010). *Memórias da Natação Feminina no Brasil: Da inserção ao contexto atual*. Faculdade de Educa o Física (UFPA/PA).

- Costa, J. (2009). Análise e Caracterização da Estruturação do Departamento Desportivo de Futebol de dois Clubes de Elevada Dimensão em Portugal. Dissertação apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Couto, C (2012). Entrevista ao Sindicato de Jogadores de Futebol Profissional. Embaixadora do Futebol Feminino em Portugal SJFP.
- Cruz, I. et al. (2011). O Jogo das Raparigas. Folha de Dados/2011. Associação Portuguesa Mulheres e Desporto.
- Elias, N.(1992). Ensaio sobre o desporto e a violência. A busca da excitação. Lisboa: Difusão Editorial Lda
- EnglishInfo (2010). The History of Women's Football. *Women's football soccer*.
[http://english.turkcebilgi.com/Women's+football+\(soccer\)](http://english.turkcebilgi.com/Women's+football+(soccer)).
- França, A. L. & Schimanski, É. (2009). Mulher, trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil.
- Galliano, A. G. (1979). O Método Científico. Teoria e Prática. São Paulo: Harbra – Harper & Row do Brasil Lda.
- Garganta, J. (2005). Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter)acção, para um Futebol com pés... e cabeça. *O contexto da decisão*. A Acção táctica no desporto (pp. 179-190).
- Género, CIG. (2007). A Igualdade de Género em Portugal. *Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género*. Editora: Dina Canço. Lisboa.
- GIDDENS, Anthony et al. (1997) Modernidade reflexiva: trabalho e estética na ordem social moderna. Espaço Academico. São Paulo.
- Gomes, C. (2006). Motivação para a Prática do Futebol. Motivos para a prática, objectivos de realização e crenças quanto às causas de sucesso, de jovens pertencentes a escalões de formação de Futebol. Dissertação de Licenciatura na área de Rendimento de Futebol apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Gomes, D. (2009). Alguns Pressupostos determinantes na Formação do Jovem Futebolista. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Hora, V. (2010). Educação física escolar: papel do professor nas aulas de educação física nas séries iniciais do ensino fundamental. Academia UNIMEP, 8º simpósio de ensino de graduação (Desafios da educação superior na agenda do novo milénio).
- Jorge, M. et al. (2008). História da atleta nacional do futebol feminino. Instituto Politénico de Santarém, ESDRM.
- Lakatos, E. & Marconi, M. (1990). Técnicas de Pesquisa. Editora: Atlas S.A. São Paulo.
- Leal, M. & Quinta, R. (2001). O Treino no Futebol: Uma Concepção para a Formação. Braga.

Lemos, H. (2005). Projecto de Formação em Futebol. Um passo importante para a construção de um processo de formação de qualidade. Dissertação apresentada à faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Maças, A. (2005). Influência dos meios de comunicação social na apreciação estética do desporto: estudo comparativo entre alunos de desporto e de som e imagem. Dissertação de mestrado apresentada à faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Maccoby, E. (1998). *The two sexes: Growing up apart, coming together*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Moita, M. (2008). Um percurso de sucesso na formação de jogadores em futebol. Dissertação apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Martin, C. & Halverson, C. (1981). 'A schematic processing model of sex typing and stereotyping in children', *Child Development*, 52.

Martins, Maria (2011). Iniciação e formação no futebol e futsal. Propostas de Iniciação e Formação no futebol e futsal. "O jogo das Raparigas".

Patton, M. Q. (2002). *Qualitative Research & Evaluation Methods*. Sage Publications.

Pereira, A. (2007). A competição no processo de formação dos jovens futebolistas em Portugal. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Pereira, A. & Poupa, C. (2006). Como escrever uma tese, monografia ou livro científico usando o Word (Vol. 3ª Edição). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

Pinheiro, M. C. (2008). Os media e o desporto: análise dos géneros masculino e feminino nos jornais desportivos. *III congresso português de sociologia*, Celta Editora.

Pinheiro, M. C. (2012). Women's sport in Portugal from 1974 to 2000. *The internacional journal of the history of sport*, 339-352.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2003). Manual de investigação em ciências sociais (J. M. Marques & M. A. Mendes, Trad.) Lisboa: Gradiva.

Rebelo, R. (2009). Autopercepção das competências profissionais: estudo em professores de educação física a exercer funções nos concelhos de Resende, Cinfães e Baião. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Rodrigues, P. (2003). Questões de género na infância. Lisboa: Horizontes pedagógicos.

Rosário, A. T. (1997). O Desporto em Portugal. Reflexo e projecto de uma cultura. Epistemologia e sociedade. Instituto Piaget. Lisboa.

Ruiz, J. Á. (1976). Metodologia Científica – Guia para eficiência nos estudos. Editora: Atlas S.A. São Paulo.

Silva, P., Botelho Gomes & P.; Queirós, P. (2005). A construção / estruturação do género na aula de educação física no ensino secundário. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Silva, P. et. al (2008). As relações de género no espaço da educação física – a percepção de alunos e alunas (Vol. 8) Universidade do Porto – Faculdade de Desporto: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Escola de Educação Física do Brasil.

Silva, P. et al (2006) Género e desporto. A construção de feminilidades e masculinidades. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital – Buenos Aires – Ano 11 – Nº96.

SJPF (2012). Projecto Futebol Feminino. Comunicação apresentada pelo Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol.

Tomé, J. (2008). Jornal Destak. *Dificuldades suplantadas pelo nosso amor ao futebol*. 17-Dez-2008.

Vera Paw (2011). I Seminário Internacional “O Jogo das Raparigas”. Associação Portuguesa Mulheres e Desporto. Porto

Volpato, G. L. (2010). Pérolas da redação científica. Cultura Acadêmica Editora. São Paulo.

Wallon, H. (1979). Psicologia e educação da criança. Lisboa: Editorial Vega.

Williams, J. (2003). A Game for Rough Girls. A history of women's football in Britain. London: Routledge.

8. ANEXOS

TEMAS DAS ENTREVISTAS:

Pergunta 1	Significado Futebol
Pergunta 2	Motivos início Futebol
Pergunta 3	Proximidade clube/casa
Pergunta 4	Distância clube/casa (Hipotética)
Pergunta 5	Importância Futebol feminino para o clube
Pergunta 6	Incentivo Pais início futebol
Pergunta 7	Apoio Pais
Pergunta 8	Incentivo Professor Ed. física
Pergunta 9	Posição amigos/amigas
Pergunta 10	Infância na escola
Pergunta 11	Importância escola/ início do futebol
Pergunta 12	Desporto Escolar
Pergunta 13	Gosto pelo futebol
Pergunta 14	Visibilidade/Figuras de referência
Pergunta 15	Visibilidade/Figuras referência no feminino
Pergunta 16	Visibilidade Campeonato Nacional futebol feminino
Pergunta 17	Opiniões positivas
Pergunta 18	Opiniões negativas
Pergunta 19	Pressuposto visibilidade
Pergunta 20	Desporto estruturado
Pergunta 21	Motivos início tardio
Pergunta 22	Valorização prestações desportivas femininas
Pergunta 23	Futebol masculino - feminino visto como outro desporto
Pergunta 24	Taxa feminização em Portugal
Pergunta 25	Nova escolha desportiva (Hipotética)
Pergunta 26	Competições / Preferências
Pergunta 27	Influência social / Continuidade
Pergunta 28	Conhecimento trabalho organizações
Pergunta Final	Futebol feminino o que poderá vir a ser

GUIÃO DAS ENTREVISTAS:

DISSERTAÇÃO – MESTRADO DESPORTO PARA CRIANÇAS E JOVENS

Rita Lima

Este guião visa orientar uma entrevista estruturada realizada às raparigas, pais e treinadores de futebol, visando o estudo da perspetiva das jovens jogadoras, da família e treinadores em relação à iniciação das raparigas no futebol.

GUIÃO DA ENTREVISTA

FASE PREVIA

1º - Apresentação institucional e do objeto de estudo:

O meu nome é Rita Matos Teixeira de Lima e sou aluna do Mestrado de Desporto para Crianças e Jovens na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto; estou a realizar um estudo no âmbito da dissertação de mestrado sobre a perspetiva das jovens jogadoras, da família e treinadores (as) em relação à iniciação das raparigas no futebol.

2º - Solicitar autorização para gravar a entrevista:

Agradeço a sua disponibilidade para me receber e gostaria de saber se me permite a gravação da entrevista para facilitar a recolha e o tratamento da informação.

- No caso das raparigas, dado que todas são menores devem os pais permitir a gravação assinando a ficha de consentimento informado para as suas filhas.

3º - Entregar documento (Ficha de Consentimento Informado) que garante a confidencialidade da entrevista:

Gostaria de lhe solicitar a assinatura deste documento, em que se declara que tomou conhecimento dos objetivos do estudo e nos comprometemos a utilizar os elementos recolhidos nesta entrevista apenas para fins académicos.

FASE INTRODUTÓRIA

1º - Solicitar uma apresentação genérica do clube:

Pode caracterizar, de uma forma breve, o clube? (solicitar a identificação do clube e a data de criação da equipa feminina/escalão- aos treinadores)

2º - Solicitar a apresentação do entrevistado:

Raparigas: Gostaria que me falasses um pouco sobre a tua entrada no clube, há quanto tempo jogas, se já jogavas futebol na escola, na rua, em que escola andas, o que mais gostas de fazer no teu dia-a-dia.

Pais: Gostaria que me falasse um pouco de si, se praticou desporto, se jogou futebol, se gosta de futebol, se acompanha futebol feminino, se tem mais filhos praticantes da modalidade.

Treinadores: Gostaria que me falasse um pouco da sua posição no clube, experiência profissional e especificamente no futebol feminino, idade e formação académica e técnica.

FASE PRINCIPAL

A fase principal da entrevista consiste nas seguintes questões:

Pergunta 1:

Raparigas: O que é para ti o futebol?

Pais e treinadores(as): O que é para si o futebol?

Pergunta 2:

Raparigas: Porque começaste a jogar futebol?

Pais: Porque começou a sua filha a jogar futebol?

Pergunta 3:

Raparigas: O clube onde jogas é perto de tua casa?

Pais: O clube onde a sua filha joga é perto de sua casa?

Pergunta 4:

Raparigas: Se o clube onde jogas fosse mais longe achas que os teus pais te levariam?

Pais: Se o clube onde ela joga fosse mais longe levá-la-ia para esse clube?

Pergunta 5:

Raparigas: O teu clube apoia a tua equipa? Apoia-a da mesma forma que as outras equipas do clube?

Pais e Treinadores(as): O clube apoia a equipa feminina de futebol? Apoia da mesma forma que outras equipas do clube?

Pergunta 6:

Raparigas: Os teus pais incentivaram-te para começares a jogar futebol?

Pais: Incentivou a sua filha a jogar futebol? Gosta da modalidade Futebol?

Treinadores(as): Acha que a maioria das raparigas são incentivadas a jogar futebol pela família?

Pergunta 7:

Raparigas: Os teus pais apoiaram-te quando quiseste entrar no clube?

Pais: Apoiou a sua filha quando quis entrar no clube?

Pergunta 8:

Raparigas: O/a teu professor/a de educação física mostra interesse e apoio no teu percurso como jogadora de futebol?

Pergunta 9:

Raparigas: O que é que os teus amigos e amigas te dizem de tu jogares futebol?

Pergunta 10:

Raparigas: Na escola quando eras mais pequena jogavas futebol?

Pergunta 11:

Raparigas: A escola foi importante para começares a jogar futebol?

Pergunta 12:

Raparigas: A tua escola tem, no âmbito do desporto escolar, equipa de futsal feminina?

Pergunta 13:

Raparigas: Onde começaste a sentir o gosto por jogar futebol?

Pergunta 14:

Raparigas: Tens algum ídolo para ti que é uma referência no futebol? Alguém que gostas de ver a jogar futebol?

Pergunta 15:

Raparigas: No caso da resposta ser um jogador, questionar quanto a uma jogadora.

Pergunta 16:

Raparigas: Acompanhas o Campeonato Nacional de futebol feminino sénior?

Treinadores(as): Acompanha o Campeonato Nacional de futebol feminino sénior?

Pergunta 17:

Raparigas: Ouves palavras positivas pelo facto de jogares futebol? De quem?

Pais: Ouve palavras positivas pelo facto da sua filha jogar futebol? De quem?

Treinadores(as): Ouve palavras positivas pelo facto de treinar futebol feminino? De quem?

Pergunta 18:

Raparigas: Ouves palavras negativas pelo facto de jogares futebol? De quem?

Pais: Ouve palavras negativas pelo facto da sua filha jogar futebol? De quem?

Treinadores(as): Ouve palavras negativas pelo facto de treinar futebol feminino? De quem?

Pergunta 19:

Raparigas: “Se fossem transmitidos jogos de futebol feminino na TV, o que achas que aconteceria à modalidade”?

Pais: “Se fossem transmitidos jogos de futebol feminino na TV, o que acha que aconteceria à modalidade”?

Treinadores(as): “Se fossem transmitidos jogos de futebol feminino na TV, o que acha que aconteceria à modalidade”?

Pergunta 20:

Raparigas: Há quem ache, que se as raparigas iniciam a prática de futebol aos 14, 15 anos o futebol feminino não consegue evoluir. O que pensas disto?

Pais: Quando é que pensa que uma criança deve começar a prática desportiva? A sua resposta inclui o futebol?

Treinadores(as): Vera Paw (2011), ex-selecionadora sueca com um longo currículo em vários países no futebol feminino, referiu em Portugal no Seminário Internacional do projeto “Jogo das Raparigas” que: “Um desporto cujas praticantes começam aos 14, 15 anos, não pode ser estruturado”. O que pensas disto?

Pergunta 21:

Raparigas: Há muita gente que pensa que o futebol é mais para os rapazes? O que achas disto?

Pais e Treinadores(as): Há muita gente que pensa que o futebol é mais para os rapazes? O que acha disto?

Pergunta 22:

Raparigas: Costumas ver jornais ou TV? Achas que há tantas notícias de desporto feminino como de masculino? O que pensas em relação a essa diferença?

Pais e Treinadores(as): Em que medida entende que a pouca importância dada ao desporto feminino pela comunicação social (TV, jornais) é responsável pelo menor número de praticantes e menor apoio?

Pergunta 23:

Raparigas: O futebol é o desporto rei no nosso país. Achas que também o é quando falamos de futebol feminino? (No caso de a resposta ser não) Porquê?

Pais e Treinadores(as): O futebol é o desporto rei no nosso país. Acha que também o é quando falamos de futebol feminino? (No caso de a resposta ser não) Porquê?

Pergunta 24:

Raparigas: Das jogadoras de futebol em Portugal só cerca de 10% são dos escalões até júnior. O que pensas sobre isto?

Pais e Treinadores(as): Das jogadoras de futebol em Portugal só cerca de 10% são dos escalões até júnior. O que pensa sobre isto?

Pergunta 25:

Raparigas: O teu clube acabava com a equipa. O que farias?

Pais: O clube da sua filha acabava com a equipa. O que faria?

Pergunta 26:

Raparigas: Estás satisfeita com a forma como estão organizadas as competições que fazes no futebol? Jogas contra rapazes? Preferias jogar só com raparigas?

Pais: Está satisfeito(a) com as competições que a sua filha faz no futebol? Joga contra rapazes? Preferia que ela jogasse só com raparigas?

Treinadores(as): Está satisfeito(a) com as competições que tem na sua equipa? Jogam contra rapazes? Preferia que jogassem só com raparigas?

Pergunta 27:

Raparigas: Até quando queres jogar futebol? De que forma é que os teus pais te influenciam para continuares a jogar futebol?

Pais: Quer que a sua filha continue a jogar? Até quando pensa que ela o fará? Terá o seu apoio para continuar a jogar?

Pergunta 28:

Pais: Conhece o trabalho que tem sido feito pelas organizações para o crescimento e desenvolvimento do futebol feminino?

Treinadores(as): Conhece o trabalho que tem sido feito pelas organizações para o crescimento e desenvolvimento do futebol feminino? Qual o seu papel na relação escola/clube enquanto promotor da prática de futebol pelas raparigas?

Procederei, à parte final abordando aos entrevistados a seguinte questão:

Pergunta Final:

Raparigas/Pais/Treinadores(as): O que poderá vir a ser o futebol feminino em Portugal?

Por fim, na fase final da entrevista vou deixar um espaço aberto para alguma questão/assunto que o entrevistado queira falar e proceder de seguida aos agradecimentos.

FASE FINAL

Agradecimentos

OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO NESTE ESTUDO!

Rita Lima